

UFAL

FACULDADE DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA

**OPERAÇÃO *AGREE* E CONSTRUÇÕES PARTITIVAS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU**

Mirian Santos de Cerqueira

Universidade Federal de Alagoas
Campus Aristóteles Calazans Simões
Tabuleiro dos Martins
57072-970 – Maceió – Alagoas
Fone: (082) 3214.1640/ 3214.1463

MIRIAN SANTOS DE CERQUEIRA

**OPERAÇÃO *AGREE* E CONSTRUÇÕES PARTITIVAS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas.

**Orientadora no Brasil: Profa.
Dra. Maria Denilda Moura**

**Orientador em Portugal: Prof.
Dr. João Miguel Marques da
Costa**

MACEIÓ
2009

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico
Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

C416o Cerqueira, Mirian Santos de.
Operação agree e construções partitivas no português brasileiro e no português europeu / Mirian Santos de Cerqueira, 2009.
184f.

Orientadora: Maria Denilda Moura.

Co- Orientador: João Miguel Marques da Costa.

Tese (doutorado em Letras e Linguística: Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2009.

Bibliografia: f. [168]-175.

Anexos: f. [175]-184.

1. Linguística. 2. Língua portuguesa – Concordância. 3. Operação Agree.
4. Língua portuguesa – Brasil. 5. Língua portuguesa – Europa. 6. Construções Partitivas. I. Título.

CDU: 801.5

MIRIAN SANTOS DE CERQUEIRA

**OPERAÇÃO AGREE E CONSTRUÇÕES PARTITIVAS NO
PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU**

Tese apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Doutor em Linguística, pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística, da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, para a seguinte banca examinadora:

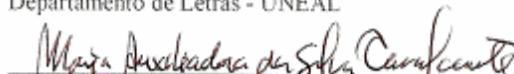
Orientadora:



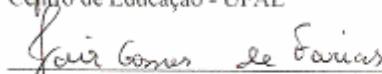
Profa. Dra. Maria Denilda Moura
Departamento de Linguística/ Faculdade de Letras - UFAL



Profa. Dra. Maria Francisca Oliveira Santos
Departamento de Letras - UNEAL



Profa. Dra. Maria Auxiliadora da Silva Cavalcante
Centro de Educação - UFAL



Prof. Dr. Jair Gomes de Farias
Departamento de Linguística/ Faculdade de Letras - UFAL



Profa. Dra. Telma Moreira Vianna Magalhães
Departamento de Linguística/ Faculdade de Letras - UFAL

Maceió, 7 de maio de 2009

*Esta pesquisa foi parcialmente financiada por uma bolsa do CNPq e por uma bolsa da
CAPES.*

Aos meus pais, **Manoel Marques de Cerqueira e Ana Maria Santos de Cerqueira**, por serem responsáveis por grande parte do que eu sou, por terem compreendido que o maior bem que poderiam me deixar seria o acesso à educação.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, meus agradecimentos vão para a grande responsável por eu ter me tornado grande parte do que eu sou como pesquisadora e como ser humano: a professora DENILDA MOURA, que estendeu as mãos para uma recém-chegada à Universidade Federal de Alagoas, por ter me orientado durante 03 anos no Grupo PET/Letras e por ter me “aceito de volta” no Doutorado. Se não fossem suas palavras de incentivo, segurança, força e todo o auxílio ao longo de todos esses anos, eu jamais teria chegado até aqui! Obrigada por acreditar em mim!!!

Ao Prof. Dr. JOÃO COSTA, por ter me orientado durante o Estágio de Doutorado-Sanduíche na Universidade Nova de Lisboa, por sua paciência, força, disponibilidade, gentileza, compreensão, apoio, por sempre respeitar as minhas escolhas, sugerir caminhos, ler pacientemente todos os meus textos, acreditar no meu trabalho, e por ser a pessoa incrível que é! Obrigada pela oportunidade! Ser sua orientanda durante 01 ano foi mais do que uma honra para mim!

A minha amiga CLÁUDIA ROBERTA TAVARES SILVA (CLAUDINHA), por ser uma das principais responsáveis por eu ter chegado até aqui, pelo seu encorajamento, por suas inúmeras orientações teóricas (na elaboração de projetos, resumos, *handouts*, tese, ao longo dessa jornada), por rever todos os meus textos, sugerir mudanças e, acima de tudo, pela amizade e companheirismo incondicionais, que já duram mais de uma década!!! Obrigada por tudo, minha AMIGA!!!

A JAIR GOMES DE FARIAS, pela fidelidade-amizade de amigo-irmão, pelos sonhos e conquistas partilhados nessa nossa jornada de mais de uma década, por acreditar tanto em mim, por ser o AMIGO de todas as horas, por ser crítico, por ser lingüista (e por não sê-lo), por ser esse grande gerativista e ser humano que eu admiro tanto!

Aos meus pais, MANOEL MARQUES e ANA MARIA, principalmente à minha MÃE QUERIDA, por tudo o que ela representa para mim, por seu amor incondicional, e por aceitar meus “voos”, mesmo sem compreender os porquês! Obrigada por tudo, sempre!!!

Às minhas queridas irmãs, SÔNIA e DÉBORA, pelo amor incondicional, pelas experiências compartilhadas a cada dia e por acreditarem tanto em mim!

À minha sobrinha querida, LUANINHA, orgulho da tia!!!

Ao meu eterno amigo LÉO (*in memoriam*), por todas as palavras encorajadoras e inúmeras lições de vida, por acreditar tanto em mim e que eu conseguiria...

A minha amiga LÚCIA DE FÁTIMA GOMES (*in memoriam*), por ser um exemplo de luta, amor, dedicação, profissionalismo, e por ter sido sempre uma grande incentivadora daqueles que a cercaram.

Ao PROF. JOSÉ MÁRIO, por ter sido o meu primeiro exemplo como professor e por ser responsável em grande parte pelo que sou como ser humano... “A meu mestre, com carinho”!

À minha amiga ANDRÉA FARIAS (DÉA), por simplesmente ser a amiga que todo mundo gostaria de ter, por ser minha “guru”, por me aturar nas minhas crises existenciais e por ter sempre uma palavra de ânimo e força! Obrigada por tudo, amiga!

A PAULO VILHENA, pelos momentos inesquecíveis, por me apresentar uma Lisboa cheia de encantos e por TUDO mais...

À RITA MURICI, pela amizade incondicional, pelo auxílio nas horas difíceis, por ser o ser humano maravilhoso que é!

À DINA (*in memoriam*), minha amiga “*portuguesa com certeza*”, por me acolher tão gentilmente em sua casa durante o ano de meu Doutorado Sanduíche, por sua amizade incondicional, pela torcida pra que eu realizasse todos os meus objetivos, por partilhar comigo sua sabedoria, compreensão e os deliciosos *gelados de chocolate*! Obrigada por tudo, minha amiga querida! Os céus se alegram com a sua chegada!!!

À amiga SIMONE FLORUPI, por compartilhar momentos difíceis e alegres quando do nosso Estágio de Doutorando em Lisboa, e por me possibilitar um grande aprendizado de vida...

À IZILDA, por sua gentileza, solicitude e carisma.

À GISELDA MORAIS, por ter me dado a oportunidade de compartilhar um pouco de sua sabedoria, conhecimento, paciência, profissionalismo e humanidade, durante o projeto RALPE.

À ANA GAMA FLORÊNCIO, pelas aulas maravilhosas, por ser sempre tão gentil, elegante e acolhedora com seus alunos e colegas, por ser uma pessoa incrível, por ser para mim um exemplo como profissional e ser humano.

À AUXILIADORA CAVALCANTE, pela amizade e coleguismo, durante o período em que trabalhamos juntas no CEDU, por ser a pessoa tão gentil que sempre é e por ter aceito fazer parte da banca de defesa.

À CRISTINA SCHMITT, pelas valiosas sugestões teóricas e metodológicas, preocupação, incentivo, auxílio e as “pausas” pra os cafezinhos em intervalos de estudo na Faculdade de Letras da UL, pelas “andanças” em Lisboa...Muito obrigada!!!

A ANDREW NEVINS & CILENE RODRIGUES, pela leitura de meu projeto de doutorado-sanduíche durante o EVELIN/2006, por suas sugestões e pelo entusiasmo contagiante.

À Cilene, em especial, por ter me enviado a tese de Érica Rodrigues.

À MARIA DO CÉU CAETANO, pelas aulas de Morfologia, pelo incentivo e gentileza com que sempre me tratou.

À MARIA LOBO, pelas brilhantes aulas de sintaxe, por sua paciência, dedicação, humildade e humanidade.

Às professoras ANTÓNIA COUTINHO, HELENA VALENTIM e ANA MADEIRA, pela imensa simpatia com que me trataram durante o tempo em que estive na UNL.

À TERESA BIBAUER, pelos agradáveis momentos de conversa durante o *XVII Colóquio de Gramática Gerativa*, em Girona.

À GABRIELA MATOS, por seu tão gentil, demonstrando sempre preocupação com o andamento de meu trabalho, e por ter me passado o contato de ANA BRITO.

À ANA BRITO, por responder meus testes de julgamento de gramaticalidade e, ainda, por me conceder seu material sobre construções partitivas e quantitativas...

À HELOÍSA SALLES, pelos momentos agradáveis no *Going Romance* (2006) por sua gentileza e incentivo.

Aos jovens investigadores do CLUNL e organizadores do *II Fórum de Partilha Lingüística*, realizado em julho de 2007, pela oportunidade de participar do evento, bem como pelas sugestões dadas para a melhoria do trabalho.

À NÚBIA BAKKER, pelas aulas instigantes e por nos fazer enxergar além das aparências, e pelas sugestões na Banca de Qualificação.

À JANUACELE, pelas excelentes aulas de Fonologia, as quais me fizeram pensar ainda mais sobre a relação desta com a Sintaxe

Aos Professores ALDIR SANTOS DE PAULA e NÚBIA BAKKER, pelas valiosas sugestões durante a Banca de Qualificação da Tese.

À amiga FABRÍCIA CORREIA, por me auxiliar na aplicação dos testes com os alunos brasileiros, por sua enorme paciência e, acima de tudo, por sua amizade!

À TAYS FERREIRA e BETO FERREIRA, amigos que me acompanham, mesmo de longe, já há mais de 15 anos, por torcerem tanto por mim e pela energia positiva com que sempre me recebem!

Às amigas JULIENE BARROS, RITA BARROS e NAIR BARROS pela amizade e admiração compartilhadas durante a Graduação e para além dela.

À amiga ANA NÉRI TENÓRIO, pela amizade, admiração e confiança em mim depositadas.

A NILTON RESENDE pelo carinho e amizade.

Ao amigo JOSÉ ROBERTO pela grande amizade e admiração, apesar da distância...

Aos amigos EDMILSON VIDAL, EDNALDO FARIAS, NILTON RESENDE, ANDRÉ REBELO, MANOEL EDISPO, DÉA, CÁSSIA E CÁTIA, pelo entusiasmo com que sempre me recebem e por torcerem tanto por mim.

À amiga MARIA JOSÉ COSTA, por sua amizade e admiração!

Aos “Três Mosqueteiros”: MARCELO SIBALDO, ADEÍLSON SEDRINS e RAFAEL LIMA, por serem simplesmente os gerativistas mais hilários e entusiasmados que conheço (não necessariamente nessa ordem), por serem tão gentis, tão “antenados” com o mundo gerativista, por serem excelentes companheiros de congresso, e por serem tão brilhantes no que fazem!!!

À EMANUELLE ALBUQUERQUE, pela simpatia, entusiasmo e pela grande torcida!

A DANNIEL CARVALHO, pela amizade partilhada desde o Projeto RALPE, por ceder tão gentilmente sua tese de doutorado e outros textos para que eu pudesse refletir um pouco mais sobre algumas questões teóricas e por aceitar o convite para fazer parte da banca de defesa desta tese.

À DOROTHY BRITO, pelo convívio durante o Doutorado e pela amizade e admiração que foi nascendo aos poucos, pelos momentos passados no *XVII Colóquio de Gramática Gerativa*, em Girona.

Aos colegas de Doutorado THAÍSE TENÓRIO, EDNA PORONGABA e SÉRGIO MOURA pelo entusiasmo e coleguismo.

À EDVALDA ARAÚJO, por me acolher em sua casa em Salvador (quando eu precisei ir até à UFBA, por pensar que iria trabalhar com *Linguística Histórica*...) e pelos momentos de descontração!

À VÂNIA ASSUMPCÃO, pela amizade que foi nascendo aos poucos, quando estudávamos *Fonologia*, pelas horas de conversa tão agradáveis e por ter uma energia tão positiva.

À ROSÂNGELA INÁCIO MARINHO (ZANZA) e JOEL PORTUGAL, pela amizade e admiração, e por terem me recebido tão calorosamente em sua casa, em Salvador, quando precisei lá estar para uma pesquisa bibliográfica.

À FÁTIMA SILVA, por sua gentileza em me acolher em sua casa, quando da minha chegada à Araguaína!

À MÁRCIA e ELIANE, amigas brasileiras que fiz em Portugal, pelo carinho, admiração e pelas bons momentos de conversa durante os congressos e fora deles.

À ÁUDRIA, ROSALICE e SÓNIA HESSEL, pesquisadoras brasileiras na UNL, por terem me introduzido no “ambiente da UNL, nos meus primeiros dias em Lisboa” e por se mostrarem sempre tão solícitas.

À JAQUELINE CARMONA, pela amizade e gentileza ao me ajudar na aplicação dos testes com os falantes portugueses, e à CAROLINA GLÓRIA E SILVA, por sua simpatia e gentileza.

À ANA CASTRO, ANA ESPÍRITO SANTO, ALEXANDRA FIÉIS e MATILDE, pela gentileza e simpatia com que sempre me trataram durante a minha estada em Lisboa.

À BETH e LARISSA, por me receberem tão calorosamente na moradia da Unicamp, durante alguns congressos.

À LEONOR SIMIONI, por me ceder tão gentilmente sua dissertação de mestrado.

À ODETE MENON, pelas sugestões referentes a algumas construções partitivas, durante o XXIII Encontro da APL, em Évora, e também pelos bons momentos de conversa durante aqueles dias.

À TELMA MAGALHÃES, pela simpatia, pelos momentos de conversa durante o *XXII Encontro da APL*, em Évora, pelas sugestões dadas durante a apresentação de minha comunicação e por ter aceito integrar a banca de defesa desta tese.

A MARCO ANTÔNIO MARTINS, ISABEL MONGUILHOT, DANI FABRINO e GEORGE CEREÇA, por compartilhar alguns momentos de estudo, alegria e descontração, durante o estágio de doutorado sanduíche.

Aos colegas da UFT, especialmente aos queridos amigos JOSÉ ALONSO TORRES, MORGANA CAMBRUSSI, MARIA HELENA PIZA, MARA PEIXOTO, PAULA GRACIANO e PAULO RAMOS, pela força, incentivo, companheirismo, amizade e pelos momentos de descontração.

Ao Prof. JOSÉ MANOEL, Coordenador do Curso de Letras da UFT, por me poupar de algumas atividades burocráticas, para que eu pudesse ter um pouco mais de tempo com a escrita da tese.

A LUCIANO (ex-secretário da Pós), por sua presteza, gentileza, competência e por sempre demonstrar boa vontade em ajudar os alunos da pós em questões burocráticas.

A JUDSON, por me receber tão gentilmente sempre que vou à Biblioteca do PPGLL, por ajudar a encontrar mais aquele livro, e por ser sempre tão alto astral!

À NEIDE (PROPEP), por ser tão competente e gentil, ajudando sempre com mais alguma informação sobre as bolsas...

A todos os Ex-Petianos do PET/Letras/UFAL da minha geração e de outras, especialmente, ANA NÉRI, FABRÍCIA CORREIA, ROSÂNGELA INÁCIO (ZANZA), FÁTIMA LÊDO, IÊDA RODRIGUES, LEILA AMANDA, CÁSSIA, ISABELLE, SÍLVIA VERLENE, ALINE BEZERRA, ANA DEUZA, KRISLEY MELANIAS, JARDEL BRITO E JORGE.

À ALINE VIEIRA BEZERRA, pela amizade, pelos anos de convivência no PET/Letras, e pela tradução do resumo para o espanhol.

Aos cunhados, JOÃO e JÚNIOR, pela torcida!

Aos tios, tias, avós e, principalmente, às primas ROSÂNGELA, ROSELI, JULIANA, RITA, ELAINE, MARTA e CLEONICE pela torcida e admiração.

Aos irmãos da Igreja Batista da Redenção, em Maceió, pelas inúmeras orações e carinho, especialmente ao IRMÃO JOSÉ PEREIRA, amigo sempre presente!

À CAPES, pela bolsa de Doutorado-Sanduiche concedida durante 01 ano.

Ao CNPq, pela bolsa de Doutorado concedida durante 02 anos e meio.

Finalmente, a DEUS, razão da minha existência, meu “*socorro bem presente na hora da angústia*”. Sem Sua ajuda incondicional eu jamais teria chegado até aqui!

Se uma pessoa só fizesse o que entende, jamais alcançaria um passo.
Clarice Lispector

RESUMO

O presente estudo insere-se no Programa de Investigação da Gramática Gerativa, mais especificamente nas assunções minimalistas da Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1993, 1995, 1998, 2001) e busca descrever e analisar a concordância sujeito-verbo nas construções partitivas no Português Brasileiro (PB) e no Português Europeu (PE). O objetivo central consiste em prover uma explicação para o tipo de concordância morfológicamente visível verificada em frases do tipo: (i) A maioria dos estudantes **fizeram** o trabalho. Para isso, toma como hipótese central de trabalho a ideia de que a Operação *Agree* conforme reformulada por Béjar (2003, 2008) dá conta de explicar satisfatoriamente a concordância parcial em questão, tomando como pressuposta a ideia de especificação/subespecificação de traços- ϕ (BÉJAR, 2003, 2008; CARVALHO, 2008), bem como a visão de concordância como *compartilhamento de traços*, conforme proposta elaborada por Frampton & Gutmann (2000a). Para tanto, procedeu à aplicação de alguns testes de preferência a falantes do PB e do PE, a fim de averiguar a aceitabilidade desses falantes em relação à concordância mencionada. Os resultados dos testes apontam uma maior aceitação, em alguns contextos, por parte dos falantes do PB do que por parte dos falantes do PE.

Palavras-chave: Operação *Agree*; Construções Partitivas; Português Brasileiro; Português Europeu

ABSTRACT

This study is according to Scientific Program of Generative Grammar, more specifically on minimalist assumptions of the Principle and Parameters Theory (CHOMSKY, 1993, 1995, 1998, 2001) and try to describe and analyse the subject-verb agreement into partitive constructions in Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP) grammars. The main aim is provide an explanation for the type of overt morphological agreement verified in sentences like: (i). The most of students do-past. 3pl. the homework. 'The most of students did the homework'. For that, this research proposes as central hypothesis the idea that operation *Agree* according to Béjar (2003, 2008) can satisfactorily explain the partial agreement in question, taking the presupposed idea on *specification/underspecification* of phi-features (BÉJAR, 2003, 2008; CARVALHO, 2008), as well the approach in which agreement is understood as *feature sharing*, according to idea elaborated by Frampton & Gutmann (2000a). In this thesis, it were applied some tasks to BP and EP speakers, aiming to verify the acceptability of these speakers with relation to the partial agreement in partitive constructions. The tasks' results point out that in some contexts, Brazilian speakers accept more easily partial agreement than Portuguese ones.

Key words: Operation *Agree*; Partitive constructions; Brazilian Portuguese; European Portuguese

RESUMEN

El presente estudio se insiere en el Programa de Investigación de la Gramática Generativa, más específicamente en las asunciones minimalistas de la Teoría de Principios y Parámetros (CHOMSKY, 1993, 1995, 1998, 2001) y busca describir y analizar la concordancia sujeto-verbo en las construcciones partitivas en el Portugués Brasileño (PB) y en el Portugués Europeo (PE). El objetivo central consiste en proveer una explicación para el tipo de concordancia morfológicamente visible verificada en frases del tipo: (i) la mayoría de los estudiantes **hicieron** el trabajo. Para eso, toma como hipótesis central de trabajo la idea de que la Operación *Agree* conforme reformulada por Béjar (2003, 2008) da cuenta de explicar satisfactoriamente la concordancia parcial en cuestión, tomando como presupuesta la idea de especificación/sub-especificación de rasgos-*phi* (BÉJAR, 2003, 2008; CARVALHO, 2008), bien como la visión de concordancia como *compartimiento de rasgos*, conforme propuesta elaborada por Frampton & Gutmann (2000a). Para tanto, procedió la aplicación de algunos testes de preferencia a los hablantes del PB y del PE, a fin de averiguar la aceptabilidad de esos hablantes en relación a la concordancia mencionada. De una forma general, los resultados de los testes apuntan una mayor aceptación de la concordancia no-canónica, en algunos contextos, por parte de los hablantes del PB del que por parte de los hablantes del PE.

Palabras-clave: Operación *Agree*; Construcciones Partitivas; Portugués Brasileño; Portugués Europeo

LISTA DE ABREVIATURAS

| SIGLA | TRADUÇÃO EM INGLÊS | CORRESPONDENTE EM PORTUGUÊS |
|-------------------------|---------------------------------|---|
| AGR | Agreement | Concordância |
| A-P | Articulatory-Perceptual | Sistema Articulatório-perceptual |
| C-I | Conceptual- Intentional | Sistema Conceitual-intencional |
| C _{HL} | Computational Human Language | Sistema Computacional da Linguagem Humana |
| D ou DET | Determiner | Determinante |
| DbP | Derivation by Phase | Derivação por Fases |
| DM | Distributed Morphology | Morfologia Distribuída |
| DP | Determiner Phrase | Grupo de Determinante |
| FI | Full Interpretation | Princípio de Interpretação Plena |
| FL | Faculty of Language | Faculdade da Linguagem |
| _____ | Goal | Alvo |
| I | Inflection | Flexão |
| IP | Inflectional Phrase | Grupo de Flexão |
| LAD | Language Acquisition Device | Dispositivo de Aquisição de Linguagem |
| LF | Logical Form | Forma Lógica |
| LI | Lexical Item | Item Lexical |
| NP | Noun Phrase | Grupo Nominal |
| P | Preposition | Preposição |
| PB | _____ | Português Brasileiro |
| PE | _____ | Português Europeu |
| PF | Phonetic Form | Forma Fonética |
| PLD | Primary Linguistic Data | Dados Lingüísticos Primários |
| P&P | Principle and Parameters | Teoria de Princípios e Parâmetros |
| PP | Prepositional Phrase | Grupo de Preposição |
| T | Tense | Tempo |
| TP | Tense Phrase | Grupo Temporal |
| UG | Universal Grammar | Gramática Universal |
| [u] | Uninterpretable feature | Traço não-interpretável |
| <i>uFval</i> | Uninterpretable feature, valued | Traço não-interpretável, valorado |
| <i>iFval</i> | Interpretable feature, valued | Traço interpretável, valorado |
| <i>uF[]</i> | Uninterpretable, unvalued | Traço não-interpretável, não-valorado |
| <i>iF[]</i> | Interpretable, unvalued | Traço interpretável, não-valorado |
| V | Verb | Verbo |
| <i>v</i> ou <i>v*</i> | Light Verb | Verbo Leve |
| <i>vP</i> ou <i>v*P</i> | Light Verb Phrase | Grupo de Verbo Leve |
| VP | Verb Phrase | Grupo Verbal |

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| INTRODUÇÃO | 21 |
| 1.0 Apresentação do problema | 21 |
| 1.1 Questões e hipóteses | 23 |
| 1.2 Organização da tese | 27 |
| CAPÍTULO 1 – BREVE PASSAGEM PELAS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS | 30 |
| 1.0 INTRODUÇÃO | 30 |
| 1.1 SOBRE A ESTRUTURA INTERNA DAS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS | 30 |
| 1.1.1 A proposta de Girbau (2003) | 33 |
| 1.1.2 A proposta de Sánchez López (1999) | 37 |
| 1.1.3 Kim (2001): A estrutura dos NPs partitivos em inglês | 40 |
| 1.1.4 A proposta de Stickney (2004): partitivas vs. pseudo-partitivas | 43 |
| 1.1.5 Sobre a estrutura do DP partitivo em português | 51 |
| 1.2 SOBRE A CONCORDÂNCIA SUJEITO-VERBO NAS PARTITIVAS: ALGUMAS PROPOSTAS | 53 |
| 1.2.1 Brito (1988): construções partitivas e quantitativas em PE | 53 |
| 1.2.2 Peres & Mória (1995) | 54 |
| 1.2.3 Scherre & Naro (1998) | 57 |
| 1.2.4 Rodrigues (2006): construções partitivas vs. DPs complexos | 59 |
| 1.2.5 SUMÁRIO | 62 |
| CAPÍTULO 2 – NOTAS SOBRE O PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA SUJEITO-VERBO | 63 |
| 2.0 INTRODUÇÃO | 63 |
| 2.1 FRANCK, VIGLIOCCO E NICOL (2002): SOBRE A RELEVÂNCIA DA ESTRUTURA SINTÁTICA NA INDUÇÃO DE ERROS DE ATRAÇÃO | 64 |
| 2.2 FRANCK, LASSI E RIZZI (2003): A RELAÇÃO ENTRE ERROS DE ATRAÇÃO E MOVIMENTO | 65 |
| 2.3 RODRIGUES (2006): EXPRESSÕES PARTITIVAS E DPS COMPLEXOS: O PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO | 70 |
| 2.4 AS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS INTRODUZIDAS PELOS ITENS <i>MAIORIA</i> <i>E PARTE</i> : NOTAS SOBRE JUÍZOS DE GRAMATICALIDADE | 78 |

| | |
|---|------------|
| 2. 4.1 O teste piloto | 79 |
| 2.4.1.1 Resultados do teste piloto | 82 |
| 2.4.1.2 Síntese e discussão dos resultados | 93 |
| 2.4.1.3 Problemas com o teste piloto: dificuldade de elicitare juízos de gramaticalidade | 94 |
| 2.4.2 DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS TESTES I E II | 95 |
| 2.4.2.1 Teste I | 96 |
| 2.4.2.2 Teste II | 100 |
| 2.4.2.3 Síntese e discussão dos resultados | 104 |
| 2.5 SUMÁRIO | 105 |
| CAPÍTULO 3 – CONCORDÂNCIA E CONSTRUÇÕES PARTITIVAS: VARIABILIDADE NA GRAMÁTICA ? | 106 |
| 3.0. INTRODUÇÃO | 106 |
| 3.1. SOBRE A NATUREZA DA VARIABILIDADE GRAMATICAL NO PROGRAMA MINIMALISTA | 106 |
| 3.2 DEN DIKKEN (2001): A ATRAÇÃO DA CONCORDÂNCIA EM DIFERENTES DOMÍNIOS | 111 |
| 3.3 GUEVARA (2007): CONDIÇÕES SINTÁTICO-SEMÂNTICAS NO ESTABELECIMENTO DA CONCORDÂNCIA COM EXPRESSÕES PARTITIVAS EM ESPANHOL | 114 |
| 3.4 SOBRE A CONCORDÂNCIA COM O DP MAIS ENCAIXADO: A PROPOSTA DE MIGUEL (2004) | 124 |
| 3.5 COLAÇO (2005) CONCORDÂNCIA PARCIAL EM ESTRUTURAS DE COORDENAÇÃO ADITIVA | 125 |
| 3.6. SUMÁRIO | 126 |
| | |
| CAPÍTULO 4 - OPERAÇÃO AGREE E CONSTRUÇÕES PARTITIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU: ALGUMAS NOTA | 127 |
| 4.0 INTRODUÇÃO | 127 |
| 4.1 SOBRE A TEORIA DE PRINCÍPIOS E PARÂMETROS | 128 |
| 4.2 SOBRE A VERSÃO MINIMALISTA DE PRINCÍPIOS & PARÂMETROS | 131 |
| 4.3. A OPERAÇÃO AGREE EM QUESTÃO: (RE)VENDO ALGUMAS PROPOSTAS | 135 |

| | |
|--|-----|
| 4.3.1 Magalhães (2004): valoração de traços de concordância dentro do DP | 136 |
| 4.3.2 Frampton & Gutmann (2000): concordância como <i>compartilhamento</i> de traços | 140 |
| 4.3.3 Pesetsky & Torrego (2004): <i>valoração vs. interpretabilidade</i> | 145 |
| 4.3.4 Béjar (2003): uma teoria-phi para o estudo da concordância | 151 |
| 4.3.4.1 Caracterizando <i>Context-Sensitive Agreement</i> | 152 |
| 4.3.4.2 Caracterizando <i>match</i> e <i>value</i> | 155 |
| 4.3.5 Carvalho (2008): subespecificação de traços e sincretismo pronominal em PB | 156 |
| 4.6 A CONCORDÂNCIA NAS PARTITIVAS NA PERSPECTIVA DE UMA TEORIA-PHI | 158 |
| 4.7 SUMÁRIO | 163 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 165 |
| REFERÊNCIAS | 168 |
| ANEXOS | |

INTRODUÇÃO

1.0 Apresentação do Problema

Considerando o fato de que a concordância é uma das propriedades cruciais das línguas naturais (CORBETT, 2006; CHOMSKY, 1998), a presente tese tem como objetivo central prover uma explicação para os mecanismos sintáticos envolvidos na relação de concordância de número no domínio das construções partitivas no Português Brasileiro e no Português Europeu, mais especificamente com relação aos casos em que a concordância se estabelece entre os traços- ϕ não interpretáveis de T e os traços- ϕ interpretáveis do núcleo nominal contido no DP mais encaixado na estrutura, também conhecida como concordância *ad sensum* (SÁNCHEZ LÓPES, 1999; BRUCART, 1997), ou *concordância parcial* (BÉJAR, 2003) como nos exemplos que seguem:

Português Brasileiro

- (1) a. A maioria_(N1) dos professores_(N2) **compareceu/compareceram** à reunião.
- b. A maioria das propostas **situam-se** na abordagem comunicativa de ensino de línguas¹.
- c. Grande parte dos professores entrevistados, em maior ou menor grau, **dedicam-se** ao ensino de metalinguagem (...)²

Português Europeu

- (2) a. A maioria das pessoas **estão descontentes**.
- b. Uma parte das pessoas **protestaram** contra as medidas tomadas pelo ministro³.

¹ Exemplo retirado dos Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Estrangeira (p. 24)

² Idem Visioli (p. 107).

c. “A maior parte dos adjetivos atributivos **ocorrem** quer em posição pré-nominal, quer em posição pós-nominal”⁴.

Nos exemplos dados, a concordância morfológicamente visível pode ser desencadeada tanto pelos partitivos *a maioria* em (1a) e *uma parte* em (2b), quanto pelos DPs complementos da preposição *de*, *os professores* e *as pessoas*, respectivamente. Neste último caso, o núcleo nominal (N2) contido no DP mais encaixado seria, a princípio, o desencadeador (controlador) de tal concordância.

Nas frases mencionadas tem-se a presença de um DP sujeito formado por uma construção partitiva, a qual consiste da combinação de um DP1 (*uma parte, a maioria, a minoria*, constituído por um artigo (definido ou não)+um nome de valor partitivo ou quantitativo) + PP complemento+DP2 (formado por artigo definido+nome de valor não partitivo/quantitativo). No caso das estruturas em questão, o que se verifica, geralmente, é que o verbo apresenta compatibilidade com os traços- ϕ do núcleo nominal contido no DP2, deflagrando assim uma incongruência com os traços- ϕ do DP1, cujos núcleos nominais são formados pelos partitivos *maioria* e *parte*.

É importante frisar que tais manifestações de concordância são legitimadas, não só pela gramática das línguas em questão, mas por outras línguas particulares (inglês, espanhol, italiano, dentre outras), sendo encontradas tanto na modalidade falada quanto na escrita, o que, de certa forma, já descartaria a hipótese de um uso exclusivo de falantes não-escolarizados e/ou com baixo nível de escolarização (cf. SCHERRE, 2005).

Tais construções, como mencionado por Rodrigues (2006) e Guevara (2007), diferem das construções com sujeitos formados por DPs complexos, as quais consistem de uma expressão formada por um DP com núcleo nominal não quantitativo seguido de preposição+DP complemento cujo núcleo nominal aparece no plural, o qual desencadeia concordância com o verbo, sendo consideradas agramaticais pelos falantes, como exemplificado em (3):

(3) A análise dos *resultados* experimentais *indicaram* um efeito principal de número do núcleo interveniente no processamento da concordância.

(cf. RODRIGUES, 2006, p. 15)

³ Exemplos retirados de Peres & Mória (1995, p. 479).

⁴ Exemplo retirado de Miguel (2004, p. 29).

1.1 Questões e hipóteses

Considerando os fatos apresentados, a presente tese pretende “responder” as seguintes questões:

- (i) de que maneira a variação atestada nas construções partitivas encontra lugar no Programa Minimalista?
- (ii) de que forma um mecanismo como *Agree* pode explicar as manifestações que resultam de/em realizações morfológicas distintas?
- (iii) Como se comporta a concordância sujeito-verbo em construções partitivas em Português Brasileiro (doravante, PB) e Português Europeu (doravante, PE)?

Como hipóteses para as questões elencadas, apresento as seguintes:

1. O Programa Minimalista lida de forma satisfatória com a variabilidade linguística atestada nas construções partitivas;
2. A idéia de concordância como *compartilhamento de traços* associada à proposta de *subespecificação de traços* parece explicar de forma satisfatória as questões de concordância nas partitivas;
3. A manifestação da concordância nas partitivas apresenta diferenças em PB e PE.

Para um maior entendimento das questões de que trata esta tese, faz-se necessário, inicialmente, um breve “apanhado” de como esse tipo de concordância tem sido tratado, partindo-se desde uma perspectiva estritamente normativo-prescritiva até as mais refinadas propostas dentro do Programa de Investigação da Gramática Gerativa, mais especificamente na versão minimalista da Teoria de Princípios & Parâmetros (cf. BÉJAR, 2003; CARVALHO, 2008, dentre outros).

Como é sabido, além dos casos de concordância supracitados, o enquadramento teórico para o estudo da concordância, de uma forma geral, tem sido tão vasto quanto as diferentes manifestações desse mecanismo nas diversas línguas particulares, tanto do ponto de vista de sua visibilidade morfofonológica quanto de sua configuração sintática (cf. GALVES, 2001; MOURA, 2003; PEREIRA, 2003, BÉJAR,

2003; SILVA, 2004; MAGALHÃES, 2004; COLAÇO, 2005; KOPPEN, 2006; COSTA E FIGUEIREDO SILVA, 2006; e SIMIONI, 2007). Tal fato soma-se à ideia de que esse mecanismo linguístico tem sido considerado um dos pontos fundamentais na tentativa de compreender, ao menos parcialmente, como se dá o funcionamento da Faculdade da Linguagem, confirmando de alguma forma a assunção de Corbett (2006, p. xv), segundo a qual:

Agreement is a fascinating phenomenon. In many languages it is evident in almost every sentence and involves several different linguistic components. Yet it is not something we would include in the design of an artificial language. It therefore tells us a good deal about human languages⁵.

Mais especificamente em relação ao PB, diferentes autores, analisando o funcionamento do paradigma flexional, sua defectividade morfológica e a correlação com contextos sintáticos distintos, tanto do ponto de vista da distribuição dos pronomes quanto do ponto de vista da leitura referencial destes (GALVES, 1993), verificam, de uma maneira geral, a perda da morfologia flexional verbal na gramática desta língua (GALVES, 2001; CARVALHO, 2008). A esse respeito, o estudo diacrônico de Duarte (1995) é pioneiro ao considerar que, em detrimento dessa perda, tem-se assistido a um aumento significativo de sujeitos foneticamente realizados. Galves (1996) apresenta argumentos segundo os quais o PB teria a categoria funcional Agr enfraquecida⁶. Do ponto de vista comparativo, Silva (2004), analisando o estatuto de Agr nas gramáticas⁷ do PB e do PE, verifica uma gradação com relação à riqueza/“pobreza” de Agr, a partir da análise dos paradigmas de PB1 e PB2. Costa & Figueiredo Silva (2003), investigando paralelamente a concordância de número interna ao DP e a concordância

⁵ A concordância é um fenômeno fascinante. Em muitas línguas é evidente em quase toda sentença e envolve vários componentes linguísticos diferentes. Contudo, não é algo que nós incluiríamos no design de uma língua artificial. Portanto, ela nos diz muito sobre as línguas humanas. (Tradução minha).

⁶ Para Galves (1996, p. 395), “é fraca a concordância que não contém pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático”.

⁷ Assumo com Galves (1996) que as variedades do PB e PE constituem gramáticas distintas, dadas as diferenças nos seus diferentes níveis de análise. A respeito das diferenças entre as duas gramáticas, numa perspectiva diacrônica de cunho gerativista, o posicionamento de Paixão de Sousa (2004, p. 6) parece bastante esclarecedor: “o Português Europeu (PE) e o Português Brasileiro (PB) são gramáticas diferentes, tanto entre si, como em relação ao Português Arcaico (o PA – por hipótese, a gramática dos textos medievais portugueses). A partir de que momento tem início a diferenciação dos dois sistemas é um tema fértil de debates. Alguns estudos observam que o PB compartilha características importantes com a língua escrita nos séculos 16 e 17, em contraste com o PE; enquanto o PE compartilha outras, em contraste com o PB. Isso leva à hipótese de que essas variantes modernas teriam se originado em duas mudanças gramaticais com uma base comum.”

no nível da sentença, nas gramáticas do PB1, PB2⁸ e PE, argumentam em torno da ideia de que o morfema de número em PB seria *singleton*, isto é, ocorreria apenas em um elemento do DP, qual seja, o Determinante, constituinte este que carrega a referência, no caso da concordância nominal, e em um elemento da sentença, qual seja, o DP sujeito, no caso da concordância sujeito-verbo, e seria *dissociado* em PE, manifestando-se em todos os elementos capazes de hospedá-lo. Apesar de tais estudos apontarem questões de variabilidade nas gramáticas do PB e do PE, correlacionando-a a diferentes propriedades, no que concerne à concordância sujeito-verbo, em construções partitivas, conforme mencionado anteriormente, ainda parece haver pouca investigação (cf. SCHERRE & NARO, 1994; PERES & MÓIA 1995; RODRIGUES, 2006 e BRITO, 1989).

Por esta razão, adotando o aparato teórico do Programa de Investigação da Gramática Gerativa (CHOMSKY, 1986 e obras seguintes), a presente tese busca uma explicação para os mecanismos (operações) sintáticos subjacentes à manifestação da concordância entre o núcleo flexional e o DP sujeito em construções partitivas no PB e no PE, como já enunciado anteriormente, tendo em vista ainda não ter sido realizado um estudo comparativo sobre essas construções no âmbito das duas línguas mencionadas.

A respeito da dupla possibilidade de manifestação da concordância, a tradição gramatical tem-na denominado de *silepse*, tendo em vista que esse tipo de fenômeno ocorre, em termos da nomenclatura tradicional, ora com o complemento do sujeito ora com o seu núcleo. Nesse contexto, Bechara (2001, p. 557) prescreve que: “se o sujeito é representado por expressões do tipo de *a maioria de, a maior parte de, grande parte de, parte de* e um nome no plural, o verbo irá para o singular ou plural:

(4) ‘a maior parte deles **recusou** segui-lo com temor do poder da regente’ [AH. 2, 38].

(5) ‘e a maior parte dos esquadrões **seguiram-nos**’ [AH.1,111]. (grifos meus).

Lima (2001, p. 394-395) segue a mesma direção argumentando em relação ao fato de o verbo poder ir tanto para o plural quanto para o singular, mas acrescenta:

⁸ Para Costa & Figueiredo Silva (op. cit.) PB1 refere-se ao dialeto do Português Brasileiro em que se verifica ausência de concordância morfológicamente visível no nível do DP e presença de concordância entre o sujeito e o verbo; PB2 é o dialeto do Português Brasileiro cuja concordância morfológicamente visível não é atestada nem no nível do DP nem no nível da sentença.

“quando a ação do verbo só pode ser atribuída à *totalidade* e não separadamente aos indivíduos, é óbvio que se deve preferir o singular”. Como amostra, ele apresenta o seguinte exemplo: “Um troço⁹ de soldados enchia o primeiro pavimento do edifício”.

O que é possível depreender das regras prescritivas acima apresentadas é que, embora não seja apresentada uma explicação sistemática para os casos em estudo, sendo o único critério o da ênfase do/no elemento que se quer destacar, centrando-se ora na ideia de conjunto ora na ideia de parte ou unidade, é importante destacar que a tradição gramatical, de alguma forma, faz referência à noção de distributividade, a qual tem sido tomada muitas vezes como variável para o estudo da concordância nas partitivas (cf. RODRIGUES, 2006, dentre outros).

Com base, pois, nos fatos apresentados, e levando em conta que uma análise mais adequada do fenômeno, do ponto de vista de uma teoria linguística, parece ainda não ter sido realizada, sobretudo numa perspectiva comparativa dentro do quadro de investigação da Gramática Gerativa, alguns objetivos são estabelecidos para a realização da presente tese, quais sejam: 1) verificar semelhanças e/ou diferenças quanto à realização morfológicamente visível da concordância em construções partitivas na gramática do PB e do PE; 2) descrever e explicar os variados tipos de construções partitivas; 3) correlacionar os tipos de concordância em questão com o estatuto dos núcleos nominais contidos no NP2 os quais são intervenientes entre o núcleo do sujeito e a flexão verbal; e 4) verificar se seria possível propor uma análise para a concordância em questão com base unicamente na sintaxe, propriamente dita.

Como ponto de partida para o estudo da concordância sujeito-verbo em construções partitivas, fundamento-me na observação da variação da concordância no PB, quer na modalidade falada quer na modalidade escrita, bem como na observação de tal variação também na gramática do PE, apontada, dentre outros, por Peres & Mória (1995) e Brito (1988).

Assim sendo, a realização de um estudo com o intuito de analisar o comportamento da variação intra e interlinguísticamente no caso da concordância em questão torna-se imprescindível, tendo em vista a escassez de pesquisas sobre tal fenômeno no âmbito gerativista, o que não significa dizer que alguns trabalhos já não o tenham considerado (cf. BRITO, 1988; PERES & MÓIA, 1995; RODRIGUES, 2006). A questão que é levantada, no entanto, é que tais trabalhos não têm focalizado a

⁹ É importante considerar que no caso de *troço*, tem-se um termo de valor coletivo e não uma expressão partitiva propriamente dita.

comparação entre o PB e o PE. Além disso, o que se observa com relação às construções partitivas é que têm sido tratadas, mesmo no âmbito da Gramática Gerativa, do ponto de vista de sua estruturação interna (cf. JACKENDOFF, 1977; MILNER, 1978), isto é, levando-se em conta apenas como são formadas (muitas vezes do ponto de vista das propriedades lexicais), considerando-se como principal ponto de análise a diferença que estabelecem com as pseudo-partitivas.

1.2 Organização da Tese

A presente tese encontra-se dividida, além da introdução e das considerações finais, nos capítulos que se seguem. No capítulo 1, intitulado *Breve passagem pelas construções partitivas: considerações iniciais* – são apresentados alguns estudos acerca da estruturação das construções partitivas (JACKENDOFF, 1977; GIRBAU, 2003; SANCHÉZ LOPES, 1999; PERES & MÓIA, 1995; BRITO, 1988; KIM, 2001; SCHERRE & NARO, 1998), bem como questões específicas de concordância no domínio da sentença, procurando compreender os mecanismos responsáveis por desencadear determinadas formas de concordância morfológicamente visível, mais detidamente sobre o PB e o PE. Além disso, são apresentadas algumas restrições relacionadas à concordância e a estruturação das construções partitivas em Português.

No capítulo 2, *Notas sobre o processamento da concordância sujeito-verbo*, apresento de forma panorâmica resultados de alguns estudos sobre *erros de atração* na formulação de sentenças, em cujas abordagens são tratadas questões relacionadas à sintaxe do ponto de vista de uma teoria linguística, bem como a correlação desta com uma teoria de processamento da sentença (cf. FRANCK, VIGLIOCCO e NICOL, 2002; FRANCK, LASSI e RIZZI, 2003; RODRIGUES, 2006). A razão fundamental pela qual se justifica a proposta desse capítulo prende-se ao fato de que uma possível explicação para os *erros de atração* investigados em diferentes línguas poderá contribuir, em certa medida, para a compreensão das propriedades do objeto aqui estudado, uma vez que, de acordo com Chomsky, tendo a faculdade da linguagem um *design* ótimo, essas (im)perfeições poderiam ser um caminho para a compreensão das propriedades que a determinam. Além disso, são apresentados os resultados de três testes de preferência a que foram submetidos falantes do PB e do PE, a fim de averiguar as propriedades da concordância sujeito-verbo nas construções partitivas, a partir de algumas condições estruturais propostas, bem como diferenças e/ou semelhanças entre a aceitabilidade dos

falantes em questão. Para tanto, tomo como ponto de partida o estudo de Rodrigues (2006) acerca do funcionamento “híbrido” dos itens *maioria* e *parte* como itens lexicais e/ou funcionais e suas implicações para o controle da concordância em construções partitivas no Português Brasileiro.

No capítulo 3, intitulado *Concordância e construções partitivas: variabilidade na gramática?* são apresentadas algumas considerações sobre a noção de variabilidade na gramática e a maneira como o Programa Minimalista lida com essa questão. Para isso, sigo a proposta de Adger & Smith (2003) segundo a qual o quadro teórico minimalista é compatível com a noção de *variabilidade*. São tratados, também, alguns estudos sobre a concordância em construções similares às partitivas, a exemplo de Den Dikken (2001), sobre a concordância em *plurilinguals*, e Guevara (2007), sobre a concordância sujeito-verbo em estruturas partitivas na Gramática do Espanhol. Finalizando o capítulo, são referidos, ainda, os trabalhos de Miguel (2004) e Colaço (2006), acerca de alguns padrões de concordância atestados em PE.

No capítulo 4, denominado *Operação Agree e construções partitivas no português brasileiro e no português europeu: algumas notas*, – é apresentada uma discussão sobre a Operação *Agree*, proposta inicialmente por Chomsky (1995, 1999, 2001), bem como seus desdobramentos e reformulações por diferentes autores, tanto no nível sentencial (cf. FRAMPTON; GUTMANN, 2000a, PESETSKY; TORREGO, 2004) quanto no nível do DP (cf. MAGALHÃES, 2004), considerando-se alguns pontos específicos da Operação *Agree* com vistas à adequação empírica de alguns fenômenos em diferentes línguas. Feita essa discussão, serão apresentados argumentos a favor da proposta elaborada por Béjar (2003) uma vez que essa autora propõe a ideia de que a *concordância parcial* (CSA) se dá por meio dos mesmos mecanismos responsáveis pelos padrões de concordância canônicos, devendo as condições sobre *Match* e *Value* para o funcionamento de *Agree* serem reformuladas. Adicionalmente à proposta de Béjar (op. cit.), adoto a visão de concordância como *compartilhamento de traços* elaborada por Frampton & Gutmann (2000a), segundo a qual dois nós sintáticos terminais compartilham um mesmo traço. Além disso, são revistos de forma breve alguns estudos fundamentados nas propriedades de *Agr* no quadro de investigação do modelo teórico de Princípios e Parâmetros, mais especificamente, a proposta de Pollock (1989) e os desdobramentos desta proposta em alguns estudos realizados no PB e no PE (cf. SILVA, 2004; COSTA & FIGUEIREDO SILVA, 2006; PEREIRA, 2003). São

apresentadas também as implementações ocorridas no âmbito do Programa Minimalista, sobretudo com relação à eliminação da categoria funcional *Agr*.

Por fim, concluindo esta pesquisa, são apresentadas algumas *considerações finais* sobre a proposta defendida ao longo de todos os capítulos, bem como os “problemas” deixados em aberto, dada a complexidade do tema em questão e as limitações próprias de uma tese de doutoramento.

CAPÍTULO 1

BREVE PASSAGEM PELAS CONSTRUÇÕES PARTITIVAS: CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.0 Introdução

Neste capítulo serão apresentadas algumas breves considerações acerca da estrutura interna das construções partitivas, bem como questões de concordância a elas relacionadas, já tratadas na literatura especializada, com ênfase nas gramáticas do PB e do PE, mais especificamente, tendo em vista serem essas línguas particulares o foco de interesse do presente estudo. Para tanto, este capítulo encontra-se organizado da seguinte forma: na seção 1.1, faço uma exposição acerca de alguns estudos centrados na estrutura interna das construções mencionadas, mostrando a distinção feita entre estas e as *pseudo-partitivas*, e, na seção 1.2., apresento algumas propostas de análise para a concordância sujeito-verbo nas partitivas em específico.

1.1 Sobre a estrutura interna das construções partitivas

A discussão em torno da estruturação interna das expressões partitivas apresenta-se geralmente atrelada à constituição das pseudo-partitivas, havendo, em alguns casos, propostas que distinguem as partitivas de construções quantitativas (BRITO, 1988; GIRBAU, 2003) e propostas que não esclarecem tal distinção. Já com relação à distinção partitiva/pseudo-partitiva parece haver maior consenso por parte dos pesquisadores (STICKNEY, 2004; RODRIGUES, 2006, dentre outros).

Antes de entrar em algumas especificidades de tais expressões, importa considerar que elas formam expressões de quantificação nominal, conforme aponta Brito (1988) a partir da realização do estudo intitulado *Construções quantitativas e partitivas*: um esboço de análise sintáctica. Como bem observou a autora, essas expressões são formadas por elementos de natureza lexical e funcional.

Brito (1988) estabelece uma distinção entre a quantificação que se realiza sobre nomes contáveis (não massivos) e a quantificação que se realiza sobre nomes massivos.

O primeiro tipo se caracterizaria, segundo a autora, por conter na sua extensão elementos individuais, enquanto o segundo se caracterizaria por apresentar quantidades. Como exemplo do primeiro tipo tem-se:

- (1) **Um grupo de holandeses** financiou a construção deste aldeamento.
- (2) Foi apresentado **um razoável número de críticas**.
- (3) Comi **uma dúzia de morangos**.

Como exemplo do segundo tipo tem-se:

- (4) a. Caiu **uma porção de água**.
- b. Caiu **um bocado de água**.
- c. Comprei **um litro de água**.
- d. Comprei **um quilo de queijo**.

Para a autora, “as construções partitivas distinguem-se das construções quantitativas (...) precisamente por exprimirem uma parte de um referencial restrito, denotado por um N precedido de DET DEF (DEM ou ART DEF)¹⁰ (podendo ou não ser seguido de uma relativa restritiva)” (1988, p. 27-28). No que concerne às construções partitivas, Brito (op. cit., p.) faz menção ao fato de ter sido Chomsky (1970) o primeiro a tratar dessas construções no quadro da então Gramática Gerativa Transformacional. Ela cita, para isso, os exemplos que seguem:

- (5) a. Several of John’s proofs of the theorem.
 Várias de John-GEN provas de o teorema.
 “Várias das provas de John do teorema/Várias das provas de john para o teorema”.
- b. Several of those proofs of the theorem.
 Várias de aquelas provas de o teorema.

¹⁰ No modelo adotado pela autora, as siglas DET, DEF, DEM e ART DEF significam respectivamente: Determinante, Definido, Demonstrativo e Artigo definido.

“Várias daquelas provas do teorema”.

A autora observa, ainda, que, segundo Chomsky (op. cit.), o quantificador *Several*, no modelo teórico proposto na época, seria um PRÉ-DET, os SNs *Several of John's* e *Several of those* seriam especificadores do N *proof*.

Diante disso, a autora propõe com base na Teoria da Regência e Ligação que a construção quantitativa teria a configuração em (6) e a construção partitiva teria a estrutura em (7), concluindo que a diferença entre ambas estaria no fato de que esta apresenta um complemento SN e aquela, um complemento N'.

N+

(6) [SN [DET] [N' [N +F] [N']]] (c. quantitativas)

N+

(7) [SN [DET] [N' [N +F] [SN]]] (c. partitivas)

(BRITO, 1988, p. 43)

Ainda com relação às propriedades sintático-semânticas das estruturas quantitativas e partitivas em Português Europeu, Brito (2003, p. 365) lembra que nas expressões partitivas apresenta-se uma parte vaga ou precisa de uma entidade determinada previamente; daí porque apresentarem sempre a forma: exp. de quant+*de*+Art def/Dem+N¹¹, como nos exemplos apresentados abaixo:

(8) Algumas das maçãs estão verdes.

(9) Duas das maçãs estão verdes.

(10) Várias das maçãs estão verdes.

(11) Algumas dessas maçãs estão verdes.

(12) Duas dessas maçãs estão verdes.

¹¹ Tais siglas correspondem respectivamente à: expressão de quantidade+*de*+Artigo definido/Demonstrativo+Nome.

Nas sentenças acima, são as expressões de quantidade *algumas, duas, várias* que manifestam a vagueza ou precisão da expressão referencial do núcleo nominal do DP complemento de P (*as maçãs, essas maçãs*). Segundo a autora, essa seria uma justificativa para o fato de quantificadores universais como *todo(s)* e *ambos* não serem possíveis numa expressão partitiva (conforme verificado nos exemplos abaixo), uma vez que são responsáveis por sinalizar a totalidade de indivíduos:

(13) *Todos desses livros.

(14) *Ambas dessas maçãs.

Além de tal impossibilidade, a autora mostra ainda que, em se tratando da concordância, no caso das construções com expressões partitivas, o verbo apresentará concordância com a expressão de quantidade, como nos exemplos seguintes:

(15) Uma porção desses livros estragou-se.

(16) */?Uma porção desses livros estragaram-se.

Tais casos de concordância serão tratados em pormenor na última seção deste capítulo, na qual pretendo correlacionar as propriedades das expressões partitivas e o estabelecimento da concordância.

1.1.1 A proposta de Girbau (2003)

No quadro teórico da então Gramática Gerativa Transformacional, os primeiros estudos sobre a estrutura das partitivas são de Jackendoff (1977) e Milner (1978), conforme apontam outros estudiosos do assunto (BRITO, 1998; GIRBAU, 2003; KIM, 2001; RODRIGUES, 2006, dentre outros).

Segundo Jackendoff (1977), as partitivas diferem das construções quantitativas, uma vez que as primeiras seriam formadas por dois nomes, logo por dois NPs, ao contrário das segundas, que seriam formadas apenas por um nome. (cf. GIRBAU, 2003, p. 1). Veja-se a exemplificação das duas estruturas:

Partitiva

(17) Three [e]_{N1} of the children_{N2}.

Três de as crianças.

“Três das crianças”.

Quantitativa

(18) Three children_{N1}

“Três crianças”

Contrariamente a esta proposta, em seu artigo intitulado *Partitives: one or two nouns?*, Girbau (2003) irá postular que, tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista empírico, uma explicação mais plausível para as expressões partitivas seria a de que tais estruturas apresentariam apenas um nome, não havendo, por isso, necessidade de argumentar em torno da existência de um nome vazio em tal estrutura.

A autora assume para isso a *Hipótese DP* na versão postulada por Kayne (1994)¹² segundo a qual o Determinante seleciona uma projeção D/PP que domina uma predicação, e um dos componentes daquela predicação sobe para Spec de D/PP. (cf. GIRBAU, 2003, p, 13). Veja-se a configuração abaixo:

(19) molts de(s) llibres

many (of the) books

Muitos (de os) livros

“Muitos dos livros”

(20) [DP [DP PP [D/P° de [FP (els) llibres [F° F° [QP molts]]]]]]

A autora menciona, ainda, que os principais argumentos apresentados por aqueles que defendem a hipótese de que a estrutura partitiva apresentaria dois nomes

¹² KAYNE, R. S. *The Antisymmetry of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1994.

são os seguintes: (i) denotação de dois conjuntos de elementos nos partitivos, quando o elemento quantitativo quantifica um subconjunto do conjunto denotado pelo nome; (ii) ambiguidade de orações relativas, que podem ser entendidas como modificadoras do conjunto maior ou do subconjunto.

Para ilustrar o que é proposto no primeiro argumento, a autora apresenta o exemplo seguinte:

(21) Three of the children.

Três de as crianças.

“Três das crianças”.

A interpretação que se atribui à frase acima, geralmente, é de que haveria um conjunto de todas as crianças e um subconjunto de três crianças.

Com relação ao segundo argumento, os exemplos apresentados são os que seguem:

(22) Three of the children in the party, who were playing with a balloon, started fighting.

Três de as crianças na festa, que estavam brincando com um balão, começaram a brigar.

“Três das crianças na festa, que estavam brincando com um balão, começaram a brigar”.

(23) Three children in the party, who were playing with a balloon, started fighting.

“Três crianças na festa, que estavam brincando com um balão, começaram a brigar”.

A diferença crucial apresentada entre uma frase e outra é que a primeira é dotada de ambiguidade, uma vez que pode ser interpretada da seguinte forma: (i) de todas as crianças que estavam brincando com balões, apenas três começaram a lutar; (ii) apenas três crianças na festa estavam brincando com balões e somente elas (as mesmas crianças) começaram a lutar.

Em linhas gerais, Girbau defende a ideia de que o elemento quantitativo é gerado como um predicado numa posição mais baixa na estrutura arborea, tanto na construção partitiva quanto na quantitativa. Logo, o sujeito de uma predicação quantitativa é um DP nas partitivas e um NP nas quantitativas.

1.1.2 A proposta de Sánchez López (1999)

Seguindo o trabalho de Brucart (1997) acerca das construções partitivas em espanhol, Sánchez López (1999, p. 1049) afirma que a noção semântica de *partitividad* pode apresentar diferentes correlatos formais:

En español se ha asociado esta noción a los numerales partitivos, como *mitad, tercio, tercera parte, três cuartas partes*. (...). Tales numerales pueden formar estructuras partitivas, constituidas por un cuantificador más un SP introducido por la preposición *de* (...) cuya propiedad semântica principal es, como queda dicho, que el elemento cuantitativo denota un subconjunto del conjunto denotado por el nombre término de la preposición. Al primer término de la estructura partitiva denominaremos ‘cabeza’, al término de la preposición ‘coda’¹⁵.

A autora ressalta, ainda, que, segundo Brucart (op. cit.), há dois tipos de nomes que podem introduzir uma estrutura partitiva: *os partitivos intrínsecos* e *os não intrínsecos*. Como representantes do primeiro tipo, são elencados nomes como *mayoría, totalidad, mayor parte, mitad, resto*, os quais denotam sempre interpretação quantitativa, sendo suscetíveis de desencadearem concordância *ad sensum*, conforme refere a autora com a exemplificação das sentenças que seguem:

(29) a. Una mayoría de senadores socialistas **votaron** en contra.

Uma maioria de senadores socialistas VOTAR-3PL em contra.

“Uma maioria de senadores socialistas **votaram** contra”.

b. La mayoría de senadores socialistas votaron en contra.

A maioria de senadores socialistas VOTAR-3PL em contra.

¹⁵ Em espanhol se tem associado esta noção aos numerais partitivos, como *metade, terço, terceira parte, três quartas partes*. (...). Tais numerais podem formar estruturas partitivas, constituídas por um quantificador mais um SP introduzido pela preposição *de* (...) cuja propriedade semântica principal é, como foi dito, que o elemento quantitativo denota um subconjunto do conjunto denotado pelo termo nominal da preposição. Ao primeiro termo da estrutura partitiva denominaremos ‘cabeça’, ao termo da preposição ‘coda’. (Tradução minha).

“A maioria de senadores socialistas **votaram** contra”.

Em relação ao segundo tipo, *partitivos não intrínsecos*, a autora lembra que a possibilidade de uma leitura partitiva está determinada pela presença de um determinante indefinido, sendo agramatical com o emprego de um definido, ficando também impossibilitada a concordância *ad sensum*, o que, segundo a autora, se apresenta como uma evidência para provar que não se trata de uma estrutura partitiva, conforme exemplos abaixo:

- (30) a. Un grupo de senadores socialistas **votaron** en contra.
Um grupo de senadores socialistas VOTAR-3PL em contra.
“Um grupo de senadores socialistas **votaram** contra”
- b. *El grupo de senadores socialistas **votaron** en contra.
O grupo de senadores socialistas VOTAR-3PL em contra.
“O grupo de senadores socialistas **votaram** contra”.

Como representantes do segundo tipo, encontram-se ainda nomes que formam construções *mensurativas* ou *formativas* tais como: *un montón de libros*, *un manajo de perejil* (cf. p. 1050), conforme os exemplos que seguem:

- (31) a. Un montón de libros.
“Um monte de livros”
- b. Un puñado de dólares.
“Um punhado de dólares”
- c. Un cerro de exámenes.
“Uma montanha de exames”
- d. Un pila de discos.
“Uma pilha de discos”.

Enquanto a leitura partitiva do primeiro tipo se estabelece independentemente do tipo de determinante que o precede (definido ou indefinido), o segundo tipo só possui tal leitura se não for precedido de determinante definido.

No que se refere ao nome *mayoría*, a autora argumenta ainda que há variação em relação à aceitabilidade dos falantes quando este nome aparece em construções partitivas com nomes coletivos em coda¹⁶, conforme apontam os exemplos seguintes:

(32) a. La mayoría de la gente **piensa** aprobar.

A maioria de a gente PENSAR-3SG aprovar.

“A maioria da gente **pensa** aprovar”.

b. La mayor parte de la gente **piensa** aprobar.

A maior parte de a gente PENSAR-3SG aprovar.

“A maior parte da gente **pensa** aprovar”.

A autora assevera, ainda, a impossibilidade de concordância *ad sensum* quando da presença de um nome coletivo em coda. No caso dos exemplos referidos, tem-se a coda preenchida pelo nome coletivo *a gente*.

Em se tratando mais especificamente das propriedades semânticas das estruturas partitivas, Sánchez López (1999) defende que o fato de uma coda apresentar um SN definido ou indefinido traz implicações para a interpretação de uma estrutura como partitiva ou não, uma vez que a relação de conjunto e subconjunto é estabelecida respectivamente por *coda* e *cabeça*. Assim, segundo a autora, quando uma coda de uma dada estrutura apresenta um SN definido (tendo, portanto, valor referencial) tem-se uma legítima estrutura partitiva; contrariamente, quando apresenta um SN indefinido, tem-se uma estrutura pseudo-partitiva.

É interessante notar que as propriedades semânticas mencionadas por Sánchez López também se aplicam ao Português. Todavia, a distinção entre as partitivas e as pseudo-partitivas parece ser mais complexa que a apontada pela autora, uma vez que as propriedades de tais construções abarcam um conjunto mais amplo de propriedades, como aponta Stickney (2004).

¹⁶ O que a autora está chamando de *coda* diz respeito ao nome *gente* contido no PP [de la gente].

1.1.3 Kim (2001): A estrutura dos NPs partitivos em inglês

Tratando das mesmas questões já anteriormente observadas para as línguas românicas, Kim (2001) investiga a natureza da estrutura de nomes partitivos na gramática do inglês e a relação estabelecida com a concordância. Para tanto, parte de uma descrição de diferentes tipos de nomes partitivos, a fim de analisar em que medida a estrutura de cada um deles, bem como suas propriedades lexicais estão imbricadas no desencadeamento do processo de concordância.

O autor justifica tal escolha teórica baseando-se no fato de que os estudos anteriormente realizados no quadro da Gramática Gerativa, mais precisamente, no quadro da Gramática Transformacional (como os realizados por JACKENDOFF (1977) e MILNER (1978)) implementam complexidade desnecessária à estrutura do NP partitivo. A proposta de Jackendoff, por exemplo, de que haveria uma categoria PRO nula, a qual selecionaria um PP como complemento, é inviável, segundo Kim, uma vez que não dá conta de explicar a estrutura dos NPs partitivos, conclusão essa a que chegou também Girbau (2003), como já referido na subseção 1.1.1 deste capítulo.

Apesar da aparente semelhança com os demais estudos já estabelecidos, o estudo de Kim distancia-se em grande medida do que geralmente tem sido proposto, uma vez que a ideia crucial defendida por esse autor baseia-se na hipótese segundo a qual a análise lexicalista de tais construções poderá dar conta de responder satisfatoriamente à compreensão da complexidade encontrada nas estruturas partitivas.

O autor inicia seu texto apresentando um conjunto de estruturas partitivas em inglês e alguns casos de concordância que geralmente são analisados quando se estuda a estrutura do DP partitivo nessa língua, conforme são listados a seguir:

Em relação à estrutura do NP partitivo:

(33) a. One of *students/the students came to see me last night.

b. Some of wire/*the wire has been stolen last night.

“Parte da fiação foi roubada na noite passada”.

c. Some of *many problems/the many problems have been solved by the students, but not all.

“Alguns/Parte dos muitos problemas foram/foi resolvidos/resolvida pelos estudantes, mas não todos/tudo.”

d. The teacher could recognize neither of *students/the students.

“O professor não conseguiu reconhecer nenhum dos estudantes”.

e. The team examined each of the *suggestion/ the suggestions thoroughly.

O time examinou cada de a sugestão/ as sugestões cuidadosamente.

“O time examinou cada sugestão/ cada uma das sugestões cuidadosamente”.

(cf. KIM, 2001, p. 2)

Em relação à concordância, verificam-se:

(34) a. Most of the people *appreciates/ appreciate the complications of the situation.

“A maioria das pessoas **aprecia/apreciam** as complicações da situação”.

b. At least half of the participants *considers/consider the lectures very informative.

“Pelo menos metade dos participantes **considera/consideram** as palestras/aulas muito informativas”.

c. Neither of the teams *have/has won any prizes yet.

“Nenhum de os times têm/tem ganhado qualquer prêmio ainda/ “Nenhum dos times ganhou algum prêmio”.

d. Despite our best efforts, most of the work still *need/needs to be done.

“Apesar de nossos esforços, a maior parte do trabalho ainda *precisam/precisa ser feita”.

Ao apresentar tais dados, Kim (2001) observa que os núcleos sintáticos tais como *most, no, one, half, all* não devem ser considerados os únicos responsáveis por

desencadear a concordância sobre o verbo, uma vez que esses nomes possuiriam em si mesmos a propriedade de serem *transparentes para número*, ocasionando, dessa forma, a exemplo do que ocorre no NP partitivo oblíquo (depois de *of*), uma percolação para determinar o número de todo o NP. (cf. KIM, op.cit., p. 2)

No que se refere à natureza dos NPs que devem aparecer seguidos da preposição *of*, Kim argumenta que não se deve tratar de qualquer tipo de *noun phrase*, mas de um tipo de nome que deve estar na dependência de restrições sintáticas ou semânticas, observação essa que se aproxima da ideia defendida em Guevara (2007), para quem haveria uma hierarquia de restrições sintático-semânticas na determinação da concordância sujeito-verbo em construções partitivas na gramática do Espanhol (conforme discussão apresentada no capítulo 3 desta tese).

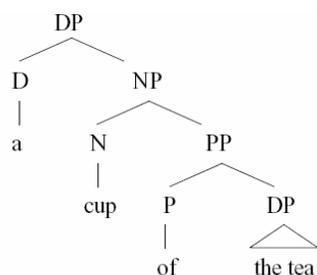
Kim conclui sua análise argumentando em torno da ideia de que as complexidades das construções partitivas não podem ser capturadas simplesmente por meio de operações sintáticas através das quais os *noun phrases* simples se ligariam com construções partitivas, pois, segundo ele, essas construções requerem uma análise que contemple as várias propriedades lexicais e idiossincráticas, as quais não podem ser derivadas de regras de estrutura do sintagma ou de operações sintáticas. O autor finaliza acrescentando, portanto, que a informação de suas propriedades peculiares é codificada em nosso dicionário mental, qual seja, o léxico.

A proposta de Kim, em princípio, parece bastante interessante, ao atribuir ao léxico o papel principal na compreensão da complexidade das construções partitivas. No entanto, a meu ver, o léxico não deverá ser o único responsável por tal complexidade, uma vez que as operações sintáticas também exercem um papel importante na compreensão dos diferentes padrões de concordância atestados nas línguas particulares. Daí porque defendo, nesta tese, uma conjugação entre o papel exercido pelas operações sintáticas e os traços- ϕ dos itens lexicais que entram em relação de concordância nas construções partitivas.

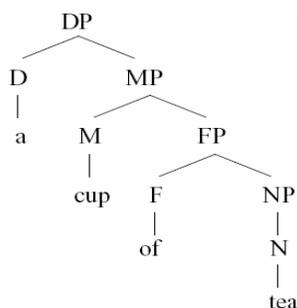
1.1.4 A proposta de Stickney (2004): partitiva vs. pseudo-partitivas

No estudo intitulado *The pseudopartitive and its illusory projections*, Stickney propõe a hipótese de que a diferença¹⁷ crucial entre a estrutura das partitivas e a das pseudo-partitivas consiste no fato de que a preposição “of” na pseudo-partitiva não é de fato uma preposição, e que o primeiro nome contido nessa estrutura não possui propriedades de um legítimo nome. Com relação à partitiva, a autora argumenta que tal estrutura envolve um NP com um complemento preposicional cujo núcleo, por sua vez, seleciona um DP como complemento, conforme se verificam nos exemplos que seguem:

(35) Partitiva



(36) Pseudo-partitiva



Os dados empíricos que dão sustentação à hipótese levantada por Stickney, para propor que a preposição nas estruturas pseudo-partitivas não é de fato uma

¹⁷ A autora parte do pressuposto de que muitas outras diferenças existem entre as estruturas em questão, como já fora apontado por estudiosos como Jackendoff (1977), Selkirk (1977), Deevi (1998), dentre outros. Tais diferenças dizem respeito às seguintes propriedades: (i) extraposição, (ii) modificação adjetival, e (ii) *preposition stranding*.

preposição, são oriundos de diferentes línguas, tais como: grego, holandês e alemão. Vejam-se os dados:

Grego

- (37) a. Mia kouta me ta vivlia
a box with the books
“*a Box of the books*” [partitiva]
‘Uma caixa dos livros’
- b. Mia kouta vivlia
a box books
“*a box of books*” [pseudo-partitiva]
‘uma caixa de livros’

Holandês

- (38) a. een doos van uw heerlijke koekjes
a box of your delicious cookies
“*a box of your delicious cookies*” [partitive]
‘uma caixa de seus deliciosos biscoitos’
- b. een doos koekjes
a box cookies
“*a box of cookies*” [pseudopartitive]
‘uma caixa de biscoitos’

Alemão

- (39) a. eine Dose von diesen leckeren Kekse
a box of those delicious cookies
“*a box of those delicious cookies*” [partitive]
‘uma caixa daqueles deliciosos biscoitos’
- b. eine Dose Kekse
a box cookies
“*a box of cookies*” [pseudopartitive]
‘uma caixa de biscoitos’

(STICKNEY, 2004, p. 46-47)

Diferentemente, línguas como o espanhol e o francês assemelham-se ao inglês com relação à exigência de uma preposição tanto nas partitivas quanto nas pseudo-partitivas, como se verifica em:

Espanhol

- (40) a. un kilo de aquellas manzanas
a pound of those apples
“*a pound of those apples*” [partitive]
‘uma libra daquelas maçãs’
- b. un kilo de manzanas
a pound of apples
“*a pound of apples*” [pseudopartitive]
‘uma libra de maçãs’

Francês

- (41) a. un verre de cette bière
a glass of this beer
“*a glass of this beer*” [partitive]
‘um copo dessa cerveja’
- b. un verre de bière
a glass of beer
“*a glass of beer*” [pseudopartitive]
‘um copo de cerveja’

(Cf. STICKNEY, 2004, p. 47).

Stickney adverte que, apesar da semelhança superficial verificada entre as duas estruturas, é preciso atentar para o fato de que o elemento que é núcleo nominal na estrutura partitiva, comporta-se como uma categoria funcional na pseudo-partitiva, isto é, trata-se, na verdade, de um MP, do inglês *Measure Phrase* (Sintagma de Medida). Além disso, como já referido antes, a preposição *of*, que na partitiva tem estatuto de preposição, não passa de um nó funcional (Functional Phrase), na pseudo-partitiva.

Um fato importante destacado por Stickney é que, além de as estruturas em 35 e 36 darem conta dos problemas já apresentados por Selkirk (1977)¹⁸, Deevy (1998)¹⁹ e

¹⁸ SELKIRK, E.O. Some remarks on noun phrase structure. In: AKMAJIAN, A.; CULICOVER, P.; WASOW, T. (Eds.). *MSSB-UC Irvine Conference on the Formal Syntax of natural Language*. p.285-316. 1977

¹⁹ DEEVY, P. *The comprehension of English subject-verb agreement*. UMASS doctoral dissertation. Amherst: GLSA, 1998.

Alexiadou, Haegman & Stravou (2003)²⁰, contribuem para evidenciar o caráter não recursivo da estrutura pseudo-partitiva.

Com relação às propriedades da categoria funcional *Measure Phrase*, Stickney (op. cit., p.6) propõe o seguinte:

- (i) *measures* do not head a nominal projection, but are part of a nominal projection with its own N head.
- (ii) *measures* cannot be s-selected by verbs or trigger verbal agreement.
- (iii) *measures* cannot take the same complements as nouns²¹.

Stickney salienta, ainda, que não se pode pensar em *measure* apenas como categoria puramente funcional, mas não entra em detalhes quanto a essa questão, uma vez que isso foge às preocupações de seu estudo.

Em linhas gerais, a autora mostra que as diferenças entre as partitivas e as pseudo-partitivas podem ser sintetizadas da seguinte maneira:

(i) *Extraposição*

Com base em exemplos retirados de Selkirk (1977), Stickney mostra que a estrutura partitiva admite extraposição de DP ao passo que a pseudo-partitiva não o faz, conforme dados abaixo:

(42) a. **A lot of the leftover turkey** has been eaten.

“Um bocado do peru que sobrou foi comido”

a. **A lot** has been eaten **of the leftover turkey**.

“Um bocado foi comido do peru que sobrou”.

(43) a. **A lot of leftover turkey** has been eaten.

“Um bocado de peru que sobrou foi comido”.

²⁰ ALEXIADOU, A.; HAEGEMAN, L.; STAVROU, M. *Semi-functional categories: the Pseudopartitive construction*. MS chapter: Universität Stuttgart, University of Thessaloniki, 2003.

²¹ (i) *measures* não encabeçam uma projeção nominal, mas são parte de uma projeção com seu próprio núcleo N.

(ii) *measures* não podem ser s-selecionados por verbos ou engatilhar concordância verbal.

(iii) *measures* não podem tomar os mesmos complementos como nomes. (Tradução minha).

b. ***A lot** has been eaten **of leftover turkey**.

“Um bocado foi comido de peru que sobrou”.

O inverso é verdadeiro em se tratando da extraposição de um modificador, ou seja, a estrutura pseudo-partitiva permite a extraposição, contrariamente à partitiva, conforme exemplificado nas sentenças que seguem:

(44) a. **Only a handful of those questions concerning** electromagnetism were asked.

“Apenas um punhado daquelas questões a respeito de eletromagnetismo foram/foi feitas/feito (ou perguntados/perguntado)”.

b. ***Only a handful of those questions** were asked **concerning electromagnetism**.

“Apenas um punhado daquelas questões foram feitas/foi feito a respeito de eletromagnetismo”.

(45) a. **Only a handful of questions concerning electromagnetism** were asked.

“Apenas um punhado de questões a respeito de eletromagnetismo foram feitas/foi feito”.

b. **Only a handful of questions** were asked **concerning electromagnetism**.

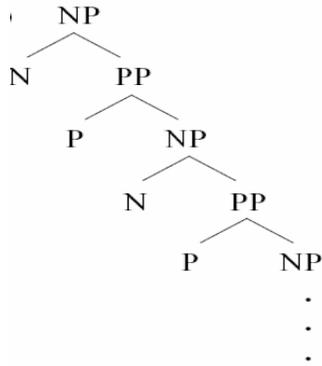
“Apenas um punhado de questões foram feitas/foi feito a respeito de eletromagnetismo”.

(ii) Recursividade

Em se tratando da propriedade recursividade, Stickney apresenta argumentos segundo os quais a estrutura partitiva é recursiva, contrariamente à estrutura pseudo-partitiva, como se observa na configuração para a frase abaixo:

(46) A crate of those boxes of the big red cartons of Bessie's milk.

“Um engradado daquelas caixas dos grandes pacotes vermelhos de leite da Bessie”.



Conforme observado pela autora, o núcleo nominal (N) seleciona um PP complemento cujo núcleo (P) selecionará por sua vez um NP também como complemento.

Diferentemente, numa estrutura pseudo-partitiva, o que se observa, a partir do contexto apresentado por Stickney, é que a recursividade não se aplica nas frases abaixo, considerando-se o seguinte contexto: “I restocked the dairy fridge in the cafeteria and then proceeded to get complaints”²² (STICKNEY, op. cit., p. 16).

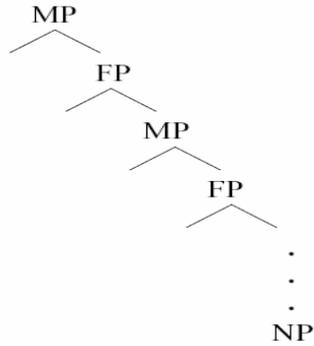
(47) a. Three cartons of milk tasted slightly sour.

“Três pacotes de leite estavam com o gosto levemente azedo”.

b. ??Three crates of cartons of milk tasted slightly sour.

“Três caixas de pacotes de leite estavam com o gosto levemente azedo”.

²² ‘Eu reestoquei a geladeira de laticínios na cafeteria e então comecei a receber reclamações’.



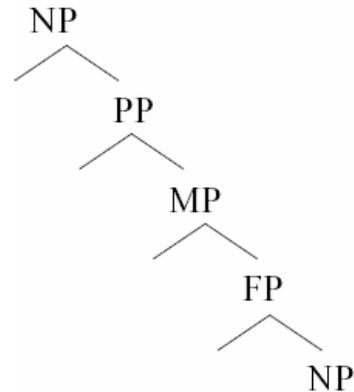
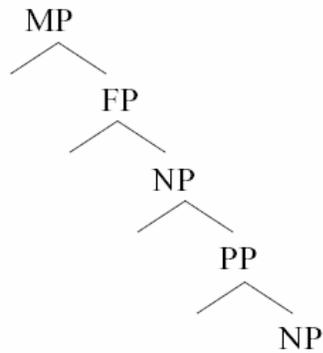
Segundo a hipótese lançada por Stickney, os sintagmas MP e FP são membros de um conjunto ordenado de projeções funcionais. Assim sendo, MP seleciona FP como seu complemento, e este, por sua vez, toma NP como seu complemento. Disso resulta que as sentenças apresentadas anteriormente teriam as seguintes configurações:

Estrutura pseudo-partitiva

Estrutura partitiva

(48) a.

b.



Tais configurações, segundo Stickney, não possibilitam a recursividade, uma vez que o que se tem como resultado é, no caso da primeira configuração, uma estrutura pseudo-partitiva com um PP complemento, e uma construção núcleo-complemento, no caso da segunda configuração. É, portanto, devido ao fato de as pseudo-partitivas apresentarem em sua estrutura interna projeções funcionais que se verifica a impossibilidade de recursividade em tais estruturas.

(iii) Modificação adjetival e s-seleção

Com relação à capacidade de modificação adjetival e s-seleção das estruturas em questão, Stickney (2004) defende que, no caso de uma construção partitiva, quando um adjetivo precede um partitivo, tem-se a modificação do primeiro nome; contrariamente, no caso de uma construção pseudo-partitiva, o adjetivo que antecede o elemento nominal irá modificar o segundo, conforme pode ser verificado nas sentenças seguintes:

Partitivas

(49) a. a red/new pair of those shoes

Um novo par vermelho de aqueles sapatos.

“Um novo par vermelho daqueles sapatos”.

b. ?? a sweet cup of that coffee

“Uma (doce) xícara (doce) daquele café”.

Pseudo-partitivas

(50) a. a red/new pair of shoes

“Um par vermelho novo de sapatos”.

b. a sweet cup of coffee

“Uma xícara doce de café”.

Finalizando sua análise acerca da estruturação interna das partitivas e pseudo-partitivas, Stickney argumenta que seu estudo vai na direção das pesquisas que sugerem um tratamento não-binário para os itens lexicais e funcionais, apostando assim na ideia de que haveria graus de semi-lexicalidade²³.

²³ Para uma discussão bastante aprofundada acerca de uma escala de semi-lexicalidade no estudo das preposições em Português, ver Farias (2005).

1.1.5 Sobre a estrutura do DP partitivo em Português

Considerando as distinções apresentadas entre construções partitivas e pseudo-partitivas nas seções anteriores, nesta subseção serão enfocadas, à semelhança do que ocorre em outras línguas, algumas restrições sintático-semânticas relacionadas ao DP partitivo em Português, as quais passo a elencar a seguir:

(a) *A expressão “maioria de” é antecedida obrigatoriamente por artigo definido, exceto se for modificada por adjetivo, mas, nesse caso, tem-se uma expressão pseudo-partitiva :*

- (51) a. A maioria dos livros de sintaxe foi vendida/foram vendidos.
- b. (Uma*)* maioria dos livros de sintaxe foi vendida/ foram vendidos.
- c. *Uma maioria/ duas maiorias
- d. Uma larga maioria de estudantes fez o exercício²⁴.

(b) *A expressão “parte de” pode ser antecedida ou não por um Determinante²⁵:*

- (52) a. Uma parte dos alunos fez/ ?fizeram o trabalho
- b. Parte dos alunos fez/fizeram o trabalho.

(c) *A expressão “parte de” pode ser modificada por outros elementos mas não pode ser antecedida por numeral cardinal, a menos que o segundo núcleo nominal apresente traços semânticos [-animado], [+contável]:*

- (53) a. Uma pequena/grande/boa parte das flores foi/foram regada(s).
- b. *Duas partes/*três partes /(Uma) grande parte dos funcionários aderiu/aderiram à greve.
- c. Duas/três partes do livro estão ilegíveis.
- d. *Duas partes dos alunos fizeram o trabalho.

²⁴ Nesse caso, o PP [de estudantes] apresenta na verdade uma estrutura pseudo-partitiva, uma vez que o nome por ele subcategorizado não ocorre precedido de determinante, isto é, ele não seleciona um DP mas um NP.

²⁵ Aqui parece haver uma maior aceitabilidade com o verbo no singular, o que, de certa forma, parece estar relacionado ao fato de o artigo definido impor uma restrição de definitude.

e. Os alunos fizeram duas partes²⁶ dos exercícios.

(d) *A expressão “maioria de” em posição de sujeito ou objeto, não pode ser precedida por um numeral cardinal:*

(54) a. *Duas maiorias dos livros de sintaxe foram vendidos.

b. *Os alunos fizeram duas maiorias dos exercícios.

(e) *A expressão “maioria de” não pode ser precedida de possessivos:*

(55) a. *A minha/tua/nossa maioria de livros ficou/ficaram em Maceió.

b. *A minha/tua/nossa maioria dos livros ficou/ficaram em Maceió.

(f) *A expressão “parte de” pode ser precedida de possessivo:*

(56) a. A minha/tua/nossa parte de/dos livros ficou/??ficaram em Maceió.

(g) *As expressões “maioria de” e “parte de” podem ter um possessivo posposto, no entanto este não pode aparecer imediatamente posposto, pois torna a sentença agramatical:*

(57) a. Uma parte dos meus livros **ficou/ficaram** em Maceió.

b. A maioria dos meus livros **ficou/ficaram** em Maceió.

c. *A maioria tua dos livros **ficou/ficaram** em Maceió.

d. ??Uma parte tua dos livros **ficou/ficaram** em Maceió.

A respeito das restrições apresentadas, verifica-se que a forma como as partitivas se estruturam também pode contribuir para o entendimento de como se dá o estabelecimento da concordância sujeito-verbo, pois os traços semânticos inerentes aos nomes contidos nos núcleos nominais que formam tais estruturas podem restringir ou não a realização morfológica visível da concordância de número.

²⁶ Com o item *parte* parece ser possível uma leitura distributiva.

Com relação a presença/ausência de um artigo antes das expressões *maioria de* e *parte de*, verifica-se que essas duas expressões se comportam de maneiras opostas: (i) obrigatoriedade do artigo definido antes da expressão *maioria de*, sendo agramatical sua ausência ou a presença de artigo indefinido (cf. ressalva apresentada na nota de rodapé nº 24), e (ii) possibilidade de realização ou não de artigo indefinido antes da expressão *parte de*, mas nunca a presença de um definido.

Com relação à presença do possessivo, também se verificaram diferenças em relação às estruturas partitivas introduzidas por *parte* e *maioria*, sendo gramaticais sentenças em que o possessivo precede o nome *parte* e agramaticais sentenças em que o item *maioria* é precedido de possessivo. Já com relação à posposição do possessivo aos itens *parte* e *maioria*, percebe-se uma simetria, uma vez que tanto em uma quanto na outra a posposição imediata do possessivo torna a sentença agramatical, ao passo que é gramatical quando modificando o segundo núcleo nominal da expressão partitiva.

1.2. Sobre a concordância sujeito-verbo nas partitivas: algumas propostas

Feita essa breve passagem sobre alguns estudos relacionados à estrutura interna das construções partitivas, passo a apresentar nesta seção uma síntese dos trabalhos desenvolvidos por Brito (1988), Peres & Mória (1995), Scherre & Naro (1998) e Rodrigues (2006) acerca da concordância sujeito-verbo nas partitivas tanto em PB quanto em PE.

1.2.1 Brito (1988): construções partitivas e quantitativas em PE

Com relação à concordância verbal de número em construções quantitativas com expressões nominais, Brito (op. cit.) ressalta que, quando se trata de o primeiro N ser **designativo** (grifo meu) de uma parte ou fração vagamente quantificada, o verbo pode concordar com o segundo N, ou seja, pode apresentar-se na forma plural, desencadeando concordância morfológicamente visível com o nome mais encaixado na estrutura, como é exemplificado abaixo (cf. p. 11):

(58) Um grupo de holandeses **financiaram** a construção deste aldeamento.

É interessante observar que a autora não faz menção ao fato de haver restrição ao estabelecimento de tal concordância no caso de o nome *grupo* ser precedido de determinante definido, conforme proposta de Sánchez López (1999), isto é, não sugere a existência de incompatibilidade com a concordância plural.

A autora menciona, ainda, o caso de construções com particípio passado, que, segundo ela, seriam um caso particular de *silepse*, frequente na oralidade, conforme o exemplo que segue:

(59) Um razoável número de críticas **foram apresentadas**.

A autora faz uma revisão das propostas apresentadas nos estudos pioneiros de Jackendoff (1977) e Milner (1978), tomando como ponto central de sua investigação a distinção feita por esses autores entre construções *quantitativas* e *partitivas*. Um dos objetivos de Brito (op. cit.) com a realização desse estudo é mostrar como a Teoria da Regência e Ligação poderia explicar questões de concordância nas construções partitivas, levando em conta que, de um lado, com o primeiro nome, estaria o desencadeador da concordância, enquanto, do outro, com o segundo nome, estaria o responsável pela seleção verbal.

Apesar de mencionar tais casos de concordância, a autora toma como objeto de sua investigação apenas construções em que a concordância morfológicamente visível é estabelecida com o primeiro N (do *noun phrase* matriz). Contudo, faz-se notório observar que, tanto em construções partitivas quanto em construções quantitativas, a concordância morfológicamente visível com o DP mais encaixado também se encontra realizada em PE, fato averiguado a partir da observação de dados recolhidos pelo *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), como também pela observação (as)istemática de dados de fala produzidos por falantes portugueses do dialeto lisboeta.

1.2.2 Peres & Mória (1995)

Avançando em relação ao tratamento dado às construções partitivas e quantitativas, Peres & Mória (1995) abordam um variado conjunto de concordância em textos escritos do Português Europeu, descrevendo alguns casos típicos de concordância com sujeitos de estrutura de quantificação complexa. Dentre tais estruturas, os autores

destacam aquelas formadas por: (i) **quantificadores de contagem**; (ii) **quantificadores de medição** e (iii) **nomes de referência dependente**, exemplificadas, respectivamente, nas frases seguintes:

(60) Reuniu-se na sala **um milhar de congressistas**.

(61) **Uma parte do palácio** foi restaurada.

(62) **Aquele grupo de estudantes** organizou uma festa de fim de curso.

A despeito das diferenças que podem ser depreendidas em cada uma das construções apresentadas, os autores chamam-nos a atenção para o fato de elas terem como propriedade comum a semelhança com os **predicados nominais típicos**, uma vez que, concernente a sua natureza morfossintática, podem se combinar com diferentes tipos de determinantes e/ou modificadores, conforme nos apresentam os autores nos exemplos que seguem (op. cit., p. 477):

(63) **A esmagadora maioria** dos deputados votou favoravelmente a proposta.

(64) **Uma parte considerável** dos deputados votou favoravelmente a proposta.

(65) **Esta metade das provas** foi corrigida em Lisboa.

(66) Foram publicadas cerca de **duas dezenas**²⁷.

Considerando ainda o fato de que expressões do tipo até agora apresentadas também podem manifestar concordância morfológicamente visível com o nome contido no NP mais encaixado, resultando em construções do tipo:

(67) Só metade dos **alunos** inscritos **realizaram** a prova.

²⁷ Uma questão que parece bastante interessante levantar é se a sentença continuaria sendo gramatical se a concordância fosse estabelecida da seguinte forma, levando em conta a inversão da ordem de palavra:

Cerca de duas dezenas **foram publicadas**/ Cerca de duas dezenas **foi publicada**.

(68) Um terço das **provas foram corrigidas** em Lisboa.

(69) A maioria das **pessoas estão descontentes**.

Peres & Mória (op. cit., 479) argumentam que seria o caso de se considerar que haveria uma concorrência de duas regras alternativas, o que contribuiria, de alguma forma, para causar hesitação²⁸ ao falante. No que se refere ao fato de tratar-se de uma concordância “semântica”, os autores advertem para o fato de que, se fosse apenas o sentido o fator mais importante, a concordância realizada em (1603), aqui apresentada como (70), seria igualmente aceitável como a realizada em (1604), aqui apresentada como (71):

(70) *A maior parte do rebanho **puseram-se** a fugir.

(71) A maior parte das ovelhas **puseram-se** a fugir.

Conseqüentemente, os autores argumentam que “estas frases sugerem que a concordância plural em causa não é legitimada apenas pelo sentido plural da expressão no seu todo — que um termo como *rebanho* em nada afecta —, mas também pelo número plural do nome mais encaixado” (PERES & MÓIA, 1995, p. 480). No entanto, os autores não atentam para o fato de que o nome *rebanho* é de natureza contável, pois seria plenamente aceitável uma frase do tipo:

(72) Dois/três/ rebanhos **puseram-se** a fugir.

(73) A maior parte dos rebanhos **puseram-se** a fugir.

A prova de que essas frases são gramaticais tanto no PB quanto no PE colocam em questão se, de fato, o argumento apresentado pelos autores é de um todo satisfatório. Vê-se também que o elemento controlador da concordância morfológicamente visível entre o verbo e o DP os *rebanhos* é o traço de número presente no nome *rebanho* juntamente com o traço de definitude do DP mais encaixado.

²⁸ A ideia de hesitação aqui mencionada parece ser compatível com a ideia de falha no momento de formulação da sentença, conforme é proposto nos modelos psicolinguísticos de processamento da sentença. A esse respeito, conferir a discussão apresentada no capítulo 2 desta tese.

Semelhantemente a esta última forma de concordância, é importante mencionar a existência de construções com *noun phrases* complexos²⁹, as quais são analisadas, geralmente, como agramaticais e/ou marginais, recebendo, na maioria das vezes, a designação de *erros de atração*, como já mencionado por alguns pesquisadores (FRANCK et al., 2003, RODRIGUES, 2006), sendo consideradas como “falha” no processamento da sentença. Embora tais construções não constituam o foco da presente tese, será importante referi-las aqui e mostrar até que ponto um tipo de explicação proposto para as construções partitivas e quantitativas poderia ser relevante se estendido àquelas.

1.2.3 Scherre & Naro (1998)

No âmbito da Sociolinguística Variacionista, no artigo intitulado *Sobre a concordância de número no português falado no Brasil*, Scherre & Naro (1998)³⁰, descrevem o funcionamento de diferentes casos de variação no uso da concordância no Português Brasileiro, a saber: (i) concordância sujeito-verbo; (ii) concordância entre os elementos do sintagma nominal; e (iii) concordância nos predicativos e participios passivos, conforme apresentados respectivamente nas sentenças em (74), (75) e (76):

²⁹ Tanto em PB quanto em PE, é possível encontrar exemplos com *noun phrases* complexos:

Em PB:

- a. O estudo das variedades de uma língua **favorecem** o desenvolvimento da competência comunicativa do aluno. (Exemplo retirado de VISIOLI (2004, p. 118)

Em PE:

- a. Um conjunto de dados interlingüísticos **infirmaram** esse tipo de análises. (Exemplo retirado de DUARTE, M. I. et al., 2002).

A respeito de tais construções Peres & Mória (1995, p. 461) apresentam os seguintes exemplos:

- a. A publicação destes decretos **deu** origem a um movimento de contestação.
b. *A publicação destes decretos **deram** origem a um movimento de contestação.

Acerca de tal concordância, em nota de rodapé, os autores fazem a seguinte observação: Rodrigues Lapa (1973: 210) refere que as construções do tipo (b) são um exemplo de <<concordância *atractiva*>>, não reconhecida pelos gramáticos no português actual, mas corrente no período clássico (cf. a sua citação de Jorge Ferreira de Vasconcelos:<<Só a graça desses olhos venceram os brutos animais.>>)” (PERES & MÓIA, 1995, p. 461).

Ainda a respeito desse tipo de concordância, Scherre (1994, p. 11) observa que no PE também é possível encontrar exemplos semelhantes na escrita, conforme o trecho retirado de um texto de um autor português: “A interpretação semântica atribuída às expressões derivadas pelo sistema formal PODEM SER DETERMINADAS por regras tardias do próprio sistema, ou...”

³⁰ SCHERRE, M.; A. NARO (1998).

- (74) ...Eles ganham demais da conta (variante explícita)
...Eles ganha0 demais (variante zero)
- (75) – os fregueses; as boas ações; essas coisas todas (variantes explícitas)
- essas estradas nova0; do0 meus pais (variantes explícitas e variantes zero)
- as codorna0; as porta0 aberta0 (variantes explícitas³¹ e variantes zero)
- (76) ...as coisas tão muito caras, né?... (variante explícita);
...que as coisa0 tá0 cara0, num dá mesmo...(variante zero);
...os meus filhos foram amamentados... (variante explícita)
...os meus filhos foram alabetizado0... (variante zero)

A despeito dos casos de concordância identificados no Português falado no Brasil, os autores chamam a atenção para casos de concordância verificados na modalidade escrita, em que se encontram construções como as seguintes:

(77) A **programação** das grandes emissoras reflete sua linha de pensamento.

(78) A apresentação **das cores em duetos** obedecem a uma harmonia que atende a todos os estilos de maquilagem.

(79) Um **grupo** de artistas estava sábado à noite no Cine Ricamar

(80) Um grupo de **turistas** chegam a uma aldeia e vão a um restaurante.

A respeito de tais construções, em que se observa um sujeito simples com estrutura complexa, os autores argumentam que o controle da concordância pode ser estabelecido pelo núcleo do sintagma nominal que está contido no sintagma preposicional quer tenha *status* de adjunto quer tenha de complemento. No caso de o núcleo do sujeito ser expandido por dois sintagmas preposicionais, será o núcleo do

³¹ Encontra-se tal qual o texto original.

sintagma nominal contido no sintagma preposicional que ocupa a posição mais alta³² que irá controlar a concordância.

A partir disso, Scherre & Naro (1998, 2002) propõem a hipótese de que a definição do elemento controlador da concordância seria feita tomando-se como base a existência de uma hierarquia de traços, tais como: traço sintático de número [+plural], traço semântico [+humano] e um traço ligado à saliência fônica da oposição desinencial das formas verbais [+saliente].

Como consequência dessa proposta, a concordância ora com o núcleo do *noun phrase* do sujeito, ora com um elemento nominal modificador seria considerada variantes linguísticas, nos termos labovianos, tanto nas construções partitivas como nas demais estruturas descritas pelos autores. Um ponto interessante a ser considerado, a partir da hipótese formulada por Scherre & Naro (1998, 2002), para a investigação a que se propõe esta tese, em particular, é o fato de os autores não atribuírem agramaticalidade à concordância sujeito-verbo estabelecida em construções com sujeito de estruturação complexa, contrariamente ao que é proposto por Rodrigues (2006). Isso parece apontar para a ideia de que, se essas construções são “igualmente” aceitas e desencadeiam concordância pelas mesmas razões que as construções partitivas e quantitativas, espera-se que uma aproximação entre elas, ainda que de um ponto de vista estritamente empírico, não seja de um todo desconsiderada.

1.2.4 Rodrigues (2006): construções partitivas vs. DPs complexos

Adotando o quadro de investigação da Psicolinguística Experimental juntamente com a versão minimalista da Teoria de Princípios & Parâmetros, Rodrigues (2006) analisa a dupla possibilidade de concordância de número nas partitivas contrastando tais estruturas daquelas formadas por DPs complexos, defendendo a ideia de que aquelas são legitimadas pela gramática da língua enquanto estas decorrem de *erros/falhas* no momento do processamento da sentença.

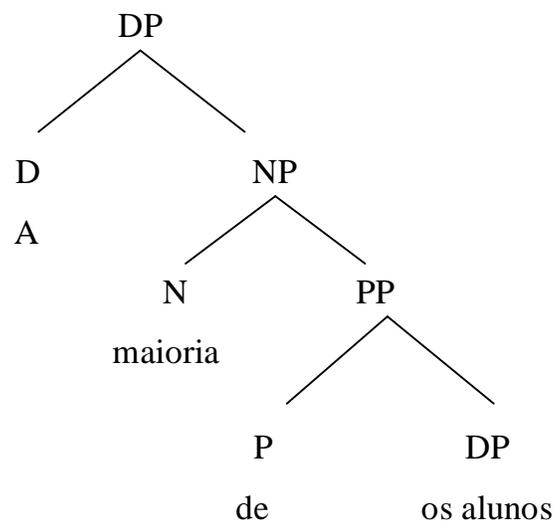
Assim sendo, ambas as construções precisam, segundo a autora, ser tratadas de forma diferenciada, uma vez que as construções cujos sujeitos são formados por DPs complexos são agramaticais em PB, isto é, não “levam” o verbo para o plural.

³² Os autores se referem à posição mais alta como sendo a posição mais à esquerda na hierarquia sintática. (cf. SCHERRE & NARO, 1998, p. 13).

Rodrigues (2006) lembra, ainda, que as partitivas não devem ser confundidas com as pseudo-partitivas.

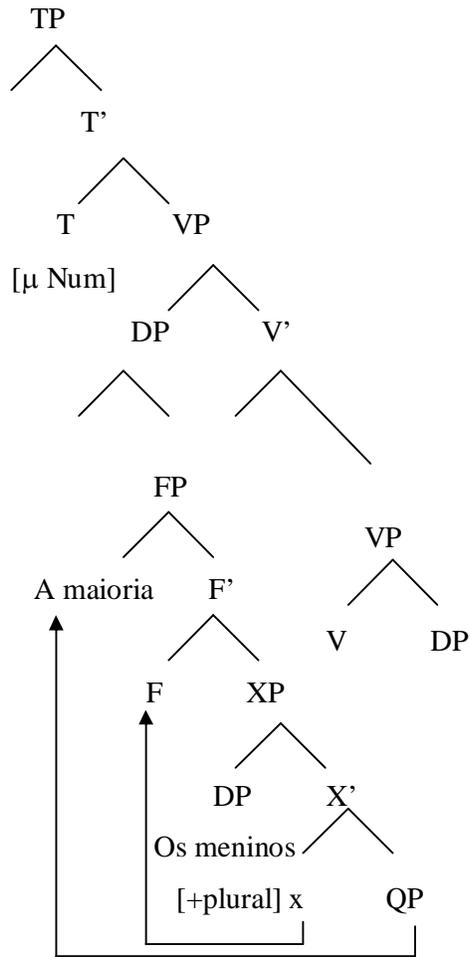
A dupla possibilidade de concordância nas partitivas estaria relacionada, segundo Rodrigues (op. cit.), ao caráter híbrido dos núcleos nominais contidos nas partitivas. Assim sendo, em se tratando dos itens *parte* e *maioria*, mais especificamente, a autora defende que poderiam apresentar natureza lexical ou funcional. Quando lexicais, ocupariam a posição de núcleo de um NP, desencadeando concordância singular, quando funcionais desencadeariam concordância plural e ocupariam a posição de quantificadores de nome. As configurações³³ que seguem ilustram essa possibilidade:

(a) *Representação do nome partitivo como item lexical*



³³ Voltarei à discussão da proposta de Rodrigues (2006) no capítulo 2 desta tese. Por essa razão, limito-me apenas a mencionar as configurações propostas pela autora.

(b) Representação do nome partitivo como item funcional



Tais configurações, segundo Rodrigues, ao evidenciarem a natureza híbrida dos itens partitivos, explicariam a dupla possibilidade de concordância atestada em Português, além de estar em conformidade com estudos como o de Stickney (2004), dentre outros, pelo menos no que se refere ao fato de considerar a natureza categorial híbrida das preposições na distinção entre estrutura partitiva e pseudo-partitiva.

1.2.5 Sumário

Neste capítulo procurei descrever a estruturação interna das construções partitivas e os desdobramentos de algumas propostas tendo em vista o papel desempenhado pela concordância de número entre o núcleo nominal contido no DP mais encaixado e o verbo. Procedi mostrando ainda um breve percurso por alguns estudos sobre a estrutura das partitivas em línguas como o inglês, o espanhol, o PE e o PB, e a distinção feita entre as partitivas e as pseudo-partitivas, com base em Brito (2003) e Stickney (2004). Foram discutidas também as propostas apresentadas por Girbau (2003) e Kim (2001) sobre a ideia de que os DPs partitivos apresentam apenas um nome, diferentemente da proposta formulada por Jackendoff (1977) e Milner (1978). Concluindo, pude perceber que uma proposta capaz de dar conta das propriedades constitutivas de uma construção partitiva devem considerar não apenas o papel desempenhado pelo léxico, como propõe Kim (op. cit.), mas também a estruturação sintática de cada uma delas, uma vez que estas poderão nos fornecer alguma pista para questões de concordância.

Dentre as propostas apresentadas acerca da estruturação interna das estruturas partitivas, a proposta de Stickney (2004) mostra-se, a meu ver, como a mais abrangente e adequada em termos empíricos e teóricos, pois a autora compara um grande número de hipóteses para o tratamento de diferentes fenômenos e propriedades relacionadas às partitivas e pseudo-partitivas ao mesmo tempo em que mostra as diferenças entre essas construções e as pseudo-partitivas. O fato de propor, por exemplo, que as pseudo-partitivas apresentam uma projeção funcional – *Measure Phrase*, contribui para desfazer possíveis ambiguidades estruturais entre as estruturas mencionadas. Foi visto, ainda, que as restrições apontadas por Stickney (2004) para línguas como o inglês e o espanhol também se aplicam ao Português.

CAPÍTULO 2

NOTAS SOBRE O PROCESSAMENTO DA CONCORDÂNCIA SUJEITO-VERBO

2.0 Introdução

No âmbito da Psicolinguística Experimental inúmeros são os trabalhos desenvolvidos sobre o tema do processamento da concordância verbal cujos principais objetivos estão atrelados a uma busca pela compreensão do funcionamento da formulação de sentenças, tendo em vista a forma como são processadas e os mecanismos envolvidos. Considerando, pois, tal fato, o presente capítulo tem como principais objetivos: (i) uma descrição de alguns estudos desenvolvidos sobre o tema do processamento da concordância sujeito-verbo em diferentes línguas, em que é adotada a interface entre modelos teóricos do ponto de vista da Psicolinguística Experimental e do ponto de vista do Programa de Investigação da Gramática Gerativa a fim de fornecerem uma explicação para os *erros de atração*³⁴ de concordância; (ii) a apresentação dos resultados de três testes de preferência a que foram submetidos falantes do PB e do PE, com vistas a analisar a concordância sujeito-verbo em construções partitivas introduzidas pelos itens *maioria* e *parte*, semelhantemente³⁵ ao estudo realizado por Rodrigues (2006) sobre o PB.

Embora os chamados *erros de atração* não sejam exatamente o foco da presente tese, torna-se relevante abordá-los, uma vez que podem trazer algum tipo de evidência empírica para melhor compreensão da concordância sujeito-verbo em construções partitivas. O estudo dessas, por sua vez, poderá lançar luz à compreensão daqueles. Para tanto, este capítulo encontra-se organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresento o trabalho de Franck, Vigliocco & Nicol (2002) no qual esses

³⁴ *Erro de atração*, segundo Rodrigues (2006, p. 15), “se caracteriza pela concordância do verbo com um núcleo nominal interveniente entre aquele e o núcleo do sujeito”.

³⁵ A semelhança aqui se refere apenas à escolha dos itens partitivos *parte* e *maioria* com o objetivo de compreender o estabelecimento da concordância no âmbito das construções partitivas introduzidas por tais itens. O nosso estudo se distancia radicalmente da pesquisa de Rodrigues (op.cit.) uma vez que esta realiza experimentos psicolinguísticos com os falantes do PB.

autores analisam *erros de atração* a partir de dois experimentos realizados com falantes do inglês e do francês, com o intuito de verificar o papel desempenhado pela estrutura sintática na indução de tais erros. Na segunda seção, discorro sobre o estudo desenvolvido por Franck et al (2003) no qual esses autores analisam a correlação entre movimento sintático e concordância, a partir de três experimentos realizados com falantes franceses e italianos. Na terceira seção, abordo o trabalho de Rodrigues (2006) sobre o processamento de número na concordância sujeito-verbo no Português Brasileiro, tanto em construções formadas por DPs complexos, à semelhança dos trabalhos anteriormente mencionados, quanto em construções partitivas, em que essa autora utiliza pressupostos teóricos advindos do Programa Minimalista e de uma teoria de formulação da sentença (Processamento Monitorado por Parser – PMP). Finalizando o capítulo, na quarta seção, apresento os resultados dos testes de preferência realizados com falantes do PB e do PE.

2.1 Franck, Vigliocco e Nicol (2002): sobre a relevância da estrutura sintática na indução de erros de atração

Partindo do pressuposto de que o fenômeno da concordância pode ser considerado um ponto-chave na tentativa de compreender os princípios gerais sobre as relações sintáticas na produção de uma sentença, os autores apresentam os resultados de dois experimentos realizados paralelamente em inglês e em francês em que os falantes de ambas as línguas foram solicitados a completar preâmbulos sentenciais complexos. O principal objetivo dos experimentos foi verificar o papel desempenhado pela estrutura sintática na indução de *erros de atração* na marcação de número entre o sujeito da sentença e o verbo no momento da produção da sentença.

Os resultados apresentados nos experimentos citados, segundo os autores, contradizem as duas grandes hipóteses sobre os *erros de atração*, quais sejam: (i) *linear distance hypothesis*, segundo a qual o efeito de atração é ocasionado pela proximidade do nome local ao verbo na sequência linearizada, ou seja, a distância linear entre as palavras é um fator determinante na operação de concordância; e (ii) *clause packaging hypothesis* pela simultaneidade do processamento do nome local e do nome nuclear situados na mesma oração.

Como representantes da primeira hipótese, Franck et al (2002) mencionam o trabalho de Fayol & colaboradores³⁶. Para esses autores, é importante considerar a relação entre o mecanismo de ativação de concordância e o papel desempenhado pela memória de trabalho. Logo, quando não há nome interveniente o mecanismo de checagem é ativado de forma automática. Contrariamente, na presença de um nome local pré-verbal, a concordância entre o nome nuclear do sujeito e o verbo se dá por meio de um mecanismo de checagem não automático. Como resultado, a concordância com o nome não local exigiria um mecanismo de ativação não automática, consumindo recursos da memória de trabalho.

Diferentemente, como representantes da segunda hipótese, Franck et al. (2002), fazem menção ao trabalho de Bock & Cutting (1992)³⁷. Em três diferentes experimentos realizados, esses autores descobriram que o PP modificador favorece um maior número de *erros de atração* do que modificadores de orações relativas ou complementos oracionais.

Para Franck et. al (2002) ocorrem mais erros de concordância seguindo um modificador intermediário do que um modificador pré-verbal imediatamente. A partir disso, os autores fazem a seguinte predição: a atração é determinada pela *distância sintática* entre o nome interveniente e o nome nuclear em um estágio da codificação gramatical da sentença, momento esse em que as unidades sintáticas são dispostas dentro de uma estrutura sintática hierarquicamente organizada. Para tanto, fundamentam-se nos modelos de produção de sentença IPG (*Incremental Procedure Grammar*) e IPF (*Incremental Parallel Formulator*), propostos respectivamente por Kempen & Hoenkamp (1987)³⁸ e De Smedt (1990)³⁹.

2.2 Franck, Lassi e Rizzi (2003): a relação entre erros de atração e movimento

Analisando a correlação entre concordância e movimento para o estudo de *erros de atração*, Franck et al. (2003) tomam como evidência empírica os resultados de

³⁶ FAYOL, M.; LARGY, P., & LEMAIRE, P. When cognitive overload enhances subject-verb agreement errors. A study in French written language. *Quarterly Journal of Experimental Psychology*, 47, 437-464, 1994.

³⁷ BOCK, J. K.; CUTTING, J.C. Regulating mental energy: performance units in language production. *Journal of Memory and Language*, v. 31, p. 99-127, 1992.

³⁸ KEMPEN, G.; HOENKAMP, E. Incremental Procedural Grammar for sentence formulation. *Cognitive Science*, 11, 1987. p. 201-258.

³⁹ DE SMEDT, K. J. IPF: Na incremental parallel formulator. In: DALE, R.; MELLISH, C.; ZOCK, M. (Eds.) *Current research in natural language generation*. London: Academic Press, 1990. p. 167-192.

testes experimentais realizados com falantes franceses e italianos. Para tanto, os autores adotam uma perspectiva de interface entre Psicolinguística Experimental e sintaxe teórica, argumentando que tal articulação dá conta da complexidade computacional, do lado da sintaxe formal, e de evidências que não são imediatamente possíveis apenas a partir de julgamentos de gramaticalidade, do lado da Psicolinguística Experimental.

Como questão central aos três experimentos realizados, é cogitado se a atração de fato ocorreria sobre os passos derivacionais intermediários onde a concordância é estabelecida. Adicionalmente, os autores levantam as seguintes questões:

- (i) A intervenção linear, em termos de precedência, é um fator crítico?
- (ii) A intervenção hierárquica, em termos de c-comando, é um fator crítico?
- (iii) A separação entre *Agree* e *Move* é observável experimentalmente onde efeitos de atração mais fortes serão encontrados em configurações envolvendo *Agree* apenas quando comparada a uma configuração envolvendo *Agree* associada com *Move*? (FRANCK et al., 2003, p.13).

O primeiro experimento, realizado em italiano, teve como objetivo principal investigar as condições de determinação de um elemento interveniente como motivador de atração. Para tanto, contou com a participação de 60 estudantes (falantes nativos do italiano) da Universidade de Siena, com idade entre 18 e 28 anos. Os autores testaram se a *precedência linear* era de fato um ingrediente indispensável para a realização de *erros de atração*, tomando como ponto de partida os resultados obtidos por Vigliocco & Nicol (1998)⁴⁰ para o inglês, os quais apontaram que a mesma quantidade de *erros de atração* foi verificada nessa língua tanto em sentenças declarativas quanto em interrogativas, conforme os exemplos que seguem:

- (1) a. *The **helicopter** for the **flights** are safe.
O helicóptero para os voos SER-3PL safe.
“O helicóptero para voos são seguros”.
- b. *Are the helicopter for the flights safe?
SER- 3PL o helicóptero para os voos seguro?

⁴⁰ VIGLIOCCO, G.; NICOL, J. Separating hierarchical relations and word order in language production. Is proximity concord syntactic or linear? *Cognition*, 68, 13-29, 1998.

“O helicóptero para voos **são** seguros?”

Em se tratando do italiano, Franck et al. (2003) apresentaram os seguintes dados:

(2) a. **L’ amica dei vicini** telefonará.

“A amiga dos vizinhos telefonará”.

b. Telefonará **l’amica dei vicini**

“Telefonará a amiga dos vizinhos”.

À semelhança de Vigliocco & Nicol (op. cit.), Franck et al. (2003) adotam a assunção segundo a qual a computação da concordância é uma representação hierárquica e relativamente abstrata. No entanto, diferenciam-se daqueles por assumirem que na configuração SV, mas não em sentenças VS, de inversão livre, a intervenção linear, em termos de precedência, é uma condição de interferência necessária.

Todavia, os autores asseveram que as representações sintáticas, expressas por meio de estruturas arbóreas, não manifestam relações lineares apenas, mas também relações hierárquicas. Partindo dessa ideia, o experimento 2 procura verificar a relevância da noção de c-comando, mais especificamente, a fim de averiguar se ele cria interferência adicional quando comparado à precedência sozinha. Para esse experimento, contou-se com a participação de 40 sujeitos falantes nativos do francês, com idade entre 18 e 25 anos, os quais eram solicitados a criar sentenças completas a partir da informação que recebiam sobre a base do preâmbulo e do verbo flexionado⁴¹.

Para tanto, os autores comparam os efeitos de atração de um clítico objeto entre o sujeito e o verbo flexionado e os efeitos de atração com um modificador do sujeito em francês, os quais são apresentados respectivamente em:

(3) a. Les professeur les lit/*lisent (intervenção linear e hierárquica)

“Os professores os lê/*leem”.

⁴¹ Vale ressaltar que, anteriormente a essa etapa, os participantes já haviam recebido todas as instruções do experimentador.

b. Le professeur des élèves lit/*lisent (intervenção puramente linear)

“O professor dos alunos lê/*leem”.

Como resultado desse experimento, os autores observam que a intervenção do clítico se dá em termos de c-comando, em que se tem, de um lado, o sujeito c-comandando o clítico e, de outro, o clítico c-comandando o verbo flexionado. Diferentemente, a intervenção do modificador do sujeito dá-se apenas em termos de precedência, uma vez que não c-comanda o verbo flexionado.

Com base nesse resultado, Franck et al. (2003, p. 17) fazem a seguinte predição: se for levado em conta que a intervenção hierárquica em termos de c-comando é relevante para a interferência, espera-se que a interferência seja mais forte quando estabelecida tanto linearmente quanto hierarquicamente, conforme apresentado em 3(a).

Para finalizar, o experimento 3 consistiu da investigação de *erros de atração* em construções clivadas em francês, em que se tem o objeto deslocado à periferia esquerda, derivando-se as ordens OSV e OVS, conforme pode ser verificado nos exemplos apresentados em:

(4) a. C’est les négociations que le ministre suspend.

“São as negociações que o ministro suspende”.

b. C’est les négociations que suspend le ministre.

“São as negociações que suspende o ministro”.

Dados tais exemplos, os autores questionam se a anteposição do objeto ocasionaria um efeito de atração deste sobre a concordância sujeito-verbo. Como resposta a essa questão, os autores argumentam que nenhum efeito do objeto na ordem OSV é verificado nem linearmente nem hierarquicamente.

A partir dos resultados obtidos nos experimentos, os autores levantaram a hipótese segundo a qual a concordância seria mais suscetível a *erros* de concordância quando baseada apenas na operação *Agree* do que quando verificada localmente, via configuração *Spec-Head*. No primeiro caso, seria estabelecida inicialmente entre o nó concordância e o sujeito em sua posição temática; no segundo caso, seria estabelecida quando o sujeito se movesse para a posição de especificador do nó concordância.

É interessante observar, ainda, que os autores fazem uma distinção entre *verificação* e *checagem*. A primeira seria a operação que ocorreria em uma configuração *Spec-Head* local, e a segunda seria o processo de concordância na sua totalidade.

Em resumo, os autores adotam os seguintes pontos como de maior relevância sobre a concordância: (i) é um fenômeno configuracional, cuja computação sobre estruturas arbóreas se dá por meio de relações hierárquicas (c-comando, localidade); (ii) envolve os dois componentes separados de *Agree* e *Move*; e (iii) do ponto de vista interlingüístico, *Agree* associado a *Move* viabiliza uma manifestação morfológica de concordância mais estável do que *Agree* sozinha. Tais pontos são fundamentados levando-se em consideração a ideia de que as sentenças são derivadas por meio de aplicações sucessivas de operações computacionais, quais sejam, *Merge*, *Agree* e *Move*.

Dados os resultados apontados para Franck et al. (2003), segundo os quais computação de concordância e ordem superficial estariam dissociadas, é importante considerar o que propõe uma perspectiva de explicação baseada unicamente no mecanismo de *Agree*, mais especificamente sobre as condições de *match* e *value*, conforme sugere Béjar (2003). Desse ponto de vista, ficaria a cargo da própria operação *Agree* explicar os mecanismos que entram em jogo na *concordância parcial*, o que, talvez, possa ser estendido, em alguma medida, aos *erros de atração* tratados no âmbito da Psicolinguística Experimental. Dessa forma, penso não ser necessário, ao menos do ponto de vista sintático *stricto sensu*, propor que a estabilização da concordância estaria relacionada à junção de *Move* à operação *Agree*, uma vez que tal “solução” implicaria “olhar” para um mecanismo a mais.

Embora a presente tese não realize um estudo psicolinguístico do processamento da concordância de número nas estruturas partitivas, diferentemente do que fora realizado por Rodrigues (2006), acredito que a inversão na perspectiva de olhar para os *erros de atração*, isto é, de conceber tais *erros* como parte de um funcionamento mais amplo da maquinaria sintática, poderá trazer alguma luz à compreensão de tal fenômeno.

2.3 Rodrigues (2006): expressões partitivas e DPs complexos: o processamento da concordância no Português Brasileiro

Assumindo como ponto de partida o fato de que muitas hipóteses e modelos de processamento são construídos para melhor explicação dos *erros de atração*, os quais são atribuídos, preponderantemente, a falhas no processamento da sentença, Rodrigues (2006) analisa o processamento de número da concordância entre sujeito e verbo na produção de sentenças declarativas finitas em PB, procurando articular um modelo⁴² teórico de processamento de sentença fundamentado na Psicolinguística Experimental à teoria linguística, representada, neste caso, pelo Programa Minimalista. De partida, a autora propõe-se a estabelecer uma distinção entre as construções denominadas partitivas, cuja concordância morfológicamente visível se realiza de duas formas, ambas licenciadas pela gramática da língua e julgadas gramaticais pelos falantes (conforme apresentado em (6)), e as construções com DPs complexos, julgadas agramaticais (conforme apresentado em (5)).

(5) A análise dos **resultados** experimentais **indicaram** um efeito principal de número do núcleo interveniente no processamento da concordância.

(6) A maioria dos erros ocorreu/ocorreram após preâmbulos em que havia incongruência de número entre o núcleo do sujeito e o núcleo interveniente.

Nos dois tipos de construção tem-se uma marcação de número plural no DP mais encaixado, o qual funciona como modificador do sujeito. Partindo do fato de que os dois tipos de construção são distintos, a autora irá propor que devam ser analisados de forma diferenciada, levando em conta tanto o processamento da sentença pelos falantes, quanto a explicação do ponto de vista da teoria linguística para a derivação sintática.

A autora justifica sua escolha teórica argumentando que a noção de derivação de uma sentença, na teoria linguística, é compatível com o modelo de produção/formulação de sentença adotado, uma vez que leva em conta a aplicação de sucessivas operações computacionais (cf. RODRIGUES, 2006, p. 32).

⁴² A esse respeito, o trabalho de Augusto (2005) parece ser bastante elucidativo, uma vez que discute questões relacionadas ao diálogo estabelecido entre Teoria Linguística e Psicolinguística.

Como consequência dessa escolha, a autora irá assumir a ideia segundo a qual a gramática tem sua autonomia em relação ao processador⁴³, o que a leva a adotar um modelo de processamento separado da gramática, qual seja o modelo baseado na proposta de Correia (2005; 2006). Esse modelo recebe a designação de modelo PMP (*Produção Monitorada por Parser*).

Esta visão difere radicalmente da visão assumida por Phillips (1996), o qual propõe um modelo de explicação para o processamento de sentenças que leva em conta a integração *parser* e gramática. Rodrigues (op. cit.) assume a visão segundo a qual o parser-monitorador atua paralelamente à formulação de enunciados, isto é, uma visão não-interativa, diferentemente do que propõe Phillips (1996)⁴⁴.

A autora argumenta que tal modelo é compatível com a visão de modularidade da teoria linguística adotada para o estudo da gramática. Como consequência, Rodrigues defende que os *erros de atração* encontrados nos testes experimentais produzidos pelos falantes não “afetam” a computação sintática, uma vez que seriam decorrentes de operações pré ou pós-sintáticas, e não de operações do sistema computacional propriamente dito.

Do ponto de vista metodológico, inicialmente, Rodrigues propõe uma tarefa Psicolinguística a um grupo de falantes do dialeto padrão brasileiro. Ao todo são realizados 5 experimentos psicolinguísticos a fim de verificar, por meio de julgamento de gramaticalidade da sentença, possíveis diferenças no processamento da concordância entre os DPs complexos e as construções partitivas. Os testes compreendem diferentes variáveis, levando em conta fatores sintáticos, morfofonológicos e semânticos.

O primeiro experimento teve como objetivo principal analisar a interação entre as variáveis independentes: *distância linear* entre o núcleo do sujeito e o verbo (curta ou longa) e o *tipo de modificador* (PP e oração relativa). Para tanto, procedeu-se à manipulação da primeira variável (*distância linear*) introduzindo-se um PP modificador

⁴³ Acerca da discussão entre teorias de competência e teorias de performance, Chomsky (1995, p. 57) argumenta que “uma hipótese empírica aceita é que uma das componentes da mente/cérebro é um *processador*, que atribui uma representação perceptual a um sinal (abstraindo de outras circunstâncias para a interpretação. Presumivelmente, o processador incorpora a língua e muitas coisas mais: a hipótese é que a interpretação implica um tal sistema, encaixado noutros.” (grifo do autor).

⁴⁴ Para Phillips (1996), não há distinção entre *gramática* e *processador*, e a construção de uma sentença se dá da esquerda para direita, o que significa que compreendemos uma sentença porque a geramos. (p. 13). O modelo de gramática adotado por Phillips baseia-se em Miller e Chomsky (1963) e consiste em mostrar que a arquitetura da linguagem é formada por dois componentes: (i) a gramática e (ii) um conjunto finito de recursos utilizados pela gramática. O primeiro componente é formado por propriedades particulares da linguagem, universais, léxico, procedimentos para construção de estruturas e condições de economia. Já o segundo é formado de conhecimento de mundo, memória de trabalho e experiências passadas.

do núcleo nominal interveniente (cf. p. 145), conforme condições exemplificadas em C1-C4:

C1: distância linear *curta* e modificador *PP*

(7) O **diretor** arrogante dos funcionários.

C2: distância linear *curta* e modificador *Oração Relativa*

(8) O **jornalista** que falou dos empresários

C3: distância linear *longa* e modificador *PP*

(9) O **instrutor** calmo dos pilotos de avião

C4: distância linear *longa* e modificador *Oração Relativa*

(10) O **ator** que discordou dos críticos de teatro

Como resultado, Rodrigues (op. cit.) verifica que a variável *distância linear* apresentou um efeito significativo, diferentemente da variável *tipo de modificador* e da interação entre ambas as variáveis. Esse resultado, segundo a autora, é compatível com a ideia segundo a qual a manutenção da representação do DP sujeito gerada pelo *parser* seria afetada pela distância entre o núcleo do sujeito e verbo, dificultando por conseguinte a recuperação da informação de número do núcleo do sujeito.

Concernente ao segundo experimento, procurou-se verificar a previsibilidade de *erros de atração* com relação ao contraste entre *posição linear* e *posição hierárquica* do núcleo nominal interveniente. Adicionalmente, foi observado o valor do traço de número do núcleo do sujeito, a fim de verificar se a concordância seria afetada por ele. Os resultados obtidos apontam a posição hierárquica do núcleo interveniente como sendo a propriedade responsável pela previsão de *erros de atração* no processamento da concordância entre o sujeito e o verbo, levando em conta as seguintes condições favorecedoras: (i) distância linear longa entre o núcleo do sujeito e o verbo; (ii) núcleo do sujeito no singular; e (iii) núcleo interveniente mais alto no plural.

No que diz respeito ao valor do traço, ou seja, o efeito de marcação, o fator desencadeador dos *erros de atração* é a visibilidade da informação de número no DP sujeito. A autora faz referência ao fato de os resultados obtidos aproximarem-se dos resultados obtidos em Franck, Vigliocco & Nicol (2002) para o inglês. Todavia, a autora chama a atenção para o fato de no Inglês o elemento que ancora a informação de número ser obrigatoriamente o nome; contrariamente ao Português Brasileiro (em alguns dialetos) que marca explicitamente tanto no nome quanto no determinante, valendo ressaltar que, conforme atestam Scherre & Naro (1998), quando se trata dos DPs, essa informação de número recai sempre no determinante, ideia essa também assumida por Magalhães (2004), conforme será apresentado no quarto capítulo da presente tese.

Segundo Rodrigues, esses resultados se distanciam daqueles obtidos por Franck, Vigliocco e Nicol (2002) no que se refere aos dados do francês. Tal resultado, segundo a autora, pode ser atribuído ao fato de não haver, em francês, uma distinção tão explícita entre o singular e plural, a despeito do que é observado no Português e no Inglês.

Com relação ao experimento 3, objetivou-se verificar em que medida o *status argumental do PP* (se argumento, se adjunto) que contém o núcleo interveniente no DP sujeito seria decisivo no processamento da concordância. A autora argumenta, com base em Matthews & Chodorow (1988)⁴⁵, que a incidência de um maior número de erros após PPs argumentos estaria associada à posição estrutural de cada um dos constituintes, uma vez que essa posição poderá determinar o grau de acessibilidade de representações na memória. Em se tratando de PPs argumentos, estes seriam mais determinantes no processamento da concordância “por estarem mais fortemente vinculados à estrutura sintática” (cf. RODRIGUES, 2006, p. 159).

O quarto experimento teve como principais objetivos verificar a relação entre *distributividade e marcação morfofonológica*, uma vez que em várias línguas a propriedade semântica da distributividade parece ser capaz de interferir no processamento da concordância de número. Com efeito, buscou-se observar se haveria efeito de distributividade na concordância entre o sujeito e o verbo, como também verificar, através do emprego do operador “cada”, se haveria interferência na

⁴⁵ MATTHEWS, A.; CHODOROW, M.S. Pronoun resolution in two-clause sentences: effect of ambiguity, antecedent location and depth of embedding. *Journal of Memory and Language*, v. 27, p. 245-260, 1988.

concordância com sintagmas em que a leitura distributiva não estivesse necessariamente associada à marca de pluralidade de um núcleo interveniente.

Além disso procurou-se verificar se o “s” final do número interveniente deflagraria *erros de atração* e se na computação sintática seriam consideradas diferenças com relação à codificação morfofonológica de número no núcleo interveniente em DPs locais. (cf. p. 160).

Para isso, foi utilizado o operador “cada” em DPs do tipo:

CI: O trinco de cada porta

C2: A roda de cada ônibus

C3: A maçaneta das portas

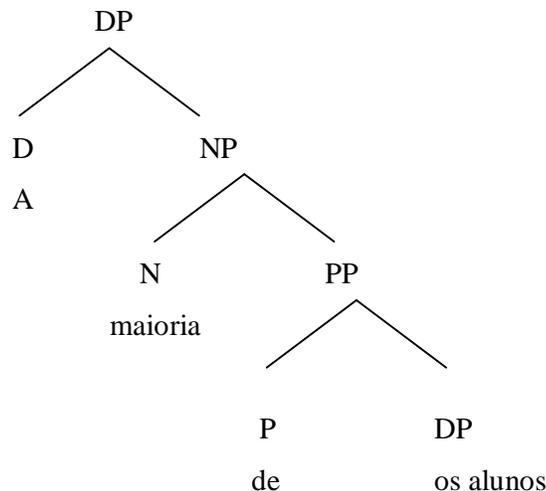
C4: O volante dos ônibus

O resultado obtido por esse experimento mostra que houve um maior número de erros nas condições em que o DP do nome local era plural, ou seja, não compatível com o número do núcleo do sujeito (cf. RODRIGUES, 2006, p. 162).

Além dos resultados ora apresentados acerca dos experimentos realizados por Rodrigues, interessa verificar ainda a discussão trazida pela autora acerca das propriedades dos itens *maioria* e *parte*, e analisar de que maneira a proposta formulada pela autora pode dar conta ou não dos casos estudados.

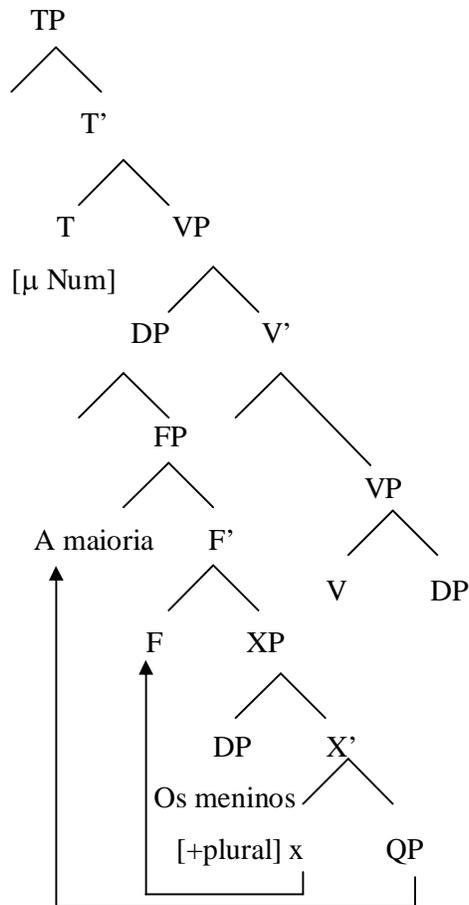
Rodrigues (2006) assume que os elementos de natureza partitiva *maioria* e *parte* podem manifestar propriedades categoriais de natureza lexical e/ou funcional. Quando lexicais, esses nomes ocupariam a posição de núcleo de um NP, sendo responsável pelo controle da concordância com a flexão verbal, conforme configuração a seguir:

(11)



Diferentemente, quando funcionais, os itens *maioria* e *parte* ocupariam a posição de quantificadores de nome, sendo o DP contido no PP o sujeito de uma *Small Clause* e os itens *maioria* e *parte* os predicados dessa *Small Clause*. Essa ideia, postulada por Rodrigues para as partitivas em Português, fundamenta-se em Covert & Zwarts (2004). A configuração ficaria como segue:

(12)



A ideia defendida por Rodrigues consiste em mostrar que a relação de concordância estabelecida na estrutura acima seria resultado da valoração do traço não-interpretável de número da sonda T pelo DP plural [os meninos], o qual seria alçado para a posição de núcleo do sintagma funcional.

A autora salienta, ainda, que a presença de um adjetivo modificando os itens *parte* e *maioria* também teria influência no desencadeamento da concordância, uma vez que restringiriam a forma verbal ao singular, conforme os exemplos apontados em:

(13) A grande maioria dos alunos reclamou/?*reclamaram da prova de matemática.

(14) A maioria inteligente dos alunos conseguiu/?* conseguiram fazer o trabalho.

Rodrigues (op. cit.) argumenta que, quando posposto, o adjetivo atuaria de forma mais decisiva para levar o verbo ao singular, contrariamente, quando anteposto, dificultaria a precisão do julgamento da sentença.

A autora argumenta, ainda, que uma outra possibilidade de análise para a concordância plural com o DP definido em construções partitivas seria assumir uma explicação tomando como base uma estrutura de adjunção de DP a DP, conforme propõe Avelar (2005a⁴⁶; 2005b⁴⁷) ao analisar o comportamento de constituintes encabeçados por *sintagma-de*, contrastando com o comportamento daqueles encabeçados por *sintagma-com*.

Rodrigues então descreve de que maneira ocorreria a valoração do traço não-interpretável de número do núcleo funcional T com o traço de número do DP partitivo. No entanto, ela questiona a arbitrariedade da escolha do DP, pois uma vez que ocorre adjunção de DP a DP, o núcleo funcional T poderia enxergar tanto o DP [a maioria] quanto o DP partitivo complemento de [maioria].

A despeito de tal discussão, Rodrigues (2006, p. 120) ressalta que é preciso levar em conta uma proposta de análise que considere a concordância com as construções partitivas como um processo sintático:

“ a concordância com as partitivas é resultante de um **processo sintático**, passível de ser capturado a partir da definição do elemento que carrega o traço interpretável de número no DP e de configurações específicas atribuídas à partitiva.” (grifo meu).

Adicionalmente, Rodrigues (2006) ressalta que a ideia de concordância facultativa proposta pela Gramática Normativa é totalmente inadequada à concordância nas partitivas, uma vez que, segundo a autora, essa dupla possibilidade seria

⁴⁶ AVELAR, J. O. *Constituintes preposicionados, derivação por fase e critérios de interpretação temática*. Trabalho apresentado no GEL – 2005, Universidade Federal de São Carlos, 2005a.

⁴⁷ AVELAR, J. O. *Sobre PPs adnominais no português brasileiro*. Trabalho apresentado no X Seminário de Teses em Andamento. Unicamp, 2005b.

desencadeada pelo fato de serem decorrentes de numerações distintas, do que resultaria que em cada uma dessas numerações os itens *maioria* e *parte* portariam conjunto diferenciado de traços (cf. RODRIGUES, op. cit., p. 100).

A ideia de Rodrigues parece bastante adequada, uma vez que parte do fato de haver *numerações* distintas. No entanto, o problema dessa proposta parece estar em atribuir tal distinção exclusivamente à natureza dos traços dos itens partitivos *maioria* e *parte*. Acredito que tal diferença se deva não apenas a esses itens, mas também às propriedades dos nomes contidos nos núcleos nominais do DP2 (DP mais encaixado na estrutura), já que, em grande parte dos dados, são os traços desses nomes que entram em relação de concordância com os traços do verbo.

Diferentemente de tal perspectiva, argumento que um tratamento mais adequado para a concordância com construções partitivas deva considerar os mecanismos sintáticos envolvidos, isto é, deva levar em conta as condições para que *Agree* se estabeleça e o porquê de haver determinadas restrições para que as condições gerais se apliquem ou não. Para isso, assumo com Béjar (2003) que os padrões não canônicos de concordância encontrados nas línguas particulares são o resultado de restrições sobre *match e value*. Essa proposta irá se distanciar daquelas fundamentadas na Morfologia Distribuída (MAcGNNIS, 2008; COSTA & FIGUEIREDO SILVA, 2006; PEREIRA, 2003, dentre outros), pelo fato de essas propostas assumirem que falhas na concordância seriam o resultado de um efeito morfológico.

Independentemente de as gramáticas do PB e do PE apresentarem a dupla possibilidade de concordância nas partitivas, conforme atestam dados de fala e escrita, bem como testes de preferência a que foram submetidos falantes das duas variedades, é fato também que, em alguns contextos, tal concordância parece ser mais forçosamente marcada com morfema de pluralidade, o que implica dizer que nem sempre pode ser atribuída a mesma leitura às duas formas: singular/plural. Esse é o caso por exemplo de sentenças do tipo: A maioria dos óculos graduados SÃO CAROS/ A maioria dos óculos graduados É CARA.

Dada a visão panorâmica aqui apresentada sobre diferentes estudos acerca do processamento da concordância sujeito-verbo, a próxima seção constará do resultado de alguns testes realizados com falantes do PB e do PE, a fim de descrever e analisar os diferentes contextos sintático-semânticas em que a concordância em questão parece ocorrer mais facilmente, bem como as restrições encontradas para sua realização.

2.4 As construções partitivas introduzidas pelos itens *maioria* e *parte*: notas sobre juízos de gramaticalidade

Com o propósito de tentar compreender de que maneira a concordância sujeito-verbo se manifesta nas gramáticas do PB e do PE em se tratando das construções partitivas introduzidas pelos itens *maioria* e *parte*, mais especificamente, à semelhança⁴⁸ do que fez Rodrigues (2006) em relação ao PB, apresento nesta seção os resultados de três testes realizados com falantes das duas línguas em questão, com o intuito de analisar semelhanças e/ou diferenças com relação aos julgamentos desses falantes. Para isso, essa seção divide-se nas seguintes subseções. Na primeira, apresento os resultados do teste de preferência aqui intitulado de *teste piloto* (cf. anexo 01), o qual foi realizado com falantes de nível superior, estudiosos da linguagem em sua maioria (alunos e/ou professores da área de linguística). Na segunda seção, descrevo e analiso os testes de preferência aqui denominados de *teste I e II* (cf. anexos 02 e 03), realizados com falantes do PB e do PE, alunos de Fonoaudiologia e de Terapia da Fala, respectivamente, compreendendo a faixa etária de 17 a 28 anos.

Em linhas gerais, os testes apresentados pretendem responder às seguintes questões:

- (i) Seria pertinente propor que nomes *pluralia tantum* apresentam papel decisivo para o desencadeamento da concordância mencionada?
- (ii) Se a proposta de Rodrigues (2006) se sustenta na ideia de que os itens *maioria* e *parte* funcionariam ora como núcleos lexicais (situação em que desencadeariam a concordância no singular) ora como núcleos funcionais (situação em que desencadeariam a concordância no plural) funcionando assim como quantificadores, o que dizer quando da presença de nomes do tipo *óculos* contidos no núcleo nominal do DP2?
- (iii) Seria possível levantar a hipótese de que a explicação mais plausível para a variação na concordância morfológica visível nas construções partitivas em questão seria fruto de uma composição entre traços (ou *instâncias* de traços) contidos no nome partitivo e no nome contido no núcleo nominal contido no DP2?

⁴⁸ A semelhança aqui se refere apenas à escolha dos itens partitivos *parte* e *maioria* com o objetivo de saber qual deles favorece mais a concordância em questão. O nosso estudo se distancia radicalmente da pesquisa de Rodrigues (op. cit.) uma vez que esta realiza experimentos psicolinguísticos com os falantes do PB.

- (iv) Seria a natureza do DP mais encaixado na estrutura um dos elementos decisivos para tal variabilidade?

2.4. 1 O teste piloto

Como já referido nos capítulos anteriores, Rodrigues (2006), em seu estudo sobre o processamento de número da concordância sujeito-verbo em Português Brasileiro, argumenta a favor da ideia de que os itens *maioria* e *parte* apresentariam uma natureza categorial híbrida, funcionando ora como itens lexicais plenos, ora como itens funcionais, sendo essa natureza a responsável parcial pela dupla possibilidade de concordância nas estruturas partitivas (cf. subseção 2.3 deste capítulo).

Diante disso, foram propostas algumas condições, a fim de descrever o comportamento desses itens em estruturas variadas e analisar se as assunções propostas por Rodrigues (2006) se “aplicam” à presente análise, verificando a existência ou não de restrições quanto à realização da concordância sujeito-verbo em construções partitivas no PB e no PE.

Para tanto, no primeiro teste (cf. anexo 01) foram propostos 7 grupos de frases declarativas finitas (totalizando 87)⁴⁹, formulados de forma a contemplar as seguintes condições: (i) DP sujeito formado por nomes *pluralia tantum*; (ii) tipo de frase: passiva ou ativa; (iii) tipo de verbo: transitivo ou inacusativo; (iv) traço de número na flexão verbal: singular ou plural; (v) DP sujeito formado por nomes coordenados. Para atribuição de um determinado valor às sentenças testadas foram sugeridos aos falantes padrões de avaliação, a fim de tentar apreender, na medida do possível, a gradação dos juízos de gramaticalidade. Tais padrões ou valores são os que seguem: (i) *boa, eu produzo*; (ii) *boa, mas não produzo*; (iii) *não produzo, mas considero possível*; (iv) *causa estranhamento*; (v) *muito estranhamento*; (vi) *muitíssimo estranhamento*; (vii) *possível em contexto específico*; e (viii) *agramatical*.

De um total de 15 falantes que responderam ao teste, foram selecionadas as respostas de apenas 09 desses falantes, tanto em PB quanto em PE, uma vez que nos demais casos havia, pelo menos, alguma assimetria nas respostas, o que, de certa maneira, poderia “distorcer” os resultados do teste. Assim sendo, passo a apresentar

⁴⁹ Tais frases foram distribuídas da seguinte forma: (i) Grupo A, formado por 14 subgrupos de sentenças; (ii) Grupo B, formado por 3 subgrupos; (iii) Grupo B1, formado por 2 subgrupos; (iv) Grupo C, formado por 2 subgrupos; (v) Grupo D e Grupo E, formados por 4 subgrupos cada; e (vi) Grupo F, formado por 2 subgrupos.

algumas *condições analisadas* e os resultados, com base no que foi mais frequente⁵⁰, a partir dos critérios de avaliação já mencionados. A escolha de tais condições deve-se ao fato de serem elas, em geral, contextos propícios ao desencadeamento da concordância em questão.

Uma das razões centrais pelas quais se justifica a proposição de tal teste está relacionada ao fato de, muitas vezes, não haver total unanimidade nos juízos de gramaticalidade produzidos pelos falantes, fato este já referido por Featherston (2004) dentre outros.

Como objetivos principais, o presente teste pretendeu:

- (i) Analisar semelhanças e diferenças nas gramáticas do PB e do PE;
- (ii) Descrever a distinção entre as expressões *a maioria de* e *uma parte de*, a fim de verificar qual delas propicia a concordância no plural;
- (iii) Verificar se há algum tipo de verbo que desencadeie mais a concordância com o nome contido no DP mais encaixado;
- (iv) Averiguar se o tipo de nome contido no núcleo nominal do DP2 contribui ou não para o estabelecimento da concordância
- (v) Averiguar os contextos de passivas e frases predicativas.

Para fins de análise, são apresentados os resultados de acordo com o agrupamento das condições anteriormente mencionadas.

a) *DP sujeito formado por expressão partitiva seguida de DP contendo núcleo nominal formado por nome pluralia tantum*

A ideia de testar frases cujo núcleo nominal do DP complemento de P fosse formado por nome *pluralia tantum* deve-se ao fato de esses nomes, segundo Pesetsky & Torrego (2004), Adger (2002), Corbett (2006) já virem do léxico com traço de número valorado. O objetivo foi verificar em que medida a natureza de tais nomes pode trabalhar como um controlador da concordância nas construções partitivas aqui tratadas. Logo, foram apresentadas aos falantes frases declarativas do tipo:

(15) A maioria dos óculos de grau é caro(a)/são caro(a)s.

⁵⁰ É importante ressaltar que nosso estudo, apesar de fazer referência ao fator quantitativo, não toma em momento algum os pressupostos da Sociolinguística Variacionista.

b) Verbos inacusativos

Levando em consideração o fato de que a natureza do verbo tem sido apontada como uma restrição para a realização ou não da concordância morfológicamente visível em muitas línguas, conforme atestam Costa & Figueiredo Silva (2006), Silva (2004), dentre outros, optei por “testar” o uso de verbos inacusativos em construções partitivas, com o intuito de observar se as propriedades dessa classe de verbo podem contribuir ou não para desencadear a concordância em questão. Assim sendo, foram apresentadas aos falantes frases do tipo:

(16) A maioria das crianças chegou/chegaram.

(17) Uma parte das crianças chegou/chegaram.

c) Verbos do tipo conversar e cooperar⁵¹

Tendo em vista verificar se propriedades de ligação afetariam de alguma forma a realização da concordância morfológicamente visível, optei por testar as construções partitivas com verbos recíprocos.

(18) A maioria das pessoas **conversa/conversam** uma com a outra/ umas com as outras diariamente.

(19) Uma parte das pessoas **coopera/cooperam** uma com a outra/ umas com as outras.

d) Verbos do tipo odiar e alimentar-se

Ao propor frases cujos VPs eram formados por verbos recíprocos, objetivei verificar em que medida a natureza de tais tipos de verbos pode impor restrições sobre o

⁵¹ Verbos desse tipo recebem a designação de verbos *recíprocos*. (cf. GODOY, 2008).

tipo de controlador de concordância aqui investigado, levando em conta que as propriedades desses verbos podem exercer uma “ambiguidade”⁵² semântica.

(20) A maioria das pessoas se odeia/se odeiam.

(21) Uma parte das pessoas se alimenta mal./Uma parte das pessoas se alimentam mal.

e) Nomes coordenados

Ao propor este teste, tive o intuito de averificar se haveria predominância de um dos nomes coordenados, e de que maneira isso poderia contribuir ou não para o desencadeamento da concordância. Esse objetivo encontra lugar no estudo desenvolvido por Colaço (2005)⁵³ no qual essa autora analisa padrões de concordância em estruturas coordenadas no Português Europeu.

(22) A maioria dos professores e alunos **compareceu/compareceram** à reunião.

(23) Uma parte dos professores e alunos **compareceu/compareceram** à reunião.

2.4.1.1 Resultados do teste piloto

1. Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão “a maioria de” +nome pluralia tantum

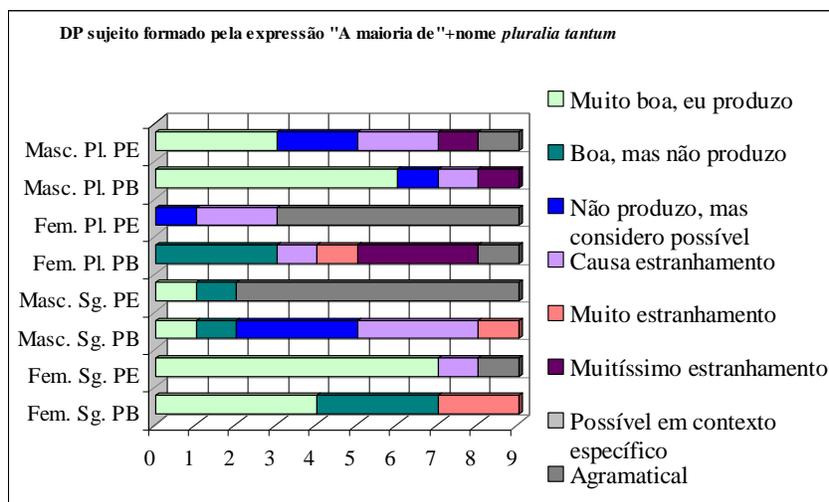
(24) A maioria dos óculos de grau é caro(a)/são caro(a)s

⁵² A ambiguidade a que estou me referindo diz respeito à dupla possibilidade de leitura que pode ser atribuída à frase, tais como:

(i) leitura co-referente: A maioria das pessoas odeia a si mesma

(ii) leitura disjunta: A maioria das pessoas odeiam umas as outras.

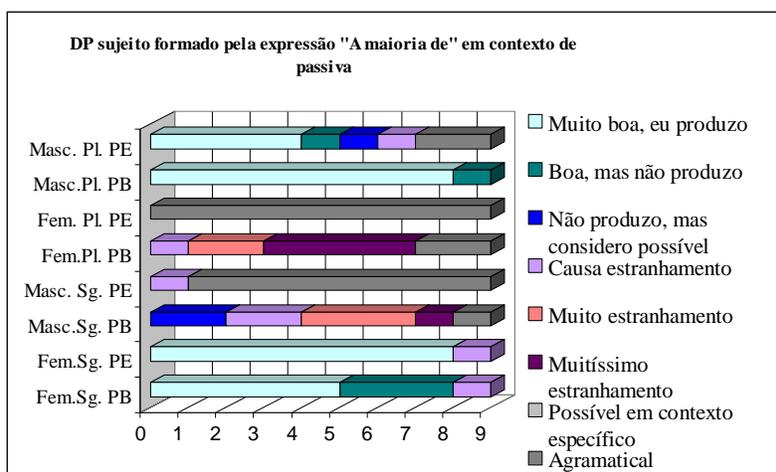
⁵³ Colaço (2005) analisa o comportamento da configuração de coordenação aditiva na gramática do Português Europeu e a maneira como se relaciona à concordância no domínio nominal e verbal, bem como a questões de extração. No que diz respeito à correlação entre padrões de concordância e coordenação aditiva, a autora interessa-se por analisar os contextos em que a definição dos traços- ϕ de ConjP seria realizada, isto é, se seria realizada por meio de regras de resolução, de que tipo seriam, e como seriam definidos esses traços, no caso da concordância parcial.



Com o gráfico acima, vê-se que houve maior aceitação da forma masculino plural por parte dos falantes do PB (6 falantes do PB julgaram-na com o valor *muito boa, eu produzo*) em detrimento da forma padrão (4 falantes julgaram-na com a opção *muito boa, eu produzo*). Em relação ao PE, 7 dos 9 falantes julgaram a forma padrão como *muito boa, eu produzo*, contra 3 que julgaram a forma masculino plural como *muito boa, eu produzo*.

2. Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão "A maioria de" em contexto de passiva

(25) A maioria dos livros de sintaxe foi vendido(a)/foram vendido(a)s

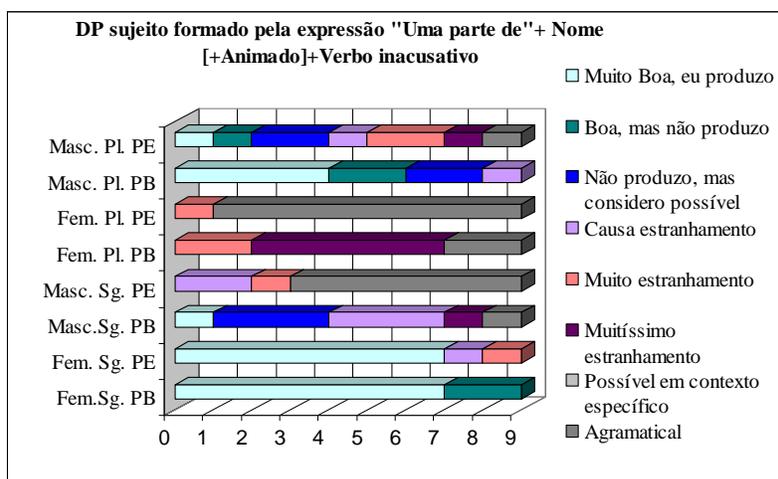


Na condição 2, em que o DP sujeito é formado pela expressão *A maioria de* em contexto de passiva, verifica-se maior aceitação por parte dos falantes do PB da forma

não-padrão - masculino plural (08 dos 09 falantes julgaram-na com a opção *muito boa, eu produzo*, contra 05 da forma padrão - feminino singular). Inversamente, 08 falantes do PE consideraram a forma padrão como *muito boa, eu produzo*, contra 04 que atribuiriam à forma masculino plural o mesmo valor.

3. *Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão "uma parte de"+Nome [+Animado]+verbo inacusativo*

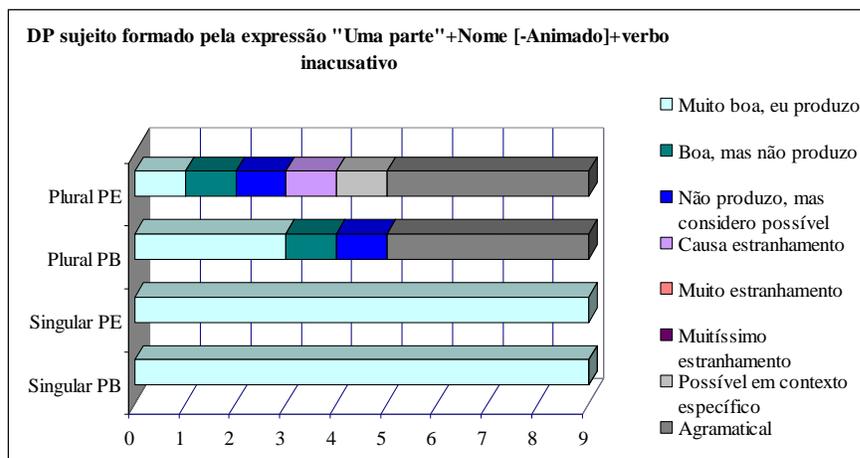
(26) Uma parte dos alunos chegou/chegaram atrasado(a)s



Em relação à condição 3, a forma mais aceitável tanto em PB quanto em PE foi a forma canônica – feminino singular: 07 falantes do PB e 07 do PE avaliaram-na com a opção *muito boa, produzo*. A forma menos aceitável, por parte dos falantes do PE, foi a forma feminino plural, sendo considerada *agramatical* por 08 deles. Com relação ao PB, 02 dos 09 falantes atribuíram-lhe o valor *agramatical*, 05 o valor *muitíssimo estranhamento*, e 02 o valor *muito estranhamento*.

4. *Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão "uma parte de"+nome[-Animado]+verbo inacusativo*

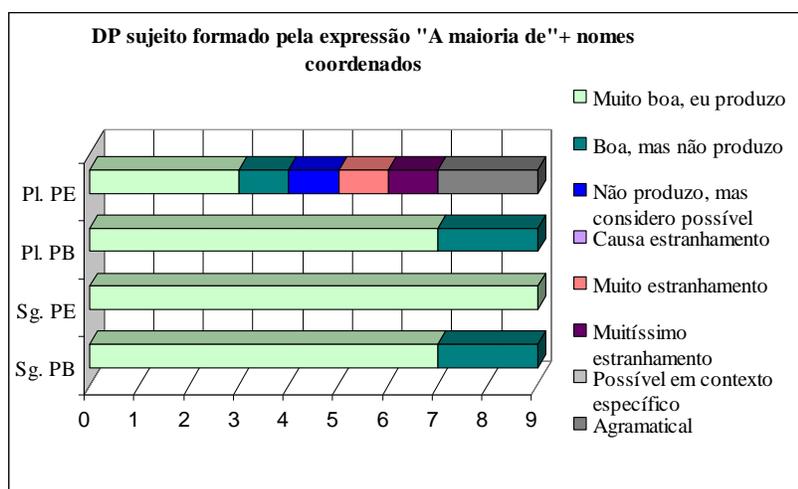
(27) Uma parte das cartas chegou/chegaram



Conforme apresenta o gráfico acima, em relação à condição 4, tanto em PB quanto em PE, a forma mais aceitável foi com o verbo no singular (todos os falantes julgaram-na como *muito boa, eu produzo*); com relação à forma plural, 04 falantes do PB e 04 do PE atribuíram-lhe o valor *agramatical*. Apesar disso, ainda se pode verificar uma certa diferença: 03 falantes do PB avaliaram a forma plural com o valor *muito boa, eu produzo*, contra 01 falante do PE.

5. Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão "A maioria de" + nomes coordenados

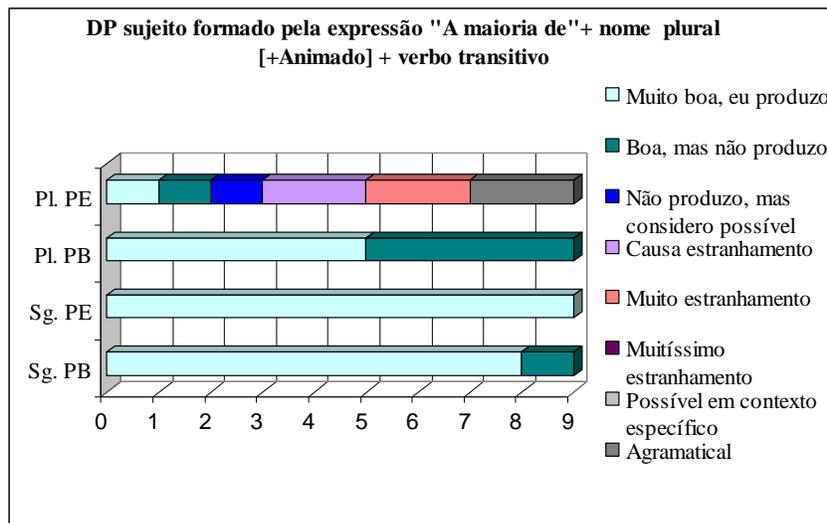
(28) A maioria dos professores e alunos compareceu/compareceram à reunião.



No que se refere à condição 5, conforme o gráfico apresentado, dos 09 falantes do PE, 03 atribuíram o valor *muito boa, eu produzo* à forma plural, sendo unânimes, no entanto, com relação à forma em que o verbo se manifesta no singular, atribuindo-lhe assim o valor *muito boa, eu produzo*. Diferentemente, em se tratando dos falantes do PB, tanto a forma singular quanto a forma plural receberam o mesmo julgamento: 07 falantes atribuíram-lhes o valor *muito boa, eu produzo* contra 03 falantes, que as avaliaram com o valor *boa, mas não produzo*.

6. Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão “A maioria de”+DP formado por nome plural [+Animado]+Verbo transitivo

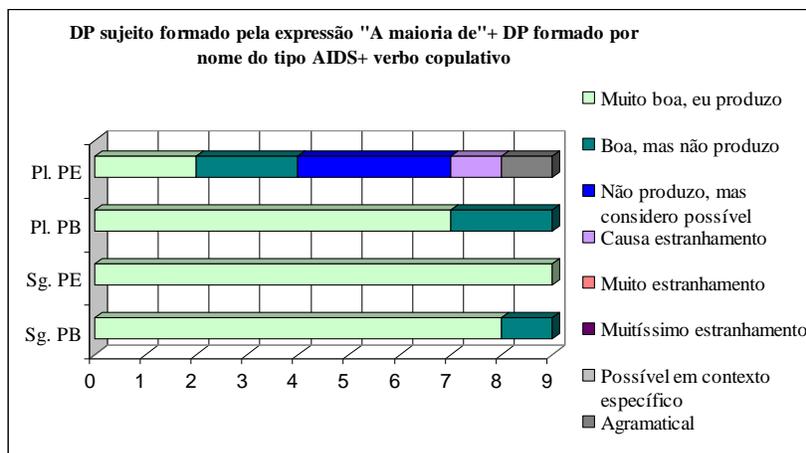
(29) A maioria dos pesquisadores de geografia comprou/compraram os livros.



Em se tratando da condição 6, verificou-se um alto índice de aceitação da concordância entre o verbo e o nome contido no núcleo nominal do DP mais encaixado tanto em PB (08 falantes) quanto em PE (9 falantes), uma vez que lhe atribuíram o valor *muito boa, eu produzo*. Contrariamente, a forma plural só teve alta aceitabilidade em PB (05 falantes avaliaram-na como *muito boa, eu produzo*, contra 1 do PE), chegando a ser considerada *agramatica* por 02 falantes do PE.

7. Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão “A maioria de”+DP formado por nome do tipo AIDS +verbo copulativo

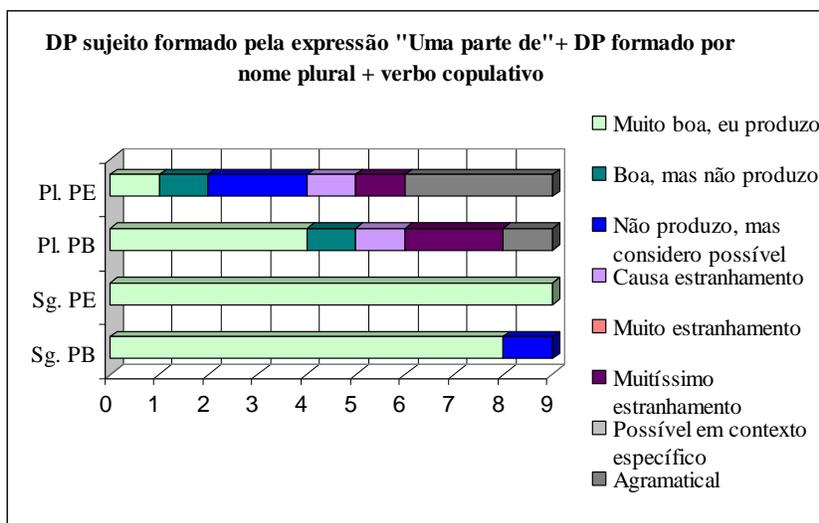
(30) A maioria das pessoas com AIDS são pobres/é pobre.



A condição 7, em que se tem o DP sujeito formado pela expressão *A maioria de*+DP cujo núcleo nominal é constituído por nome do tipo *AIDS* apresentou uma diferença bastante acentuada entre PB e PE. Dos 09 falantes do PB, 07 assinalaram a forma *muito boa, eu produzo* para a sentença com o verbo e o predicativo no plural, contrariamente aos falantes do PE: apenas 02 atribuíram à tal forma o valor *muito boa, eu produzo*. Tal forma foi considerada *agramatical* por 01 falante do PE. Consequentemente, a maior aceitação se deu em relação à forma singular, havendo unanimidade por parte dos falantes do PE: todos julgaram-na com o valor *muito boa, eu produzo*. Já em PB, 08 dos 09 falantes atribuíram-lhe o valor *muito boa, eu produzo*.

8. *Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão "Uma parte de"+DP formado por nome plural+verbo copulativo+PP adjunto*

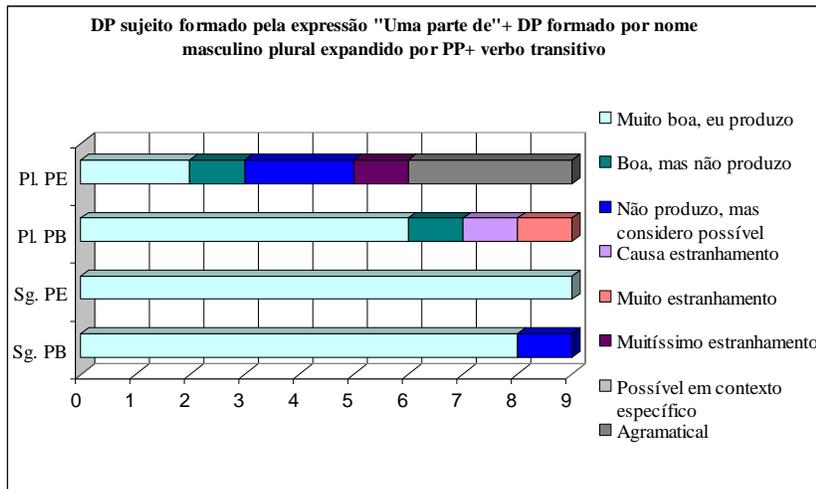
(31) Uma parte das pessoas está/estão feliz(es) com o aumento do salário



Mais uma vez, a diferença entre PB e PE parece ser mais nítida com relação à morfologia de número: 04 dos 09 falantes do PB atribuíram à forma plural o valor *muito boa, eu produzo*, contrariamente ao PE: apenas 01 falante atribuiu-lhe tal valor e 03 deles julgaram-na *agramatical*. A semelhança se verifica apenas em relação à aceitação da forma singular: todos os 09 falantes portugueses atribuíram o valor *muito boa, eu produzo* contra 08 falantes do PB.

9. Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão “Uma grande parte de”+DP formado por nome masculino plural+PP singular+verbo transitivo

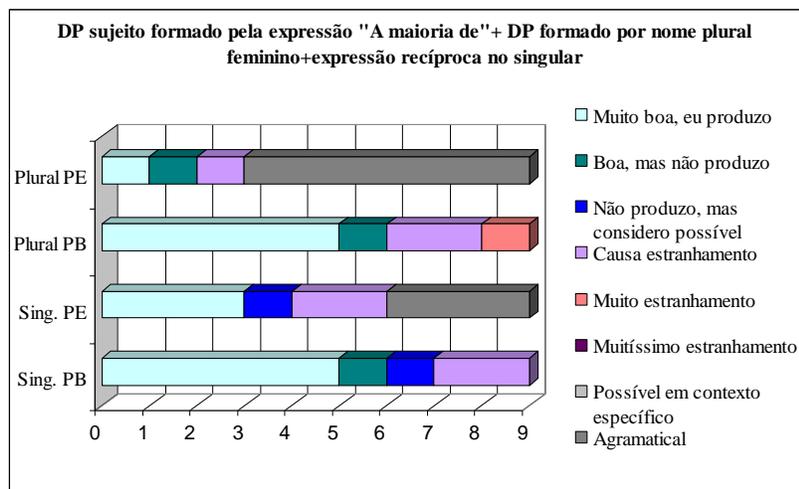
(32) Uma grande parte dos alunos do Ensino Médio não fez/fizeram o ENEM.



Em se tratando da condição 9, observou-se uma diferença acentuada entre PB e PE com relação ao valor atribuído à forma plural: 06 falantes brasileiros e 02 portugueses atribuíram-lhe o valor *muito, eu produzo*; a mesma forma foi considerada *agramatical* por 03 falantes do PE. Já com relação à forma singular, verificou-se uma pequena diferença entre os julgamentos: 08 falantes do PB e 09 do PE julgaram-na com o valor *muito boa, eu produzo*.

10. Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão “A maioria de”+DP formado por nome plural feminino+expressão recíproca⁵⁴ no singular

(33) A maioria das pessoas conversa/conversam uma com a outra diariamente



A condição 10 também apresenta diferença quanto aos julgamentos de gramaticalidade dos falantes do PB e do PE. Em relação ao PB, 05 avaliaram a forma com o verbo no plural como a opção *muito boa, eu produzo*. Com relação ao PE, 01 falante atribuiu-lhe o valor *muito boa, eu produzo* e 06 julgaram-na totalmente

⁵⁴ Analisando construções recíprocas em italiano, Bianchi (2005) apresenta evidências empíricas contra a assunção minimalista segundo a qual o traço de número seria não interpretável numa categoria verbal. Para tanto, a autora reúne um conjunto de dados a fim de mostrar que, em construções com o modificador recíproco *uno dopo l'altro*, o traço de número na categoria verbal deverá ser semanticamente relevante, como pode ser visto em:

(1) I soldati sapparono uno dopo l'altro

Um outro argumento empírico pra reforçar sua ideia é o exemplo de concordância com o quantificador *la maggior parte dei* NP, que, segundo alguns falantes por ela consultados, tanto pode ser singular como plural. Um fato bastante interessante abordado pela autora é o de que para esses falantes o modificador recíproco, nessas construções, é incompatível com a concordância singular, conforme observado em 2(b), contrariamente à concordância em 2(a):

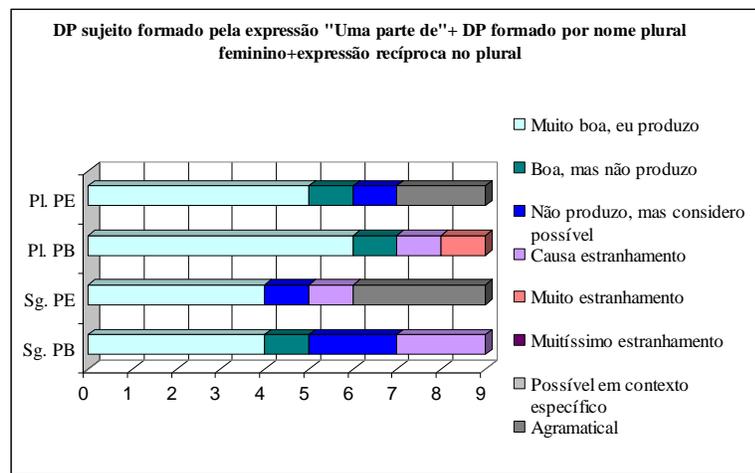
(2) a. La maggior parte dei soldati hanno sparato uno dopo l'atro.
b.*La maggior parte dei soldati ha sparato uno dopo l'altro.

Diferentemente da proposta do mecanismo de *Agree*, em que mesmo depois de valorado um traço de número na categoria verbal seria redundante, não desempenhando qualquer papel na interface com o sistema Conceptual-Intencional, Bianchi argumenta que, em se tratando de alguns contextos com o modificador recíproco, haverá o que ela denomina de *pluralização eventiva*. Tal pluralização consiste no fato de que, por exemplo, na sentença em (1), cada soldado em específico é também Agente da ação de disparar, ou seja, há uma multiplicidade de eventos, uma vez que o modificador recíproco expressa uma serialização temporal de um conjunto de eventos (cf. BIANCHI, 2005, p. 1).

agramatical. Com relação à forma em que o verbo aparece no singular, os valores atribuídos pelos falantes de ambas as línguas se aproximam: 05 falantes do PE e 03 do PB julgaram a frase com o valor *muito boa, eu produzo*. A diferença foi que ainda assim 03 falantes do PE julgaram tal forma como *agramatical*.

11. *Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão “A maioria de”+DP formado por nome plural feminino+expressão recíproca no plural*

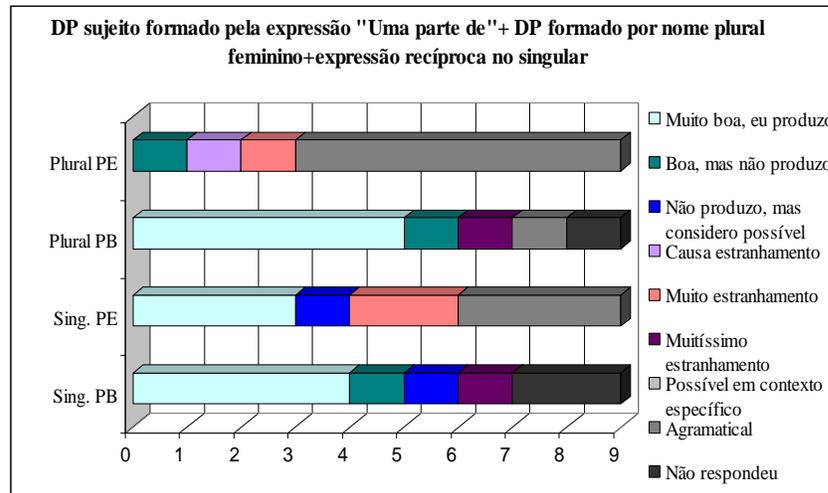
(33) A maioria das pessoas conversa/ conversam umas com as outras diariamente.



Já com relação à frase em que a expressão recíproca aparece na forma plural, as diferenças são mínimas: 06 falantes do PB e 05 do PE atribuíram-lhe o valor *muito boa, eu produzo*. Quanto à forma verbal no singular, 04 falantes do PE e 04 do PB julgaram-na com o valor *muito boa, eu produzo*. Apesar de tal semelhança, verifica-se uma nítida diferença entre os julgamentos: 03 falantes do PE atribuíram o valor *agramatical* para a frase com o verbo no singular e 02 para a frase com o verbo no plural. Nesse caso, a diferença foi mais nítida intralinguísticamente, ou seja, no âmbito do próprio PE.

12. *Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão “Uma parte de”+DP formado por nome plural feminino+expressão recíproca no singular*

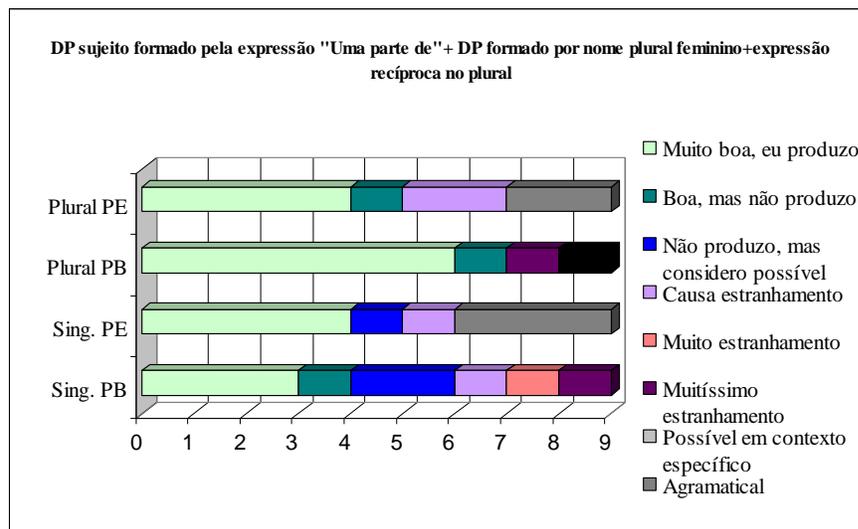
(35) Uma parte das pessoas conversa/conversam uma com a outra diariamente



Em se tratando da expressão *uma parte de*, o que pode ser observado é que a aceitabilidade quanto à expressão recíproca no singular deu-se da seguinte forma: 05 falantes do PB julgaram a forma plural com a opção *muito boa, eu produzo*, 01 falante do PE atribuiu-lhe o valor *boa, mas não produzo* e 06 julgaram-na *agramatical*. Diferentemente, para a concordância com o nome partitivo, a aceitação ocorreu do seguinte modo: 04 falantes do PB e 03 do PE atribuíram-lhe o valor *muito boa, eu produzo*.

13. *Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão "Uma parte de"+DP formado por nome plural feminino+expressão recíproca no plural*

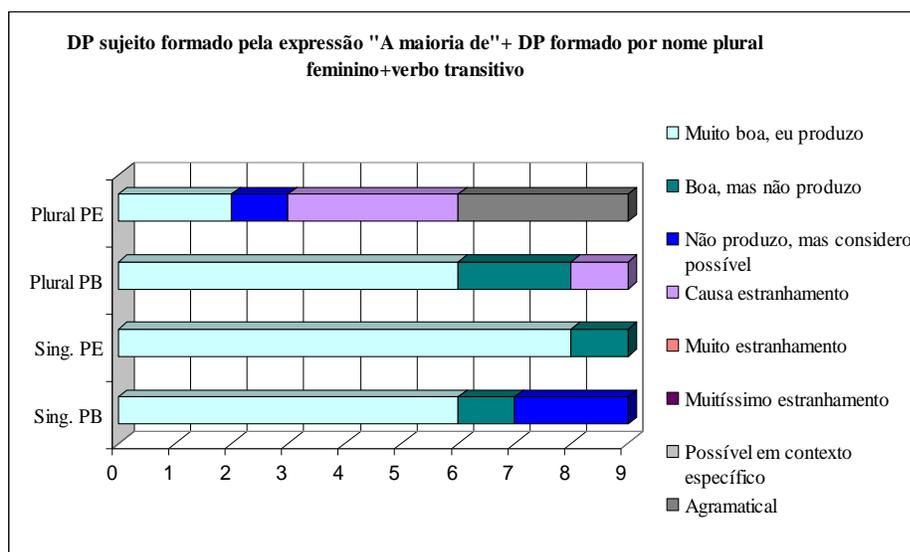
(36) Uma parte das pessoas conversa/conversam umas com as outras diariamente.



Aqui é interessante observar que os falantes portugueses atribuíram a mesma quantidade de resposta (04) e o mesmo valor (*muito boa, eu produzo*) para o verbo no plural e no singular; 03 falantes do PE julgaram como *agramatical* a forma no plural e 02 a forma no singular. Com relação ao PB, a forma plural foi mais aceita: 06 falantes do PB atribuíram o valor *muito boa, eu produzo*, contrariamente à forma no singular, para a qual 03 falantes atribuíram o valor *muito boa, eu produzo*.

14. *Condição analisada: DP sujeito formado pela expressão "A maioria de"+DP formado por nome plural feminino+verbo transitivo*

(37) A maioria das pessoas se⁵⁵ alimenta(m) mal.



Finalmente, em se tratando da condição 14, verifica-se mais uma vez maior aceitabilidade da forma plural por parte dos falantes brasileiros: 06 dos 09 falantes julgaram-na com o valor *muito boa, eu produzo*, contrariamente ao PE, em que apenas 02 falantes atribuíram-lhe tal valor e 03 julgaram-na *agramatical*. Com relação à forma verbal no singular, a diferença foi bastante reduzida: 08 falantes do PB e 06 do PE atribuíram-lhe o valor *muito boa, eu produzo*. Verifica-se, assim, que intralinguisticamente, o PE apresenta diferença mais acentuada, pois a preferência é sempre maior com relação à forma canônica. Já no PB, parece haver uma maior

⁵⁵ No caso do Português Europeu, é importante mencionar que o clítico foi considerado em posição de ênclise.

“concorrência” entre as formas singular e plural, isto é, o falante do PB não apresenta tanta resistência à forma não-padrão, em alguns casos até a prefere em detrimento da forma padrão.

2.4.1.2 Síntese e discussão dos resultados

Dadas as 14 condições anteriormente apresentadas, pode-se verificar, de uma forma geral, que a concordância não canônica, ou seja, a concordância entre os traços do verbo e os traços do DP mais encaixado nas construções partitivas, foi mais aceitável por parte dos falantes do PB, confirmando assim a hipótese inicial apresentada na introdução desta tese: a concordância parcial seria predominantemente aceita por parte dos falantes do PB. Sintetizando os resultados, a seguir são elencadas as principais semelhanças e diferenças entre os julgamentos dos falantes das duas línguas em questão, considerando-se os seguintes pontos:

Nome *pluralia tantum*: tanto em PB quanto em PE pode-se dizer que os DPs cujo núcleo nominal eram formados por nomes *pluralia tantum* desencadearam maior aceitação de concordância plural se comparados a outros tipos de nomes. Em PB, a aceitação da forma plural com esse tipo de nome foi maior do que a aceitação da forma padrão; já em PE a aceitação foi menor se comparada à forma padrão como o verbo no singular.

O tipo de frase: Em contexto de passiva, verificou-se um comportamento bastante diferenciado entre PB e PE: embora tenha havido aceitação da forma não canônica pelos falantes de ambas as línguas, o resultado de um foi praticamente o inverso do outro, ou seja, enquanto a forma mais aceitável para os falantes brasileiros foi a forma não padrão (8 dos 09 falantes julgaram-na com a opção *muito boa, eu produzo*) em detrimento da forma padrão (05 dos 09 falantes julgaram-na com a opção *muito boa, eu produzo*), a forma mais aceitável para os falantes portugueses foi a forma canônica (08 dos 09 falantes atribuíram-lhe o valor *muito boa, eu produzo*) em detrimento da forma não-padrão (04 dos 09 falantes atribuíram-lhe o valor *muito boa, eu produzo*).

DP formado por nomes coordenados: Em PB, a concordância no singular e a concordância no plural foram igualmente aceitas: dos 09 falantes 07 julgaram de

maneira igual as frases com o verbo no singular e no plural; já no PE, a preferência foi pela forma padrão.

Em geral, pode-se verificar as seguintes semelhanças e/ou diferenças entre PB e PE:

1. Maior aceitação da concordância na forma plural por parte dos falantes do PB;
2. Nomes *pluralia tantum* desencadeiam grande aceitação em PB e PE, sendo preferencial em PB;
3. A Concordância na forma plural em frases passivas é mais aceitável do que a forma singular em PB, contrariamente ao PE;
4. DP formado por nomes coordenados desencadeia igualmente concordância na forma plural e na forma singular em PB; em PE, a preferência é pela forma verbal no singular.

2.4.1.3 Problemas com o teste piloto: dificuldade de elicitare juízos de gramaticalidade

Avaliar os juízos de gramaticalidade de uma falante não é certamente tarefa simples. Sabe-se, indiscutivelmente, que na situação de ter de julgar uma frase como gramatical⁵⁶ ou agramatical, ou ainda com variações de aceitabilidade, os falantes podem ou não optar pela forma linguística que de fato produzem como parte de sua gramática individual. Na maioria das vezes, o que pode ocorrer é que mesmo produzindo determinada forma, o falante é levado a julgá-la como inaceitável e/ou agramatical, tendo em vista fatores outros que entram no bojo da questão tanto no momento do processamento da frase quanto questões de norma (prescritiva) a que está submetido o falante pela tradição escolar.

Tendo plena consciência, pois, de tais questões, o objetivo de submeter os falantes a julgamentos de gramaticalidade/aceitabilidade foi o de tentar capturar, mesmo que minimamente, alguma forma do conhecimento linguístico desses falantes sobre os

⁵⁶ “Grammaticality is a question of degree”. (CHOMSKY, 1965, p. 11). A esse respeito, vale mencionar também a visão de Adger (2004, p. 148): “...the sentence can be perfectly grammatical, but still unacceptable, for semantic reasons, or because of parsing problems”. (“A frase pode ser perfeitamente gramatical, mas ainda assim inaceitável por razões semânticas, ou por causa de problemas de processamento.” – Tradução minha).

casos de concordância em questão. É importante salientar, por conseguinte, que este meio de eliciar juízos de gramaticalidade/aceitabilidade é apenas um dos instrumentos dos quais dispus para a investigação aqui pretendida, uma vez que parti também de fatos linguísticos atestados em *corpora* de fala, como também de dados de escrita averiguados tanto na gramática do PB quanto na gramática do PE. É necessário mencionar ainda que dentro do quadro de investigação gerativista uma das questões centrais é o conhecimento implícito que o falante tem de sua língua. Disso resulta que toda tentativa de tentar capturar esse conhecimento só se justifica à medida que isso contribua para uma aproximação de como é que se estrutura a Faculdade da Linguagem, que *design* possui e de que maneira se inter-relaciona com os sistemas de desempenho.

É preciso ressaltar ainda algumas dificuldades encontradas ao trabalhar com o teste piloto mencionado. Um dos maiores problemas encontrados refere-se ao número de frases propostas, isto é, a grande quantidade de frases e suas semelhantes variações, o que pode, de alguma forma, ter contribuído para suscitar dúvida aos falantes quanto ao grau de aceitabilidade. Aliado a isso, saliente-se também o fato de não terem sido utilizadas frases distratoras a par das frases testadas.

Diante disso, e com o intuito de melhor capturar as diferenças de aceitabilidade em relação à concordância sujeito-verbo em construções partitivas na gramática do PB e do PE, surgiu a necessidade de aplicar adicionalmente dois testes de preferência a falantes de ambas as línguas, com o objetivo de tentar corrigir os problemas anteriores e avançar de alguma forma na compreensão do fenômeno da concordância aqui investigado. Por essa razão, os testes I e II são constituídos de um menor número de frases, contendo duas frases distratoras para cada frase testada, em se tratando do teste I.

2.4.2 Descrição e análise dos testes I e II

Os falantes solicitados a colaborar com a pesquisa são alunos de Terapia da Fala (em se tratando do PE) e de Fonoaudiologia (em se tratando do PB). Ao teste I, responderam 47 alunos, com faixa etária entre 17 e 32 anos, sendo 2 do sexo masculino e 37 do feminino; 8 não revelaram a idade. Ao teste II, responderam 38 alunos, com faixa etária entre 17 e 32 anos, dos quais 2 do sexo masculino e 28 do sexo feminino; 8 não mencionaram a idade. Dos 47 falantes do PE, selecionamos as respostas de apenas 21 deles, a fim de que pudesse ser feita a análise comparativa com os falantes do PB cuja soma total é de 21 falantes. Depois de feita a seleção dos testes a serem analisados,

houve necessidade de reduzir ainda mais esse número, uma vez que não havia simetria em relação ao fator faixa etária. Disso resultou que apenas as respostas fornecidas por 16 falantes foram consideradas para fins de análise comparativa.

2.4.2.1 Teste I

Ao todo foram testadas 6 frases. Para cada uma das frases foram apresentadas duas frases distratoras, totalizando 12 frases desse tipo. Em relação ao PE, 47 falantes responderam ao teste, diferentemente do PB, em que apenas 21 responderam. Assim, para tentar comparar as respostas, foram utilizados para fins de análise os dados correspondentes a apenas 17 falantes para ambas as línguas, uma vez que as demais respostas iriam tornar a comparação bastante assimétrica.

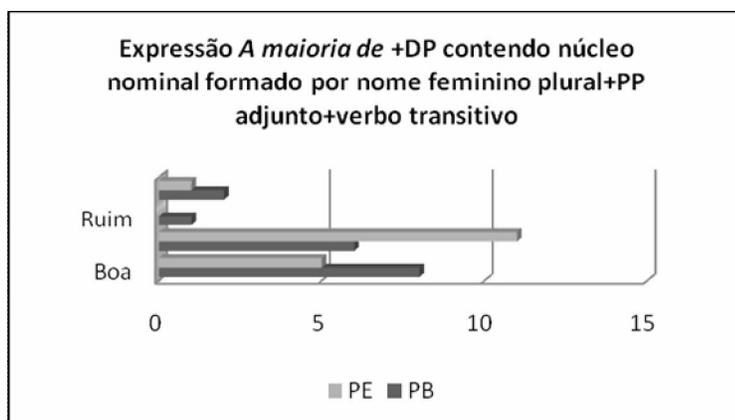
Condição 1: Expressão A maioria de + DP contendo núcleo nominal formado por nome feminino plural+ PP adjunto + verbo transitivo

Português Europeu

(38) A maioria das pesquisas em Terapia da Fala não conseguiram financiamento pela FCT

Português Brasileiro

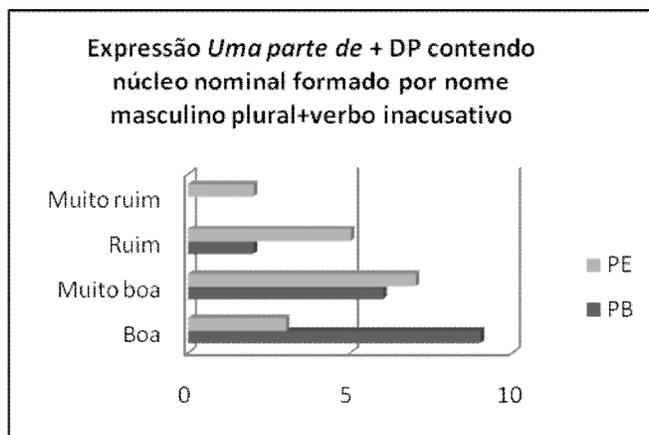
(39) A maioria das pesquisas em Fonoaudiologia não conseguiram financiamento pela FAPEAL



Em relação à condição 01, 11 dos 17 falantes do PE atribuíram o valor *muito boa*, contra 06 do PB. Do total, tem-se que os falantes do PE, em sua maioria, julgaram a frase com a forma verbal no plural de forma satisfatória: apenas 01 falante atribuiu-lhe o valor *muito ruim*. Já em relação ao PB, a aceitação foi um pouco menor, havendo, inclusive, uma maior rejeição, se comparado ao PE.

Condição 2: Expressão Uma parte de + DP contendo núcleo nominal formado por nome masculino plural+verbo inacusativo

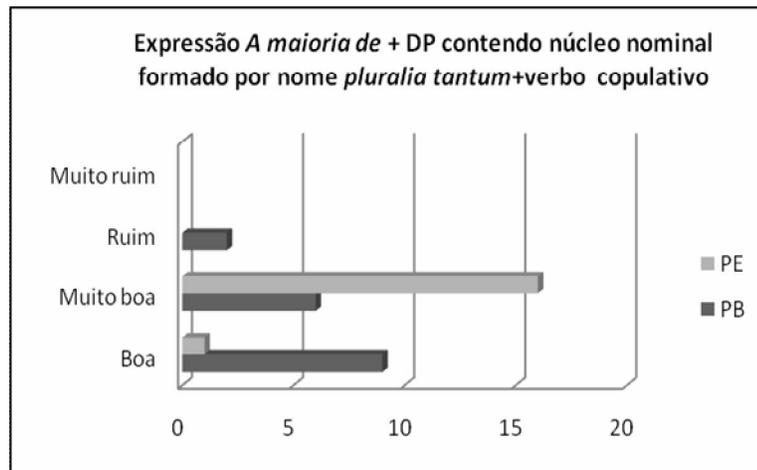
(40) Ex.: Uma parte dos alunos chegaram atrasados.



Em se tratando da condição 02, 09 dos 17 falantes brasileiros julgaram a frase testada com o valor *boa*, contra 03 falantes portugueses. Diferentemente dos falantes do PB, 02 falantes do PE assinalaram a opção *muito ruim*.

Condição 3: Expressão A maioria de + DP contendo núcleo nominal formado por nome pluralia tantum+verbo copulativo

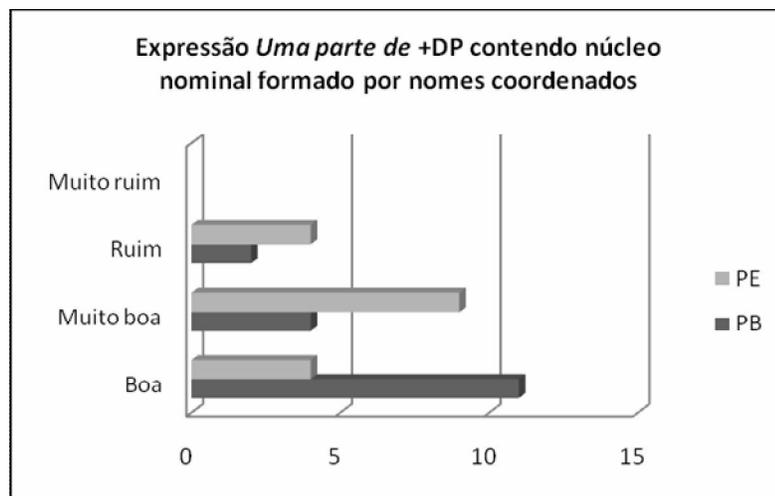
(41) Ex.: A maioria dos óculos de grau/graduados são caros.



É interessante observar que em se tratando da construção com nome *pluralia tantum*, a aceitação foi maior por parte dos falantes portugueses: dos 17 falantes, 16 julgaram-na com o valor *muito boa*, contrariamente aos brasileiros, dos quais apenas 6 atribuíram-lhe o valor *muito boa*.

Condição 4: Expressão *Uma parte de* +DP contendo núcleo nominal formado por nomes coordenados

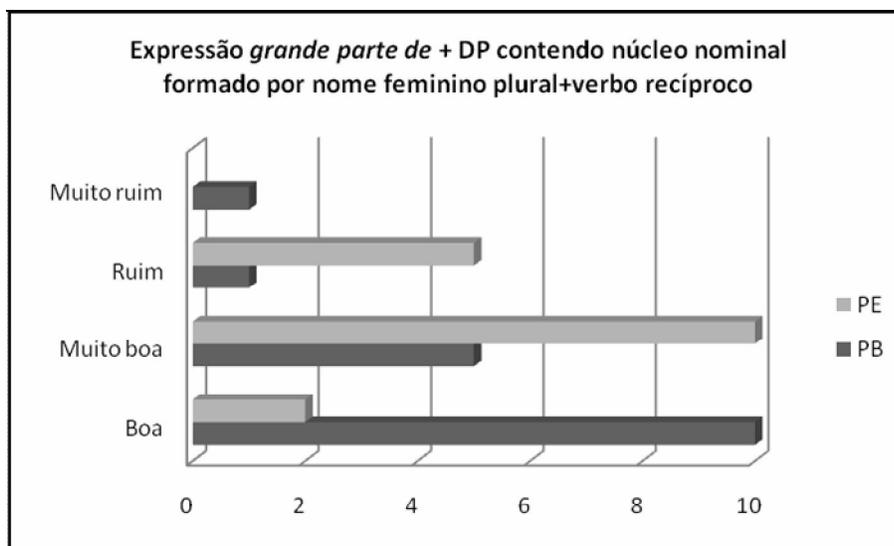
(42) Ex.: Uma parte dos empresários e funcionários permaneceram no encontro.



O que se pode observar em se tratando de DP formado núcleos nominais coordenados é que a aceitação foi maior por parte dos falantes do PE: dos 17, 09 atribuíram-lhe o valor *muito boa*, mais que o dobro das respostas dadas pelos falantes do PB: apenas 04 julgaram-na *muito boa*. O inverso ocorre, no entanto, com relação à opção *boa*: 11 falantes do PB atribuíram o valor *boa* à frase com o verbo no plural e somente 04 falantes do PE julgaram-na com tal valor. No total, houve grande aceitação da frase com o verbo no plural tanto por parte dos falantes brasileiros quanto por parte dos portugueses.

Condição 5: Expressão grande parte de + DP contendo núcleo nominal formado por nome feminino plural+verbo recíproco

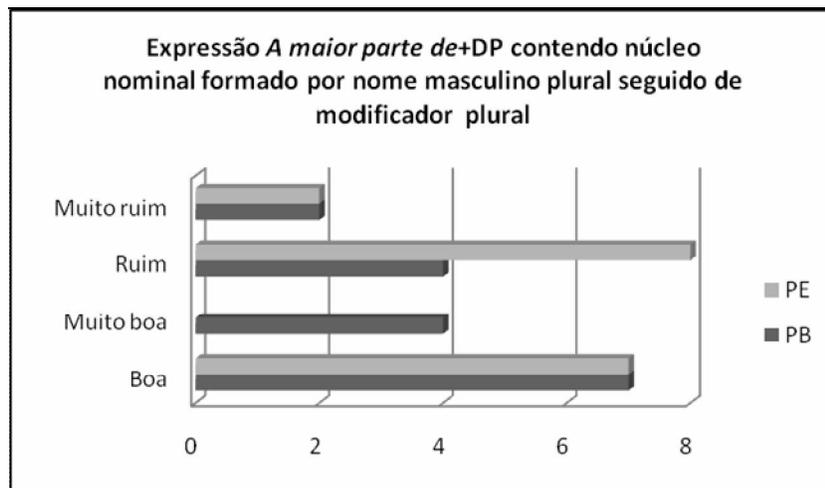
(43) Ex.: Grande parte das pessoas alimentam-se mal.



Com relação à condição 05, verifica-se grande aceitação tanto por parte dos falantes brasileiros quanto por parte dos portugueses: 10 falantes do PB e 10 do PE respectivamente atribuíram à frase testada os seguintes valores: *boa* e *muito boa*. Houve, no entanto, diferença acentuada com relação à opção *ruim*: 05 falantes do PE julgaram-na com o mencionado valor contra 01 do PB.

Condição 6: Expressão *A maior parte de+DP* contendo núcleo nominal formado por nome masculino plural seguido de modificador plural

(44) Ex.: A maior parte dos turistas europeus apreciam visita guiada aos museus.



Para a condição 6, verifica-se o mesmo número de resposta tanto por parte dos falantes brasileiros quanto por parte dos portugueses: 07 dos 17 falantes atribuíram à frase testada o valor *boa*. Contrariamente, consideraram-na *ruim* 08 falantes do PE e 04 do PB, havendo unanimidade quanto à opção *muito ruim*: 02 falantes do PB e 02 do PE consideraram a forma com o verbo no plural *muito ruim*.

2.4.2.2 Teste II

O teste II teve como principal objetivo analisar em que medida os falantes das línguas investigadas apresentam variação de julgamento quanto à escolha das formas de concordância nas partitivas e se isso está, de alguma forma, relacionado ao tipo de nome partitivo *maioria e parte*, ao tipo de verbo, à natureza do DP subcategorizado pelo PP complemento do item partitivo, aos traços dos nomes contidos no DP mais encaixado, dentre outros fatores. Para tanto, procedeu-se da seguinte maneira: tanto em relação ao PB quanto em relação ao PE, solicitou-se aos informantes que preenchessem as lacunas das frases propostas, de forma a flexionar o verbo em gênero (masculino ou feminino) e

em número (singular ou plural), em conformidade com o que acreditam dizer normalmente.

Ao todo foram testadas 10 frases, sem qualquer frase distratora, conforme se verifica no exemplo abaixo:

(45) Ex.: A maioria dos lápis de cor _____ (Estar com defeito).

As frases foram distribuídas de forma a contemplar 05 pares de frases, contendo, cada uma delas, as seguintes expressões: (i) *A maioria de*; (ii) *Uma parte de*; (iii) *A maior parte de*; (iv) *Grande parte de*; e (v) *Uma minoria de*. Cada uma dessas expressões foram testadas levando-se em conta as seguintes variáveis:

Tipo de nome contido no núcleo nominal do DP complemento: *pluralia tantum*, nome flexionável

Tipo de verbo: inacusativo, transitivo

Traço de gênero presente no adjetivo modificador: feminino ou masculino

Traço de número presente no adjetivo: singular ou plural

(46) Ex.: A maioria dos óculos de grau/graduados _____ (ser caro).

| PB | | | PE | | |
|----------|------|--------|----------|------|--------|
| Singular | | Plural | Singular | | Plural |
| Masc. | Fem. | Masc. | Masc. | Fem. | Masc. |
| 02 | 02 | 13 | 01 | | 16 |

Percebe-se nesse contexto, uma variação mais acentuada em relação às respostas dadas pelos falantes do PB, sendo a forma masculino plural a que mais aparece, assim como em PE.

b) Tipo de expressão partitiva: *uma parte de*

Tipo de nome contido no núcleo nominal do DP complemento: substantivo masculino plural

Tipo frase: ativa

Tipo de verbo: transitivo

(47) Ex.: Uma parte dos professores _____ (comprar) os livros.

| PB | | PE | |
|----------|--------|----------|--------|
| Singular | Plural | Singular | Plural |
| 07 | 10 | 08 | 09 |

c) Tipo de expressão partitiva: *uma parte de* seguida de DP complemento contendo núcleo nominal formado por nome masculino plural

Tipo de frase: passiva

(48) Ex.: Uma parte dos livros _____ (ser vendido).

| PB | | PE | |
|----------|--------|----------|--------|
| Singular | Plural | Singular | Plural |
| 06 | 11 | 04 | 13 |

É interessante notar que em PB o traço de número no verbo estabelece uma relação com o traço de gênero, verificando-se em alguns contextos uma hierarquia desses traços resultando na manifestação dos seguintes padrões:

- (i) traço de gênero: masculino+traço de número: singular (ex.: foi vendido)
- (ii) traço de gênero: feminino+traço de número: singular (ex.: foi vendida)
- (iii) traço de gênero: masculino+traço de número: plural (ex.: foram vendidos)

d) Tipo de Expressão: *a maior parte de* seguida de DP complemento contendo núcleo nominal formado por nome feminino plural (PB) e nome masculino plural PE

Tipo de verbo: inacusativo

(49) Ex.: Uma parte das crianças/dos miúdos _____ (chegar).

| PB | | PE | |
|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Singular | Plural | Singular | Plural |
| 05 | 12 | 06 | 11 |

e) Tipo de Expressão: *a maior parte de*

Traço de gênero do núcleo nominal contido no DP complemento: masculino

Tipo de verbo: inacusativo

(50) Ex.: A maior parte dos pneus _____ (furar).

| PB | | PE | |
|----------|--------|----------|--------|
| Singular | Plural | Singular | Plural |
| 07 | 10 | 07 | 10 |

É importante ressaltar que não foram feitas distinções entre morfemas modo temporal, uma vez que o que estava sendo testado era o valor do traço de número. Assim, foram consideradas todas as variações possíveis: furam/fura; furou/furaram, estão furados e, no caso do PE, a ocorrência do clítico como em furou-se/furaram-se.

d) Tipo de Expressão: *grande parte de* seguida de DP complemento contendo núcleo nominal formado por nome feminino plural

Tipo de verbo: recíproco

(51) Ex.: Grande parte das pessoas _____ (alimentar-se) mal.

| PB | | PE | |
|----------|--------|----------|--------|
| Singular | Plural | Singular | Plural |
| 06 | 11 | 07 | 10 |

Em se tratando do PB, pôde-se verificar uma variação quanto à posição do clítico *se*, aparecendo na maior parte dos casos como proclítico ao verbo.

e) Tipo de Expressão: *grande parte de* seguida de DP complemento contendo núcleo nominal formado por nome masculino

Tipo de verbo: transitivo

(52) Ex.: Grande parte dos estudantes _____ (Fazer) o trabalho.

| PB | | PE | |
|-----------|-----------|-----------|-----------|
| Singular | Plural | Singular | Plural |
| 06 | 11 | 04 | 13 |

f) Tipo de Expressão: *uma minoria de*

Traço de gênero do nome contido no núcleo nominal do DP complemento: masculino

Tipo de verbo: inacusativo

Tipo de frase: passiva

(53) Ex.: Uma minoria dos resumos _____ (ser aceite) para o congresso.

| PB⁵⁷ | | | | PE | |
|------------------------|----------|----------|----------|-----------|--------|
| Singular | | Plural | | Singular | Plural |
| Masc. | Fem. | Masc. | Fem. | 7 | 10 |
| 3 | 2 | 9 | 0 | | |

f) Tipo de Expressão: *uma minoria de*

Traço de gênero do nome contido no núcleo nominal do DP complemento: masculino

Traço de número: plural

Tipo de modificador: adjetivo masculino plural

Tipo de verbo: inacusativo

Tipo de frase: passiva

(54) Ex.: Uma minoria dos fumantes/fumadores portugueses _____
(protestar) ontem contra a nova lei.

| PB | | PE | |
|-----------|-----------|-----------|----------|
| Singular | Plural | Singular | Plural |
| 5 | 12 | 10 | 7 |

2.4.2.3 Síntese e discussão dos resultados

Com base nos dados apresentados pelos testes *piloto* e os testes I e II realizados com falantes do PB e do PE, bem como a partir da verificação da variação da concordância em construções partitivas atestada em diferentes línguas, a ideia central

⁵⁷ Vale observar que 03 falantes do PB forneceram resposta incompleta. Em relação ao PE, é preciso destacar que a forma participial *aceite* é invariável para gênero.

consistiu em demonstrar de que maneira a realização da concordância morfológicamente visível entre o DP sujeito e o núcleo flexional é estabelecida nas construções partitivas em Português Brasileiro e Português Europeu. Os Teste I e II por terem sido elaborados com frases distratoras, observando-se, inclusive, um menor número de frases, permitiram visualizar melhor as diferenças entre os julgamentos dos falantes do PB e do PE.

2.5 Sumário

Recapitulando o que fora anteriormente discutido, este capítulo pretendeu, primeiramente, discorrer acerca de alguns trabalhos cuja temática prende-se ao tratamento do processamento da concordância, tentando, de alguma forma, verificar de que maneira eles podem apontar questões elucidativas para o estudo da concordância sujeito-verbo em construções partitivas na gramática do PB e do PE. Consequentemente, algumas questões foram suscitadas, com o intuito de analisar em que medida os resultados encontrados para *os erros de atração*, no caso dos *noun phrases complexos*, podem ser estendidos, ou não, para uma análise da concordância sujeito-verbo nas construções partitivas, e que implicação poderia acarretar uma tal “associação”. A respeito da proposta de Rodrigues (2006) acerca da natureza dos itens *maioria* e *parte* é importante ressaltar que se faz necessário averiguar se de fato a concordância estaria atrelada às propriedades de tais itens, ou se seria o caso de considerar conjuntamente outras propriedades tais como a natureza dos nomes contidos nos núcleos nominais dos DPs complementos dos nomes partitivos, o tipo de verbo, o tipo de frase, dentre outras condições.

Em segundo lugar, com base na proposta de Béjar (2003), a ser apresentada no capítulo 4 desta tese, é plausível levantar a hipótese de que a variação da concordância nos contextos apresentados seria legitimada pelo mecanismo de *Agree*, levando em conta as condições sobre *match* e *value*, conforme reformuladas por Béjar. Complementando essa ideia, assumo que a concordância deva ser vista como *compartilhamento de traços*, seguindo a proposta elaborada por Frampton & Gutmann (2000a).

CAPÍTULO 3

CONCORDÂNCIA E CONSTRUÇÕES PARTITIVAS: VARIABILIDADE NA GRAMÁTICA?

3.0 Introdução

Este capítulo tem como objetivo central apresentar uma breve discussão acerca da variabilidade da concordância sujeito-verbo em construções partitivas tanto na gramática do PB quanto na gramática do PE. Assim sendo, encontra-se organizado nas seguintes seções: na primeira, apresento de forma sucinta a discussão travada em Adger & Smith (2005) sobre a natureza da variabilidade linguística dentro do Programa Minimalista, com também o trabalho de Den Dikken (2001), acerca da concordância nos *plurinals*, e o estudo de Guevara (2007), sobre as construções partitivas em espanhol; na Segunda seção, apresento sucintamente a proposta de Miguel (2004), sobre a concordância com o DP mais encaixado, em que esta autora analisa questões relacionadas ao sintagma nominal no português, e a proposta de Colaço (2006), acerca da concordância em estruturas de coordenação aditiva em Português Europeu.

De uma forma geral, a questão fundamental para a qual este capítulo pretende fornecer uma resposta é formulada do seguinte modo:

- (i) De que maneira a variação atestada nas construções partitivas em PB e PE encontra lugar no Programa Minimalista?

3.1. Sobre a natureza da variabilidade gramatical no Programa Minimalista

Em *Variation and the Minimalist Program*, Adger & Smith argumentam a favor da ideia de que a arquitetura do Programa Minimalista (daqui em diante PM) relaciona-se de forma favorável com a variabilidade gramatical, tendo em vista que a maneira como manipula traços gramaticais permite que uma mesma interpretação seja resultante de *outputs* fonológicos variáveis. Acrescente-se a isso o fato de, segundo os autores, o PM suportar a ideia de uma relação entre elementos sintáticos que recebem

uma interpretação e aqueles que não recebem (cf. p.1), conforme será verificado no capítulo 4 desta tese.

Os autores lembram que no quadro teórico do PM (CHOMSKY, 1995; CHOMSKY, 2000; CHOMSKY, 2001) é postulada a hipótese de que o conhecimento da linguagem pode ser capturado como uma função de conjuntos de itens lexicais para os pares *som-significado*. Esta função é definida por um pequeno número de operações sintáticas muito gerais, as quais são uniformes entre a espécie. Disso resulta que toda a variabilidade interlinguística é decorrente da especificação de itens lexicais, os quais, por sua vez, são considerados coleções de traços morfológicos, semânticos e sintáticos. (p. 1)

Os autores lembram, ainda, que os traços sintáticos são de dois tipos: (i) *interpretáveis*, aqueles que apresentam uma interpretação semântica (como por exemplo o traço [past]), e (ii) *não-interpretáveis*, aqueles que apresentam função puramente sintática (como por exemplo, o traço de caso nominativo especificado sobre uma categoria nominal, ou o traço de concordância sobre uma categoria verbal). Como consequência, tem-se que os traços não-interpretáveis serão os desencadeadores de toda e qualquer dependência sintática, nos termos dos autores:

“The way that uninterpretable features capture syntactic dependencies is that they have the following property: an uninterpretable feature must be **checked** by a matching feature (whether interpretable or not). This means that every syntactic dependency will be triggered by the presence of an uninterpretable feature”. (ADGER & SMITH, 2005, p. 1-2)⁵⁸.

Para defender a proposta de variabilidade dentro do PM, portanto, os autores partem de evidências empíricas fundamentadas em dois estudos de caso sobre o dialeto Scottish. Para a coleta de dados, lançam mão dos fundamentos metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Como primeiro dialeto estudado é falado na cidade de Buckie⁵⁹, no interior da Escócia. Ao todo foram coletados aproximadamente 40 horas de gravação de conversa espontânea.

⁵⁸ “A maneira pela qual os traços não-interpretáveis capturam dependências sintáticas é que eles têm a seguinte propriedade: um traço não-interpretável deve ser checado por uma combinação de traço (se interpretável ou não). Isso significa que toda dependência sintática será engatilhada pela presença de um traço não-intepretável”. (Tradução minha).

⁵⁹ É um pequeno vilarejo situado sobre a costa há 60 milhas do norte de Aberdeen em Scotland, ficando isolada tanto geográfica quanto economicamente, o que a torna relativamente imune aos principais desenvolvimentos (tradução minha).

Os autores assumem que toda sentença é encabeçada por um elemento sintático T. Tomando como exemplo a sentença *They Bark*, os autores mencionam o fato de que T divide um traço interpretável de tempo, com valor de *presente* [tense:pres] e dois traços não-interpretáveis diferentes, quais sejam, respectivamente, um traço de Caso com valor *nominativo* [*ucase: nom*] e um traço de número com valor *plural* [*unum: pl*]. Esse tipo de especificação, argumentam os autores, captura o fato de o caso nominativo em inglês ser sintaticamente dependente de T finito, bem como o fato de os verbos em inglês concordarem em número.

Seguindo, pois, trabalhos que tratam da morfologia verbal do inglês, conforme Chomsky (1957)⁶⁰, Lasnik (1981)⁶¹ e Bobaljik (1995)⁶², Adger & Smith (2005) defendem a ideia segundo a qual haveria uma operação morfológica responsável por pronunciar os traços de tempo e número de T como um afixo sobre o verbo principal. (cf. p.2).

Em nota de rodapé, os autores mencionam o fato de haver ainda métodos alternativos de manifestação dos traços flexionais sobre o verbo em inglês, uns de natureza puramente sintática, outros como regras de interface operando entre estruturas sintáticas e morfológicas. No caso do estudo em questão, os autores dizem assumir uma análise muito simples de checagem de caso, o que, segundo eles, em nada afeta o ponto central da questão.

Em termos práticos, o que os autores propõem é que o sistema relaciona o padrão sonoro da representação ortográfica no exemplo dado (*they bark*) a seu significado por meio de uma derivação sintática em que se verificam os seguintes passos:

- (a) Seleção de itens lexicais relevantes: {**pronoun** [num:pl], *ucase:*], **bark** [V], T(ense) [tense: pres, *ucase: nom, unum:*]};
- (b) Agrupamento, por meio da operação **Merge, do pronoun e bark**, criando um constituinte VP;
- (c) Criação de um TP através de Merge de Tense com um VP;

⁶⁰ CHOMSKY, N. *Syntactic Structures*. Mouton: de Gruyter, 1957.

⁶¹ LASNIK, H. Restricting the Theory of Transformations: a case study. *Explanation in Linguistics* Ed. by Norbert Hornstein and David Lightfoot, 152-173. Longman: New York, 1981.

⁶² BOBALJIK, J. *Morphosyntax: the Syntax of Verbal Inflection*. Ph.D. Dissertation, MIT, 1995.

- (d) Início de uma relação de checagem *Agree* entre T e o pronome na nova estrutura, a qual checa e valora os traços não-interpretáveis de caso e traços de número sobre ambos.
- (e) Movimento do pronome dentro do especificador de TP, por meio da operação **Move**, deixando uma cópia na posição original, a qual é notada com parênteses angulares.
- (f) Associação de morfemas a esses conjuntos de traços. Assim, o morfema **they** será pronunciado de **pronoun** [num:pl, ~~case~~: nom], do contrário, se esse item lexical tivesse tido seu traço de caso valorado como [acusativo] sua pronúncia seria **them**.
- (g) Atuação de como as operações morfológicas são motivadas pelas propriedades dos traços dos itens lexicais. O mais importante, segundo os autores, é a regra que enxerga os traços flexionais sobre T como um sufixo sobre V. Essa regra é uma regra de ajustamento morfológico, ao contrário de uma regra de movimento sintático.
- (h) Trabalho com operações fonológicas para derivar a representação fonética de superfície de (1)

Segundo Adger & Smith (2005), essa derivação consiste em fazer um mapeamento de uma seleção inicial de itens lexicais até o *output* final, usando as operações sintáticas *Merge*, *Agree* e *Move*, bem como um conjunto de regras da interface Sintaxe/Fonologia, a qual recebe geralmente a designação de componente **Spell-out**, responsável pela inserção de morfemas para conjunto de traços, podendo efetuar algum reordenamento.

Disso resulta que, sendo os traços de caso não-interpretáveis, ambos são marcados com uma linha de sublinhado. Logo, dos dois traços plurais na representação, apenas o traço não-interpretável de número sobre T é interpretável, do que resulta que apenas ele é marcado com uma linha de sublinhado.

Os autores chamam a atenção para o fato de que a representação que serve como *input* para a inserção de morfemas consiste de traços interpretáveis semanticamente e traços não-interpretáveis verificados. Tanto um quanto outro podem afetar a forma fonológica, mas apenas o primeiro pode afetar o significado. Os autores mencionam ainda o fato de haver, dentro do componente **Spell-out**, um outro tipo de traço que pode afetar a forma fonológica, qual seja o traço [+affix], sem, contudo,

exercer qualquer influência sobre a interpretação semântica, uma vez que não se localiza na sintaxe propriamente dita.

É importante frisar que os autores assumem a assunção da Morfologia Distribuída, segundo a qual os itens lexicais são apenas agrupamentos de traços sintáticos e semânticos, sendo pronunciados em algum ponto da derivação como morfemas, isto é, eles não possuem informação fonológica *a priori*.

A inovação da proposta de Adger e Smith (2005) deve-se ao fato de que eles assumem uma via de explicação diferenciada para a noção de variável linguística, já bastante explorada pelos estudos variacionistas de orientação laboviana. Eles defendem que as duas formas equivalentes semanticamente são derivadas do mesmo sistema sintático.

Disso decorre que a noção de escolha de variante não faz parte da especificação do sistema sintático propriamente dito. Ao contrário, é um mecanismo separado que interage com a sintaxe. Nessa perspectiva, cada falante tem um léxico, um estoque memorizado de traços sintáticos e significados lexicais, e é a escolha do item lexical que é o recurso de variação, segundo os autores. Tal escolha, no entanto, é influenciada por vários fatores: facilidade de acesso lexical, questões de relação falante-ouvinte, noções de identidade social, facilidade de processamento etc. Consequentemente, a visão defendida pelos autores é a de que o mecanismo que *autoriza*⁶³ a variação é primariamente instanciado no nível individual, ao passo que os fatores que *influenciam* a variação podem ser tanto oriundos do nível individual quanto da comunidade. (grifo meu).

A proposta defendida por Adger & Smith (op. cit.) vai na mesma direção da proposta sustentada por Béjar (2003, 2008)⁶⁴, segundo a qual o *locus* de variação entre as línguas reside na especificação e distribuição de traços- ϕ não-interpretáveis sobre núcleos-AGR. Em outras palavras, diz a autora, o *locus* de variação reside no inventário de traços formais e (talvez) nas escolhas seletivas que governam sua distribuição inicial em uma derivação.

⁶³ Aqui é interessante notar a diferença entre *autorizar* e *influenciar*, que, à primeira vista, parece não dizer muito, mas mostra claramente a posição defendida pelos autores em relação à noção de variação. A meu ver, tal distinção pressupõe a *autorização* como propriedade decisiva para o estabelecimento da variação, em detrimento da *influência*, que parece exercer um papel secundário.

⁶⁴ A proposta de Béjar (Op. Cit.) será tratada em detalhes no capítulo 4 desta tese.

3.2 Dikken (2001): a atração da concordância em diferentes domínios

Embora o estudo de Den Dikken (2001) não esteja diretamente relacionado à proposta de Adger & Smith (2005) acerca da variabilidade no PM, importa considerar os casos de concordância tratados por esse autor, uma vez que tais fenômenos se aproximam dos padrões de concordância parcial analisados na presente tese. Assim sendo, a proposta defendida pelo autor poderá lançar alguma luz aos dados aqui investigados, bem como ao entendimento da mecânica da concordância num sentido mais amplo.

Den Dikken (op. cit.) analisa o comportamento de pronomes fracos e nulos em inglês em três domínios de concordância: (i) a atração da concordância; (ii) a concordância com noun phrases do tipo *committee*, denominados pelo autor de *plurilinguals* (quando motivam concordância plural com verbo finito); e (iii) a concordância em *there* sentences.

Com relação à atração da concordância, baseado em Jespersen (1913/1916), Den Dikken (2001, p. 22) argumenta tratar-se de um subconstituente de um *noun phrase* complexo em posição sujeito (ao contrário do *noun phrase* sujeito como um todo) que motiva concordância sobre o verbo finito, conforme pode ser observado nas construções que seguem:

(1) a. *The identity of the participants is to remain a secret.*

A identidade de os participantes SER-3SG para permanecer um segredo.

“A identidade dos participantes **deve** permanecer em segredo”.

b. ¹*The identity of **the participants are** to remain a secret.*

A identidade de os participantes SER-3PL para permanecer um segredo.

“A identidade dos participantes **devem** permanecer em segredo”.

O autor observa que a atração da concordância é um dos erros mais frequentes constatados tanto na fala quanto na escrita em Inglês, até mesmo em textos editados. Den Dikken observa que, apesar de o foco de sua análise ser o inglês, casos de atração já foram objeto de investigação em línguas como francês, italiano, espanhol e holandês. O autor lembra também que a opinião comum a respeito de tal fenômeno é, segundo Quirk et al. (1985: 764), que “[a]lthough these sentences might well be uttered in casual

speech, or inadvertently written down, most people would probably regard them as ungrammatical, because they flatly contradict grammatical concord”. (cf. DEN DIKKEN, 2001, p. 22)⁶⁵

Contrariamente a esta visão, é interessante notar que Den Dikken (2001) menciona o trabalho de Kayne (1998b) sobre os efeitos de atração na concordância, em que este autor faz as seguintes considerações: (i) a atração não é apenas um efeito de adjacência linear, uma vez que ela pode ser motivada por genitivos prenominais (cf. (151); (ii) um pronome não pode motivar atração (cf. (152)) e (iii) a atração é sensível a escopo (cf. 153). (cf. DEN DIKKEN, op. cit., p. 23)

(2) a. The participants’ identity is to remain a secret.

A participantes-GEN identidade SER-3SG para permanecer um segredo.

“A identidade dos participantes **deve** permanecer em segredo”.

b. ¹The participants’ identity **are** to remain a secret.

A participantes-GEN identidade SER-3PL para permanecer um segredo.

“A identidade dos participantes **devem** permanecer em segredo”.

(3) a. *The identity of **them are** to remain a secret.

A identidade de ELES-3PL+ACC SER-3PL para permanecer um segredo.

“A identidade deles **devem** permanecer em segredo”.

b. ***Their** identity **are** to remain a secret.

3PL+POSS identidade SER-3PL para permanecer um segredo.

“Suas identidades **devem** permanecer em segredo”.

(4) a. The key to all the doors is missing.

A chave para todas as portas está faltando.

“Está faltando chave para todas as portas”.

⁶⁵ Embora essas sentenças possam ser perfeitamente produzidas em discurso informal, ou inadvertidamente escritas, muitas pessoas provavelmente as tomariam como agramaticais, porque elas deflagram contradição de acordo gramatical. (Tradução minha).

b. ^lThe key to **all the doors are** missing

A chave para todas as portas ESTAR-3PL faltando.

“A chave para todas as portas **estão** faltando/**Estão** faltando a chave para todas as portas”.

Levando em conta o posicionamento de Kayne (op. cit.) acima exposto, Den Dikken (op.cit.) irá sugerir que se poderia pensar que a gramática deveria de fato tomar pelo menos parte da responsabilidade pelos efeitos de atração da concordância, visão esta que vai de encontro àquela postulada em Rodrigues (2006), segundo a qual tais erros de atração seriam resultado de operações pré- ou pós-sintáticas, sendo, na verdade, decorrentes de falhas no processamento da sentença.

Para analisar os casos de atração da concordância, o autor assume a ideia de que os pronomes fracos não podem motivar atração, baseando-se para isso no fato de que tais categorias não podem se mover em LF.

Com relação aos *plurilinguals*, Den Dikken (op. cit.) os caracteriza como *noun phrases* complexos encabeçados por um pronome nulo plural que desencadeia falha de concordância, uma vez que motiva atração. Para tanto, ele adota uma abordagem encabeçada pronominalmente para os “plurilinguals”, segundo a qual os *plurilinguals* são inelegíveis para servirem como associados de *there* em uma concordância plural com *there* sentence, como mostra a agramaticalidade da sentença em: **there are a committee holding a meeting in the room*. Esse fato permitirá ao autor argumentar contra a ideia de “expletive replacement”. (cf. p. 22)

Do ponto de vista comparativo, o autor observa que o Inglês Britânico permite que um noun phrase coletivo encabeçado por um nome formalmente no singular motive concordância plural com o verbo finito mais facilmente do que o Inglês Americano, conforme atestam os exemplos seguintes:

(5) a. The committee has decided.

O comitê ter-3SG decidir-PART. PASS.

“O comitê **decidiu**”.

b. The committee **have** decided. [“plurilingual”].

O comitê ter-3PL decidir-PART.PASS.

“O comitê **decidiram**”

Como hipótese central de trabalho, Den Dikken (2001) aposta na ideia de que a falta de concordância entre sujeito e verbo nos casos investigados está associada a ausência de movimento sintático visível do DP sujeito dentro do domínio de checagem do núcleo funcional (AgrS) responsável pela checagem dos traços- ϕ do sujeito e do verbo finito.

O autor conclui sua análise pontuando que três questões ainda permanecem em aberto: (i) a primeira, de natureza linguístico-comparativa, diz respeito ao fato de, em Inglês Britânico, a concordância plural com *noun phrases* do tipo *committee* ser mais comum; (ii) a segunda consiste em saber qual é a relação existente entre o pronome e o DP do tipo *committee*; e (iii) a terceira e última é relacionada ao licenciamento do núcleo pronominal nulo.

Contrariamente à proposta de Den Dikken (op. cit.), assumo com Béjar (2003) que a falha no estabelecimento da concordância com os *plurals* e nos demais casos apresentados pelo autor deve-se ao fato de haver algumas restrições relacionadas às operações de *match e value*. Propor apenas que a falha na concordância seria resultante da ausência de movimento sintático visível do DP sujeito dentro do domínio de checagem do núcleo funcional (AgrS) parece não responder a questão de fato, uma vez que não contempla a relação necessária entre as propriedades dos traços que entram em jogo na concordância, isto é, não contempla o domínio em que ocorre *Agree*, a qual não se pode perder de vista já que o objeto investigado é justamente a manifestação da concordância.

3.3 Guevara (2007): condições sintático-semânticas no estabelecimento da concordância com expressões partitivas em Espanhol

Adotando os pressupostos da teoria da Optimalidade⁶⁶, cuja premissa básica é a de que a gramática autoriza violações de princípios, havendo portanto uma hierarquia de violações a serem consideradas, Guevara (2007) analisa o estabelecimento da concordância verbal em sentenças formadas por expressões de valor partitivo na

⁶⁶ Segundo Costa (2001, p. 13), o modelo proposto por Prince e Smolensky (1993) “prevê que uma determinada regra ou princípio possa ser violada, apenas se a sua violação permitir satisfazer outra regra ou princípio”.

gramática da língua espanhola. Para a descrição e análise do fenômeno da concordância verbal com nomes partitivos, a autora assume o postulado de que haveria uma hierarquia de restrições envolvida no estabelecimento de tal concordância. Como sentenças analisadas, Guevara (op. cit.) apresenta os seguintes padrões:

- (6) a. La mayoría de los profesionales dentales recomiendan Oral-B.
A maioria de os profissionais dentistas RECOMENDAR-3PL. Oral-B.
“A maioria dos profissionais dentistas **recomendam** Oral-B”.
- b. Solo la mitad de los habitantes acuden a las urnas.
Somente a metade de os habitantes COMPARECER-3PL a as urnas.
“Somente a metade das pessoas **comparecem** às urnas”.
- c. Gracias a aquella herencia, quedaron resueltos el resto de sus problemas.
Graças a aquela herança, FICAR-3PL RESOLVER-3PL+PART. PASS o restante de seus problemas.
“Graças àquela herança, **foram resolvidos** o restante de seus problemas”.
- (7) a. Al resto de las invitadas no las incluyeron en la lista.
O resto de as convidadas não as INCLUIR-3PL em a lista.
“O resto das convidadas não as **incluíram** na lista”.
- d. *A la mayoría de los adolescentes no los escuchan en sus familias.*
A maioria de os adolescentes não os ESCUTAR-3PL em suas famílias.
“À maioria dos adolescentes não os **escutam** em suas famílias”
- (8) a. A la mayor parte de los ingenieros les quitaron los aguinaldos.
À maior parte de os engenheiros lhes TIRAR-3PL os feriados
“A maior parte dos engenheiros lhes **tiraram** os presentes de Natal”.
- b. A la totalidad de los asalariados se les outorgo la prima correspondiente.
A totalidade de os assalariados se lhes OUTORGAR-3SG a primeira correspondente.

“A totalidade dos assalariados se lhes **outorgo** a primeira correspondente”

c. Al resto de los aficionados el canal les permitió mirar el partido desde las gradas.

O resto de os aficionados o canal os **PERMITIR-3SG** assistir a partida desde as arquibancadas.

‘O resto dos aficionados o canal os **permitiu** assistir a partida desde as arquibancadas’.

A autora argumenta que frases como as exemplificadas acima, dotadas de interpretação partitiva, manifestam semelhança à estrutura encontrada em NPs genitivos do tipo:

(9) la boda de los príncipes de Astúrias.

A boda de os príncipes de Astúrias.

“A boda dos príncipes de Astúrias”.

No entanto, Guevara (2007) faz a ressalva de que essa semelhança não é atestada do ponto de vista estrutural, uma vez que a concordância com o N2 [los príncipes de Astúrias] é agramatical em espanhol (conforme observado em (10)), diferentemente do que acontece com as sentenças de (6) a (8).

(10) *La boda de los príncipes de Astúrias causan gran revuelo entre los europeos.

A boda de os príncipes de Astúrias **CAUSAR-3PL** grande revolta entre os europeus.

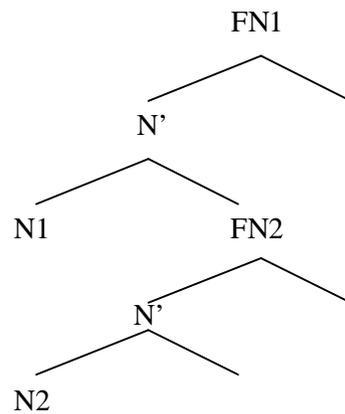
“A boda dos príncipes de Astúrias **causaram** grande revolta entre os europeus”.

As evidências fornecidas pela autora a fim de justificar a agramaticalidade da sentença em (10), na gramática do Espanhol, prende-se com as relações estruturais estabelecidas pelos constituintes da sentença e com o estatuto de cada um deles. Logo, segundo Guevara (op. cit.), o que irá diferenciar um e outro é a posição ocupada por NP2, isto é, nas frases com estruturas partitivas (como as apresentadas em 6, 7 e 8), ele

tem o estatuto de complemento, ao passo que na estrutura genitiva ele possui o estatuto de adjunto.

Com base nisso, a autora considera, a partir de Vos (1999)⁶⁷, que deve haver uma condição necessária para que a concordância entre a flexão verbal e os traços de um nome contido no NP2 possa ser estabelecida. Do que resulta que esse nome do NP2 deve estar em uma *posição de visibilidade*, qual seja, numa posição de complemento, conforme ilustrado pela autora ao propor a configuração que segue:

(11)



A autora aponta com base nessa hipótese que a concordância como a verificada em (12) torna-se agramatical em Espanhol:

(12) ***La construcción de las columnas** han llevado más tiempo del esperado.

A construção de las columnas TER-3PL levado mais tempo do que o esperado.

“A construção das colunas **têm** levado mais tempo do que o esperado”.

Além disso, Guevara irá apostar na ideia de que as propriedades lexicais que compõem os nomes dos noun phrases complexos também são responsáveis em alguma medida pelas diferenças entre essas construções e as partitivas, as quais são legitimadas pela gramática, ponto este também defendido em Rodrigues (2006). Para defender essa ideia, a autora parte da diferença atestada entre as propriedades lexicais dos nomes partitivos e dos nomes comuns.

Segundo a autora, os nomes partitivos apresentam um comportamento sintático defectivo e um componente quantitativo na estrutura conceptual lexical, podendo ser

⁶⁷ VOS, R. *A grammar of partitive constructions*. PhD dissertation. Tilburg University, 1999.

divididos em *absolutos* e *não absolutos* (cf. p. 17). Em geral, tanto um quanto outro denota a ideia de grupo, medida, tipo, quantidade e porção. O que os torna fundamentalmente distintos, nos termos propostos pela autora, é a propriedade que os partitivos absolutos têm de denotarem uma parte única de um conjunto, como por exemplo, *la mayoría/ el resto/ la totalidad/ la mitad (no siempre)/ el veinte por ciento de los diputados*. Contrariamente, os partitivos não-absolutos apresentam-se como *una mitad/ un tercio/ una fracción/ una parte de los diputados*.

Guevara refere ainda que apesar de todos os membros do grupo de nomes partitivos apresentarem uma característica inerente de cardinalidade, apenas os partitivos absolutos não permitem quantificação, uma vez que denotam uma parte única de um subconjunto, conforme é verificado pela agramaticalidade de (13) em oposição à gramaticalidade em (14):

(13)* dos totalidades/*dos mayorías/?? dos mitades/de los diputados.

(14) dos tercios/dos partes/ dos fracciones de los diputados.

dois terços/ duas partes/duas frações de os deputados.

“dois terços/ duas partes/duas frações de deputados”.

A autora lembra, ainda, que para os partitivos não absolutos tornarem-se absolutos precisam ser acompanhados por um modificador que lhes providencie a característica extra de absolutividade, como pode ser observado nas sentenças em (15):

(15) a. La mayor parte de los diputados

A maior parte de os deputados.

“A maior parte dos deputados”.

b. El primer tercio de los diputados

O primeiro terço de os deputados

“O primeiro terço dos deputados”.

c. La única fracción activa de los diputados

Aúnica fração ativa de os deputados.

“A única fração ativa dos deputados”.

As propriedades lexicais dos nomes partitivos absolutos, designadas de cardinalidade, são, segundo a autora, responsáveis pela relação subconjunto-conjunto estabelecida entre esses nomes nucleares de NP1 e os nomes especiais do NP2. Tal relação, que não existe em todas as estruturas partitivas, caracteriza-se por duas propriedades: *pressuposição* e *definitude*. A primeira consiste na pressuposição de existência do que é denotado por NP2, em outras palavras, refere-se ao conjunto do qual o nominal de NP2 denota um subconjunto. A segunda propriedade é a definitude de tal conjunto. (cf. p. 19).

Para comprovar empiricamente a importância das propriedades mencionadas, a autora apresenta as sentenças que seguem:

(16) a. el cincuenta por ciento de los amigos

O cincuenta por cento de os amigos.

“Cinquenta por cento dos amigos”.

a'. *el cincuenta por ciento de amigos

O cincuenta por cento de amigos

“Cinquenta por cento de amigos”.

b. el resto de las personas

O resto de as pessoas.

“O resto das pessoas”.

b'. *el resto de personas

“O resto de pessoas”.

c. la mayor parte de los deportistas

A maior parte de os deportistas.

“A maior parte dos deportistas”.

c'. * la mayor parte de deportistas

“A maior parte de deportistas”.

A agramaticalidade atestada nas sentenças em a', b' e c' confirmam, segundo a autora, a incompatibilidade da propriedade de definitude com NP2s indefinidos.

Ao apresentar todos esses exemplos associados às propriedades postuladas anteriormente, Guevara assume que o desencadeamento da concordância com o NP1 ou com o NP2 irá depender da propriedade de referencialidade. Dado um noun phrase composto de um N1 partitivo e um NP2 cujo N2 denota um conjunto definido e pressuposto, a referencialidade reside em NP2. O núcleo de NP1 apenas estabelece-se sobre os traços (refletidos no determinante) que o NP2 possui, isto é, o único nome cuja referencialidade é autônoma nos sintagmas complexos abordados no presente estudo é o núcleo de NP2.

A autora passa em revista alguns dos principais estudos que versam sobre a ideia de que a referencialidade de um nome estaria associada à categoria a que pertence, se lexical se funcional, ou seja, a partir da ideia segundo a qual os nomes lexicais apresentariam um traço de referencialidade, *R-feature*, em oposição aos nomes funcionais, os quais não apresentariam autonomia referencial pela ausência desse traço. Disso resultaria uma oposição entre nomes possuidores de *R-feature* vs. nomes não possuidores, sendo os contextos em que aparecem os primeiros dotados de autonomia referencial e os contextos em que aparecem os segundos destituídos de tal propriedade.

Diante de tal quadro, a autora faz o seguinte questionamento: como estabelecer uma distinção entre os contextos cujos nomes partitivos não possuem o *R-feature* e não são referencialmente autônomos daqueles contextos onde eles possuem tal traço e são referencialmente autônomos? Para buscar responder a essa questão, a autora irá propor que a evidência para tal distinção reside precisamente na concordância verbal com N1 ou N2.

Um argumento fundamental utilizado pela autora para defender tal hipótese consiste em recorrer à noção de leitura distributiva que pode ser feita nas sentenças com partitivos. A autora exemplifica com a sentença: *la metade de las estudiantes llevaron un juguete a la escuela*.

Resumindo essa hipótese, a autora propõe que a concordância verbal em espanhol pode ser estabelecida com o núcleo do NP2 de um sintagma complexo com sujeito, objeto direto e objeto indireto, se o nome NP1 é um partitivo que quantifica os elementos denotados pelo NP2, não se referindo por ele mesmo a um grupo, estando o

seu valor referencial na dependência do valor referencial do NP2 (essa ideia é compatível com o que é proposto em Sánchez López (1999) a partir de Brucart (1997), conforme discussão apresentada no capítulo 1 desta tese).

Detendo-se mais especificamente na natureza dos contextos desencadeadores da concordância, Guevara aborda o conflito existente em torno das restrições sintático-semânticas do ponto de vista da Teoria da Otimalidade, a qual se baseia no princípio de que uma língua possui como uma gramática uma hierarquia das mesmas restrições (universais e violáveis) que todas as línguas dividem, residindo a diferença entre uma e outra na maneira como as restrições são organizadas.

Nessa perspectiva, Guevara (2007, p. 22) lembra que “within the universal restrictions on languages there exists a group which favours the presence of mechanisms for establishing verbal agreement and referencing with the argument of a sentence (see e.g. WOOLFORD, 2001)”.⁶⁸.

Em se tratando da gramática do Espanhol, a autora ressalta que a concordância verbal estabelecida com sujeitos e objetos estabelece-se com o núcleo do NP encontrado no interior destes, conforme pode ser verificado com os exemplos seguintes:

(17) a. Las niñas dejan sus abrigos cerca de la escalera.

As meninas deixam seus casacos perto de a escada.

“As meninas deixam seus casacos perto da escada”.

b. A la abuelita de Floris le convino el trato.

A vovozinha de Floris lhe convém o tratamento.

c. A mis hermanos pequeños los quiero como si fueran mis tesoros.

“A meus irmãos pequenos os quero como se fossem meus tesouros”.

No que se refere mais estritamente ao noun phrase complexo, Guevara faz menção ao fato de o verbo dever corresponder aos traços gramaticais do núcleo do noun phrase principal, isto é, do NP1, conforme atestam as sentenças em (18):

⁶⁸ Dentro das restrições universais sobre as línguas há um grupo que favorece a presença de mecanismos para o estabelecimento da concordância verbal e a referência com o argumento de uma sentença. (Tradução minha).

- (18) a. Mi necesidad de amor la controlo com helado.
“Minha necessidade de amor a controlo com picolé”.
- b. Las pinturas de Picasso están chuecas.
“As pinturas de Picasso estão de pernas tortas”.
- c. Mi miedo a los exámenes no tuvo limite.
Meu medo a os exames não teve limite.
“Meu medo aos exames não teve limite”.
- d. Solo a los hombres en edad temprana les dan esas indecisiones.
Somente a os homens em idade juvenil lhes dão essas indecisões.
“Somente aos homens em idade juvenil lhes dão essas indecisões”.
- e. El regalo para Maria lo compramos en Pátzcuaro.
“O presente para Maria o compramos em Pátzcuaro”.
- f. A la fe en los santos le atribuimos la sanación de los niñitos.
A a fé em os santos a atribuimos a cura de as crianças.
“À fé nos santos atribuimos a cura das crianças”.

A partir da observação do comportamento atestado, a autora postula a seguinte restrição:

- (19) AGRPRNCFN: Verbal agreement with the features of the head of the principal noun phrase in an argument is required. (cf. GUEVARA, 2007, p. 23)⁶⁹

A autora argumenta que essa restrição dá conta de muitos casos em espanhol, sobretudo daqueles em que há apenas um nome disponível, ou seja, apenas um NP, “falhando”. No entanto, no que se refere às construções partitivas como apresentadas nas sentenças em (6), (7) e (8), tal “falha” ocorre porque, segundo a autora, uma outra restrição se sobrepõe àquela: o nome contido no NP1, NP principal, não seria dotado de

⁶⁹ É requerida concordância verbal com os traços do núcleo do grupo nominal em um argumento. (Tradução minha).

plenitude lexical nem de conteúdo descritivo, funcionando apenas como um quantificador, não apresentando, portanto, o R-feature, o qual residiria somente no nome contido no NP2, sendo esse o portador de autonomia referencial. Daí a reformulação da restrição apresentada pela autora nos seguintes termos:

(20) *REFNO-REFNOM: Verbal agreement is prohibited with nouns which cannot be interpreted referentially⁷⁰.

Para testar a validade de tal restrição, a autora apresenta os seguintes exemplos:

(21) Input:<pagar (x,y;z), x=el resto₍₋₎ de los inquilinos_(Rsg-R), y= la renta_(Rsg-R), z=a tiempo>

a. El resto de los inquilinos pagan la renta a tiempo.

O resto de os inquilinos PAGAR-3PL o aluguel a tempo.

“O resto dos inquilinos **pagam** o aluguel em dia”

b. El resto de los inquilinos paga la enta a tiempo.

O resto de los inquilinos PAGAR-3SG o aluguel a tempo.

“O resto dos inquilinos **paga** o aluguel em dia”.

Finalizando sua análise, Guevara (2007) argumenta em favor de uma hierarquia em que REFNO-REFNOM se sobrepõe à restrição AGRPRNCFN (REFNO-REFNOM>> AGRPRNCFN), pelo fato de haver uma maior necessidade de a concordância verbal marcar uma referência importante sob condições sintático-semânticas especiais.

A proposta de Guevara (op.cit.), olhando à primeira, parece dar conta do fenômeno da concordância nas partitivas, uma vez que a autora sistematiza um conjunto de restrições hierarquicamente organizadas, sobretudo o fato de argumentar em torno das condições sintático-semânticas licenciadoras da concordância em questão. No entanto, o problema de tal proposta parece residir na ausência de tratamento dada à própria operação *Agree*. A meu ver, uma análise que se pretenda empiricamente

⁷⁰ É proibida concordância verbal com nomes que não podem ser interpretados referencialmente.

abrangente e teoricamente consistente deverá dar conta não apenas de casos isolados de determinado fenômeno sintático, mas do maior número possível de possibilidades que a arquitetura da linguagem é capaz de prover. Daí porque, a meu ver, a proposta de Béjar (2003) ser a mais consistente empírica e teoricamente para explicar a concordância atestada nos diferentes contextos apresentados. Sua vantagem estar em buscar na própria mecânica de *Agree* as restrições e condições para que a relação *probe-goal* se estabeleça. Adicionalmente, a ideia de concordância como *compartilhamento de traços*, delienada por Frampton & Gutmann (2000a) mostra-se bastante satisfatória para explicar os casos de concordância parcial e total nas estruturas partitivas aqui investigadas, como mostrado no capítulo 3 desta tese.

3.4 Sobre a concordância com o DP mais encaixado: a proposta de Miguel (2004)

Investigando a natureza do sintagma nominal no Português Europeu e suas relações com as diferentes posições do sujeito, Miguel (2004) apresenta uma análise bastante ampla sobre as propriedades do constituinte nominal (sintagma nominal) e o comportamento desse constituinte intra e interlinguisticamente. A autora retoma análises clássicas sobre o sintagma nominal.

Embora o objeto de estudo de que se ocupa a autora não esteja diretamente relacionado ao tema da presente tese, vale ressaltar o ponto apresentado no terceiro capítulo, em que se verificam algumas propriedades relacionadas à definitude do DP mais encaixado na estrutura. Em nota de rodapé (nota de nº 10, p. 286) a autora faz a seguinte observação:

A intuição é a de que o DP-objeto possuído é interpretado referencialmente e o DP encaixado em *de* é interpretado predicativamente. Este facto pode de algum modo constituir uma pista para os fenómenos de concordância (é o nome referencial que desencadeia a concordância com o predicado verbal), e explicar que os traços semânticos do DP predicativo determinem a (in)definitude de toda a expressão.

Partindo, pois, da proposta assumida por Miguel de que o DP encaixado em *de* carrega os traços de definitude e referencialidade de todo o DP, parece viável estender tal ideia para os casos em que a concordância se estabelece entre o DP mais encaixado na estrutura e a flexão verbal nas construções partitivas tratadas no âmbito desta tese. Atrelada a essa ideia, poderia ser levantada outra hipótese em termos de *subespecificação* vs. *especificação* do traço de definitude do DP. Em termos práticos,

poderia se pensar da seguinte maneira: quando o traço de definitude presente em D estivesse totalmente especificado, ele seria o responsável por ativar a realização morfológica de concordância com o verbo, quando estivesse subespecificado, seria “inativo” para desencadear tal concordância, ficando esta a cargo do DP não encaixado.

3.5 Colaço (2005) : concordância parcial em estruturas de coordenação aditiva

Além do trabalho de Miguel (2004), no âmbito do Português Europeu, vale destacar o estudo realizado por Colaço (2005) acerca das configurações de coordenação aditiva e sua relação com a concordância. Embora o estudo intitulado *Configurações de coordenação aditiva: tipologia, concordância e extracção* não esteja diretamente relacionado ao tema da presente, é interessante verificar que os casos de concordância parcial investigados pela autora no âmbito das estruturas com sujeitos coordenados pode se aproximar em alguns casos da questão de concordância analisada no que se refere às construções partitivas.

Em outras palavras o que quero defender é que o fenômeno da concordância parcial aqui tratado não se restringe apenas às construções partitivas, mas se constitui como um fenômeno sintático mais amplo, para o qual a operação *Agree* é chamada a entrar em ação. Isso que dizer que podemos “aplicar” o mesmo mecanismo sintático para explicar estruturas que “aparentemente” são diferentes. Se o que ocorre no caso da concordância parcial em uma estrutura de coordenação aditiva está relacionado com a *especificação vs. subespecificação* de traços- ϕ dos núcleos funcionais que entram em relação de concordância, eis aí uma “pista” para pensar na ideia de *compartilhamento de traços* proposta por Frampton & Gutmann (2000a) e na proposta de Béjar (2003, 2008) segundo a qual a concordância parcial ou não canônica emerge dos mesmos ambientes em que ocorre a concordância padrão, podendo assim ser explicada pelos mesmos mecanismos estruturais, conforme será proposto no próximo capítulo desta tese.

3.6 Sumário

O objetivo principal deste capítulo foi argumentar em torno da ideia de que a variabilidade linguística encontra lugar nas assunções minimalistas de Princípios e Parâmetros, conforme postulam Adger & Smith (2005), e que tal variabilidade, atestada no âmbito das construções partitivas aqui analisadas, tanto em PB quanto em PE, são licenciadas pelos mecanismos gerais de *Agree*, conforme será defendido, no próximo capítulo desta tese, tomando-se por base as ideias de Béjar (2003, 2008), não havendo necessidade de nenhuma outra operação ou filtro morfológico para que o morfema de pluralidade seja realizado. Daí dizer que *Agree* atua “satisfatoriamente” tanto na realização de um padrão de concordância (concordância canônica) quanto na realização de outro (concordância parcial, ocorrendo concordância entre os traços- ϕ do verbo e do DP mais encaixado na estrutura, em se tratando das construções partitivas).

Além disso, o presente capítulo tratou de diferentes estudos acerca de fenômenos distintos envolvendo a concordância no domínio da sentença. Apesar de nem todos os fenômenos apresentados estabelecerem vínculo direto com a concordância sujeito-verbo nas construções partitivas, foi importante mencioná-los aqui, uma vez que contribuem para trazer luz à compreensão da variabilidade encontrada nas línguas naturais, confirmando, em alguma medida, a hipótese levantada por Adger & Smith (2005).

CAPÍTULO 4

OPERAÇÃO *AGREE* E CONSTRUÇÕES PARTITIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO E NO PORTUGUÊS EUROPEU: ALGUMAS NOTAS

4.0 Introdução

Como é sabido, a operação *Agree* formulada por Chomsky (1998, 1999) tem recebido diferentes interpretações desde sua proposta inicial, algumas das quais reformulam-na parcialmente, quer no nível do DP (MAGALHÃES, 2004) quer no nível da sentença (FRAMPTON & GUTMANN, 2000a, PESETSKY & TORREGO, 2004, BÉJAR, 2003) enquanto outras advogam a sua total eliminação (PUTNAM, 2006)⁷¹. Considerando, pois, tais propostas como ponto de partida, pretendo analisar, neste capítulo, a que seria mais viável para uma possível explicação da dupla possibilidade da concordância sujeito-verbo em construções partitivas em PB e PE, conforme atestada em: (i) A maioria dos **alunos fez/fizeram** o trabalho; e (ii) A maioria dos óculos

⁷¹ Putnam propõe, com base na proposta de *Survive* (uma versão de minimalismo), elaborada por Stroik (1999), que a operação *Agree* deva ser eliminada da arquitetura da gramática, argumentando, para isso, que somente *Merge* e *Remerge* devem permanecer. A proposta de Stroik (op. cit.), na qual se fundamenta a proposta de eliminação de *Agree* em Putnam, assenta-se na ideia de que, do ponto de vista de uma sintaxe minimalista, uma operação como *Agree* é incompatível, uma vez que requer operações custosas para o sistema. Segundo Stroik, uma visão minimalista de sintaxe empregará apenas operações de *Merge* estritamente locais, as quais mapeiam elementos da Numeração para a Derivação. Nessa proposta minimalista, os autores defendem a existência de uma simplificação de componentes e mecanismos envolvidos na sintaxe, quais sejam: *look-ahead*, *look-back*, *Agree*, *Attract*. Subseqüentemente, restrições de economia e *Merge* interno (*Move*) são removidos do sistema, restando apenas duas operações sintáticas primitivas: *Merge*, responsável por concatenar na Derivação dois elementos advindos da Numeração, os quais, nas palavras dos autores, são cópias de elementos de N, uma vez que os originais permanecem contidos em N; e *Remerge*. À proposta de Stroik (op. cit.), Putnam acrescenta uma operação, por ele denominada de *Link*, a qual já tem sido referida no trabalho de Stroik, embora sem explicitação. Disso decorre que, em toda instância de *Merge* e *Remerge*, no curso da derivação sintática, a concatenação de dois Objetos Sintáticos (SOs) resulta em uma unidade que imediatamente procede a identificação das interfaces LF e PF dos traços combinados e valorados nesta estrutura local. (cf. PUTNAM, 2006).

Considerando que a proposta aqui apresentada implica a eliminação de *Agree* em detrimento da criação de outro mecanismo, não penso que será viável discuti-la e compará-la às demais propostas apresentadas ao longo deste capítulo, uma vez que atendem a diferentes propósitos empíricos e teóricos.

graduados é **caro(a)/ são caro(a)s**. Antes, contudo, faço uma passagem por alguns estudos sobre o estabelecimento da concordância, iniciando essa exposição a partir de trabalhos cujas descrições e análises assentam-se no modelo de Princípios & Parâmetros (CHOMSKY, 1981, 1986), os quais concebem a categoria funcional Agr como questão central. Em seguida, realizo uma breve explanação acerca dos dois modelos, mais especificamente, em relação aos pontos-chave que dizem respeito à concordância, a fim de melhor apreender as modificações e/ou ajustes implementados ao longo dos anos. Por fim, no âmbito minimalista, procedo à apresentação das propostas de (re)formulação da Operação *Agree* e aquela que parece ser a mais viável para explicar os casos de concordância de que trata a presente tese.

4.1 Sobre a Teoria de Princípios e Parâmetros

Argumentando a favor da ideia de que todo ser humano é dotado de uma Faculdade de Linguagem, o que o torna essencialmente diferente das demais espécies, Chomsky irá propor, com base em clássicas ideias já defendidas em Humboldt⁷², por exemplo, que essa Faculdade da Linguagem é de natureza biológica⁷³, portanto inata, não sendo jamais alcançada por imitação⁷⁴. Como premissa básica de seu construto teórico⁷⁵, irá postular que um Programa de Investigação⁷⁶ que procure estudar a natureza dessa faculdade, e o que permite a diversidade de línguas naturais a partir de um único dispositivo, deverá levar em conta as seguintes questões: “(i) What constitutes

⁷² Cf. Chomsky (1986 e obras posteriores).

⁷³ “FL can be regarded as a ‘language organ’, in the informal sense in which the visual system, or immune system, or circulatory system are commonly described as organs of the body: not objects that can be removed leaving the rest intact, but subsystems of a more complex structure that we hope to understand by investigating parts that have distinctive characteristics, and their interactions”. (CHOMSKY, 1998, p. 1). “FL pode ser compreendida como um ‘órgão da linguagem’, no sentido informal pelo qual o sistema da visão, o sistema imunológico ou sistema articulatório são comumente descritos como órgãos do corpo: objetos que não podem ser removidos deixando o resto intacto, mas como subsistemas de uma estrutura mais complexa que nós esperamos compreender ao investigar partes que têm características distintas, e suas interações”. (Tradução minha).

⁷⁴ Ao postular a existência de uma faculdade da linguagem inerente à espécie humana, Chomsky instaura uma revolução no campo de estudo da linguagem e de sua aquisição, fato tacitamente conhecido com a publicação da recensão crítica feita ao *Verbal Behavior*, de Skinner.

⁷⁵ Boeckx & Hornstein (p. 1) em seu texto *The varying aims of linguistic theory* lembram que o programa de investigação gerativista no decorrer de sua história pode ser dividido em três fases ou períodos: (i) *combinatoric*; (ii) *cognitive*; e (iii) *minimalist*. O primeiro estabelecerá ligação em algum nível com a engenharia; o segundo, com a biologia, e o terceiro, com a física.

⁷⁶ Desnecessário é dizer que, ao longo dos seus 50 anos, pela própria trajetória delineada, tendo em vista os avanços e “recuos” empreendidos, o quadro teórico gerativista constitui, como bem mostrou Borges Neto (2005), um típico Programa de Investigação Científica (PIC), nos termos de Lakatos (1971).

knowledge of language? (ii) How is knowledge of language acquired? e (iii) How is knowledge of language put to use?" (Cf. CHOMSKY, 1986(a), p. 3).

As questões acima apontadas são parte de um quadro de investigação que, a despeito de seu desenvolvimento, permanecem como fundamentais e inalteradas. A respeito da versão de Princípios e Parâmetros, Chomsky e Lasnik (1995, p. 13) argumentam:

Principles-and-Parameters (P&P) theory is not a precisely articulated theoretical system, but rather a particular approach to classical problems of the study of language, guided by certain leading ideas that had been taking shape since the origins of modern generative grammar some 40 years ago⁷⁷.

A busca por respostas a perguntas já clássicas dentro dos estudos da linguagem, como asseveram Chomsky e Lasnik (op. cit), irá conduzir à postulação de hipóteses capazes de dar conta do processo de aquisição da linguagem, de seu desenvolvimento e uso, bem como das diferenças entre as línguas particulares. Nesse cenário, é postulado que a criança possui um Dispositivo de Aquisição de Linguagem (LAD)⁷⁸ que a permite, juntamente com o *input* ao qual é exposta em seu ambiente linguístico, os *dados lingüísticos primários* (PLD), marcar positiva ou negativamente o valor de um determinado parâmetro. As evidências empíricas em defesa dessa hipótese encontram-se fortemente marcadas pelo fato de que, mesmo diante da *pobreza de estímulos*, as crianças conseguem adquirir uma língua a qual são expostas. Uma outra questão que parece bastante contundente para confirmar tal hipótese é o fato de o processo de aquisição ocorrer mais ou menos no mesmo período para todas as crianças.

Levando em conta, pois, a ideia de parâmetro⁷⁹, a qual é responsável pela variação interlingüística, no que se refere à categoria funcional Agr, Pollock (1989, p. 365) desenvolveu um estudo sobre as diferenças sistemáticas entre o francês e o inglês concernente à sintaxe da negação frásica, advérbios, interrogativas, quantificadores flutuantes e quantificação à distância.

⁷⁷ A Teoria de Princípios e Parâmetros (P&P) não é um sistema teórico articulado de maneira precisa, mas uma abordagem particular para problemas clássicos do estudo da linguagem, guiada por certas ideias importantes que têm tomado forma desde as origens da gramática gerativa moderna há 40 anos. (Tradução minha).

⁷⁸ Do Inglês *Language Acquisition Device*.

⁷⁹ Importa considerar que, no quadro de investigação da Gramática Gerativa, sobretudo no âmbito dos estudos sobre Aquisição de Linguagem, muitas foram as propostas de (re)definição do que seria um parâmetro. No entanto, nesta tese não serão abordadas tais propostas. Para uma visão bastante elucidativa e crítica sobre a noção de parâmetro, remetemos o leitor a Lopes (1999), Kato (2002) e Lobo (1994), dentre outros.

Para defender sua proposta, o autor argumenta que as diferenças entre as línguas apontadas com relação aos fenômenos especificados acima podem ser deduzidas da estrutura da GU e de um parâmetro abstrato, o que, segundo ele, está relacionado à opacidade ou transparência de Agr(eement) no francês e no inglês moderno.

Pollock (1989) apresenta argumentos empíricos a favor da ideia de que a flexão não deve ser vista como um núcleo dotado de dois diferentes conjuntos de traços ($[\pm\text{Tense}, \pm\text{Agr}]$). Ao contrário, cada um desses conjuntos de traços será autônomo e deverá ser considerado núcleo sintático de uma projeção máxima, quais sejam AgrP e IP (este último chamado T(ense)P). Além disso, o autor propõe que tanto o inglês quanto o francês apresentam uma projeção máxima NegP.

Essa proposta de Pollock favoreceu enormemente a investigação no campo da sintaxe comparativa, permitindo o estudo de inúmeras propriedades em diferentes línguas. A esse respeito, Zwart (2004) considera que a ideia de concordância *Spec-Head*, atribuída inicialmente a Kayne (1989), no quadro teórico de Princípios & Parâmetros, ganha bastante expressividade depois do trabalho de Pollock (1989). Do ponto de vista da gramática do Português Brasileiro, merecem destaque os trabalhos de Galves (1991), Figueiredo Silva (1994), Silva (2004), dentre outros, acerca dos quais discorrerei brevemente.

Analisando a natureza de Agr e suas implicações para a ordem VS tanto no PB quanto no PE, Silva (2004) defende a ideia de que o estatuto dessa categoria funcional (Agr) na gramática das duas línguas em análise é diferenciado. Para tanto, a autora argumenta a favor da necessidade de se distinguir a noção de Agr rico, que se relaciona ao movimento do verbo na sintaxe, conforme é proposto por Roberts (1993)⁸⁰, Galves (1993) e Vikner (1997)⁸¹ daquele tipo de Agr responsável por licenciar e legitimar sujeitos nulos referenciais, segundo proposta de Rizzi (1988, 1997).

Como resultado de sua análise, a autora irá argumentar que, se for levada em conta a proposta de Vikner (1997), segundo a qual uma língua possui riqueza morfológica quando verificada a morfologia de pessoa em todos os tempos, resultando, conseqüentemente, no movimento de V-para-I, tanto o PB quanto o PE teriam AGR rico. Contrariamente, se adotada a proposta de Rizzi (op. cit.), juntamente com a de Roberts (1993), o PE teria um AGR mais rico que o PB.

⁸⁰ ROBERTS, I. *Verbs and dischronic syntax*. Dordrecht: Kluwer, 1993.

⁸¹ VIKNER, S. V^0 -to- I^0 movement and licensing of NP-positions in the Germanic languages. Dissertação de Doutorado: Universidade de Genève, 1995.

Adotando uma visão não-binária para a natureza de AGR, a autora irá propor que a noção de riqueza desta categoria seja analisada em termos de uma escala. Para tanto, ela propõe a seguinte formulação:

1ª relação: AGR mais pobre (PB1) » ordem não-marcada para a concordância (SV).

2ª relação: AGR mais pobre (PB2) » ordem não-marcada para a não-concordância (SV) e ordem marcada para a não-concordância (VS).

3ª relação: AGR mais rico (PE) » ordem não-marcada para a concordância (SV e VS).

(Cf. SILVA, 2004, p. 245-246).

Com relação à proposta de Galves (1993), a partir da qual estabelece uma distinção entre pessoa sintática e pessoa semântica, Silva (2004) defende a ideia de que o PE, por apresentar distinção entre as pessoas do discurso, possui pessoa semântica, contrariamente ao PB1 e PB2, que só apresentam pessoa sintática, uma vez que o sincretismo encontrado nas pessoas do discurso é o resultado da combinação de traços de pessoa e número, confirmando também a proposta de Costa & Figueiredo Silva (2006).

Ao refutar as propostas estabelecidas sobre a natureza de AGR e suas implicações para as gramáticas do PB e do PE, Silva (2004) propõe uma redefinição para a noção de binaridade do Parâmetro do Sujeito Nulo, apresentando contra-evidências à ideia de que o PB seria uma língua de sujeito nulo prototípica à semelhança do PE.

4.2 Sobre a versão minimalista de Princípios & Parâmetros

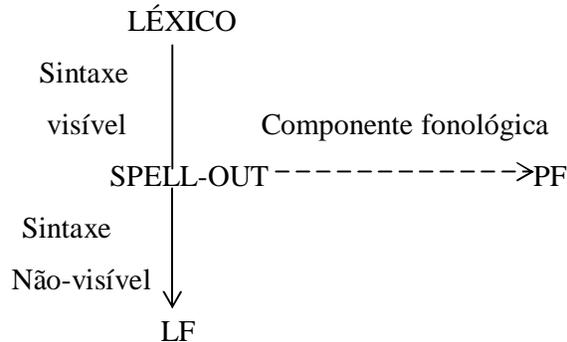
Antes de tratar das diferenças atribuídas à categoria funcional Agr no quadro teórico do Programa Minimalista (PM)⁸², é importante considerar a arquitetura geral do modelo e seus desdobramentos mais recentes, a fim de tentar compreender de que

⁸² Hornstein, Nunes & Gronhmann (2005) pontuam a distinção entre *minimalismo ontológico* e *minimalismo metodológico*.

maneira a mudança em alguns mecanismos da gramática dizem respeito mais diretamente à categoria em questão.

Para tanto, é imprescindível considerar, prioritariamente, ainda que de forma breve, as mudanças técnicas e conceituais implementadas na versão minimalista da teoria de Princípios e Parâmetros, ou seja, o Programa Minimalista, tanto em suas versões iniciais, quanto em suas versões mais recentes, e só posteriormente enquadrar a discussão em torno da categoria funcional Agr, mais especificamente.

Como se sabe os principais argumentos a favor de uma versão minimalista da Teoria de P&P prendem-se com o fato de que a Faculdade da Linguagem possui um *design* ótimo, o qual deve atender satisfatoriamente às condições de interface impostas pelos sistemas de desempenho: Articulatório-Perceptual e Conceitual-Intencional⁸³, os quais interpretam/lêem as instruções fornecidas pelas interfaces PF e LF. Disso decorre que a configuração da arquitetura da Faculdade da Linguagem deve ser constituída dos seguintes elementos: (I) *O Léxico* e (II) *O Sistema Computacional*, conforme ilustração apresentada em Chomsky (1995, p. 27):



A princípio, poderia ser questionado se, no modelo acima, *Spell-Out* não teria o mesmo estatuto da Estrutura-S. No entanto, conforme defende Chomsky (1995), o estatuto de um e outro não se confundem, tendo em vista que a Estrutura-S era o *locus* no qual diferentes teorias e subteorias, tais como: a teoria do Caso e a teoria da ligação, se aplicavam. (cf. CHOMSKY, 1995, p. 20). Diferentemente, no PM, *Spell-Out* é apenas o ponto da computação responsável por enviar para a componente fonológica o material formado em sintaxe visível. Sendo assim, a única propriedade que *Spell-Out*

⁸³ Desde Chomsky (2000 [1998]), fala-se em sistema sensorio-motor (SM). Esse termo é mais preciso que o anterior.

tem semelhante à Estrutura-S é a de servir como fronteira entre as duas sintaxes: a visível⁸⁴ e a não-visível (CHOMSKY, op. cit. p. 27).

Em termos minimalistas, o léxico é estruturado como um conjunto de itens lexicais, os quais são constituídos por sua vez de traços semânticos, fonológicos e formais. Assim constituídos, esses itens abarcam a totalidade do conjunto de palavras de uma língua. Os primeiros são lidos na interface semântica (Forma Lógica); os segundos, na interface Fonética (Forma Fonética) e os últimos, no Sistema Computacional. Para que seja então formado um Objeto Linguístico, algumas operações precisam ser efetivadas: conectar (*Merge*)⁸⁵, copiar (*Copy*) e concordar (*Agree*).

Antes, porém, de tais operações entrarem em funcionamento, é pressuposta a existência de uma *Numeração*, a qual consiste de um arranjo de diferentes itens lexicais, os quais são selecionados do léxico, através da operação *Select* (selecionar), para serem inseridos e combinados posteriormente numa *Derivação*, a qual consiste de uma computação sintática que opera com Objetos Sintáticos (itens lexicais e sintagmas construídos daqueles) e alcança o par (π, λ) os quais correspondem respectivamente a um objeto PF e a um objeto LF (cf. HORNSTEIN, NUNES & GRONHMANN (HNG), 2005, p. 331). Para que uma derivação atenda ao Princípio da Interpretação Plena (*Full Interpretation*), ela deve ser *convergente* tanto na interface PF quanto em LF, isto é, todos os traços formais não interpretáveis devem ser checados e apagados, ou simplesmente valorados (conforme proposto nas elaborações mais recentes). Se isso não ocorre, a derivação fracassa/implode (*crash*). É importante ressaltar, ainda, que todas as derivações permitidas pelo Sistema Computacional devem satisfazer condições de economia. Daí que uma derivação convergente é aquela que menos custo operacional acarreta para o sistema. Além disso, cada operação tem o seu *locus* específico para ocorrer, isto é, algumas ocorrem antes de *Spell-Out* enquanto outras só posteriormente. Assim sendo, se uma operação pode esperar para ocorrer em Sintaxe coberta, depois de *Spell-Out*, não deve ser antecipada, mas deve *procrastinar* (*procrastinate*).

A esse respeito, Chomsky (1998, p. 33) propõe a seguinte condição:

⁸⁴ A respeito do termo *sintaxe visível*, Chomsky (1995, p. 245) lembra que pode ser enganador, já que pode conter categorias vazias.

⁸⁵ É importante mencionar que em Chomsky (2004) se encontra uma diferenciação entre *Merge Interno* e *Merge Externo*. No entanto, na presente tese, não tratarei de tal questão, uma vez que ela não é imprescindível para o andamento da análise que será empreendida.

(1) Inclusiveness holds of narrow syntax, and each feature is interpreted at the level LF or associated with phonetic features by the phonological component⁸⁶.

Importa mencionar ainda que é na *Derivação* que ocorrem as diferentes operações mencionadas: *conectar*, *mover* e *concordar*. A primeira delas tem por função combinar os itens e sintagmas retirados da Numeração e assim formar objetos linguísticos mais complexos. A segunda operação, *Mover* (*move*), deve ser compreendida na sua íntima relação com *cópia* de elementos (traços, categorias), isto é, quando um elemento se move, ele deixa uma cópia com a qual irá estabelecer uma relação, formando-se assim uma *cadeia*⁸⁷ entre o elemento movido e a cópia por ele deixada (cf. CHOMSKY, 1995). Vale destacar que o elemento movido e sua cópia, apesar de terem a mesma identidade, são distintos do ponto de vista da posição estrutural que ocupam. O resultado de tal distinção resultará, por questões de legibilidade, no apagamento da cópia no componente fonológico.

Em relação à categoria funcional Agr, mais especificamente, Chomsky (1995, p. 250), lembra que “Agr é uma coleção de traços- ϕ (gênero, número, pessoa)”, estando presente tanto no objeto (Agr_o) quanto no sujeito (Agr_s). Pressupondo, pois, que as operações devem ser econômicas, de forma a evitar custos operacionais ao sistema, é proposta a idéia de “enxugamento”⁸⁸ das categorias funcionais dentro da arquitetura da gramática. Nesse contexto, tomando como ideia o fato de que traços não interpretáveis devem ser eliminados antes de chegarem em LF, e aceitando como “correta” a ideia de que Agr possui traços formais não-interpretáveis e que, por isso, não teria nenhum papel

⁸⁶ A Inclusividade pertence à sintaxe estrita, e cada traço é interpretado no nível LF ou associado a traços fonéticos pelo componente fonológico. (Tradução minha).

⁸⁷ Nunes (1995,1999) *apud* Ximenes (2002, p. 15) formula as condições para o apagamento de uma cópia. Segundo o autor, quando o elemento movido se desloca para uma outra posição dada, ele já deve ter chegado pelo menos algum traço. Por esta razão, a cópia na posição estrutural mais baixa é que deverá ser eliminada, para atender a necessidade de linearização da estrutura em PF. No entanto, em trabalho mais recente, Boškovic e Nunes (2007, p. 69), argumentam em torno da seguinte ideia: “Now we also have evidence for the copy theory of movement concerning the pronunciation of lower members of chains, i.e. the PF interface. It seems to us that the pronunciation evidence for the copy theory of movement is even stronger than the interpretation evidence. (Agora nós também temos evidência para a teoria de movimento por cópia com relação à pronúncia de membros de cadeias mais baixas, isto é, a interface PF. Parece-nos que a evidência de pronúncia para a teoria de movimento por cópia é mais forte que a evidência de interpretação. (tradução minha)).

⁸⁸ Acerca desse “enxugamento”, inúmeras críticas têm sido feitas ao PM, dentre as quais destacamos as realizadas por Costa & Figueiredo Silva (2005) em que esses autores apresentam um panorama dos trabalhos pioneiros nesse programa de investigação, mostrando em que aspectos o PM representa de fato uma “ruptura” com o modelo de Government and Binding (GB) e em que aspectos representa uma “continuidade”.

nas interfaces, Chomsky propõe que tal categoria deva ser eliminada. “Se a discussão até aqui está no caminho certo, eliminámos toda uma série de razões aparentes para incluir Agr no inventário lexical” (CHOMSKY, 1995, p. 502). Como consequência de tal redução, as únicas categorias funcionais que deverão existir são: C, T e ν no domínio de uma sentença, e D no domínio nominal. Assim sendo, a estruturação de uma sentença obedece a seguinte configuração:

$$(2) [CP... [TP... [\nu P... [VP... V ...]$$

Para tentar atender às demandas minimalistas, Chomsky postula a Teoria da Verificação de Traços⁸⁹ a fim de que esta dê conta da concordância. Inicialmente, em Chomsky (1995), é lançada a proposta de que a concordância entre o verbo e o sujeito se dá através do movimento do verbo para T, posição à qual ele deverá se adjungir para ter seus traços de tempo devidamente checados (cf. MAGALHÃES, 2004). T também precisa ter o seu traço D checado e apagado, o que é solucionado quando o sujeito, que possui tal traço, é movido para Spec, TP. Nesse mesmo instante, o traço de Caso do sujeito é checado por T.

4.3 A operação *Agree* em questão: (re)viendo algumas propostas

Nesta seção serão apresentados alguns dos principais trabalhos desenvolvidos no âmbito do Programa Minimalista cuja preocupação central se relaciona com as propriedades relacionadas à operação *Agree* postulada por Chomsky (1995-2001) e suas consequências para diferentes domínios da gramática. Para tanto, retomo, num primeiro momento, a caracterização da natureza e do estatuto de *Agree* dentro da teoria, a fim de melhor compreender as conseqüentes críticas e propostas formuladas a seu respeito; num segundo momento, apresento algumas das contra-propostas à operação *Agree* tal como formulada em Chomsky, em que se verificam ou a reformulação total do mecanismo em questão ou a reformulação parcial de algum aspecto em específico (a

⁸⁹ Nessa perspectiva, conforme destaca Lobo (1994, p.92), “tende-se para uma máxima economia, passando os movimentos a ser exigidos idealmente apenas em Forma Lógica, para efeitos de verificação morfológica (“checking”). Só haverá movimentos em sintaxe (“overt”) quando esta for a única forma de salvar uma estrutura que, caso contrário, “rebenta” (“crashes”), por ter traços morfológicos fortes demais, que permanecerão visíveis e serão incapazes de sobreviver em FF”.

esse respeito ver o trabalho de MAGALHÃES (2004), PESETSKY & TORREGO (2004), FRAMPTON & GUTMANN (2000), 2000, BÉJAR, 2003, dentre outros.).

Na proposta chomskyana, a operação *Agree* caracteriza-se da seguinte forma: “we therefore have a relation *Agree* holding between α and β , where α has interpretable inflectional features and β has uninterpretable ones, which delete under *Agree*.” (CHOMSKY, 1999, p. 3)⁹⁰. Em outras palavras, o que se propõe nessa relação sintática é que o elemento que possui traços não interpretáveis, denominado *Probe* (sonda), entra em combinação com um elemento que possui traços interpretáveis, denominado *Goal* (alvo), o qual valora os traços da sonda por meio de uma combinação (*matching*), devendo a Sonda c-comandar o Alvo, o qual deve estar em seu domínio local, não devendo haver qualquer elemento interveniente entre ambos, em conformidade com o *Efeito de Anti-intervenção*. Mas, para que isso seja possível, o segundo elemento também tem que ter um traço que ainda não tenha sido checado (o traço de Caso), o que o torna ativo para entrar na combinação com o primeiro.

Diferentemente, é importante considerar que, para a verificação de traços no domínio interior do DP, é proposta a existência de um mecanismo chamado *concord* que, segundo Chomsky, é o responsável pela concordância no nível do DP. A respeito de tal distinção, Corbett (2006) recorda que há muita discussão na literatura e que, na maioria das vezes, esses termos têm sido usados indiscriminadamente.

4.3.1 Magalhães (2004): valoração de traços de concordância dentro do DP

Contrariamente à proposta de Chomsky (*op. cit.*), Magalhães (2004) irá argumentar que não há necessidade de se postular um outro mecanismo de checagem, uma vez que a operação *Agree* também seria satisfatória para dar conta da concordância no domínio interno ao DP. Segundo a autora, seria menos econômico e menos elegante propor mais um mecanismo quando apenas um já é suficiente para dar conta de um maior número de estruturas.

Para tanto, a autora faz uma revisão das propostas apresentadas em Chomsky (1995, 1998), mostrando os pontos cruciais e as mudanças operacionais empreendidas com vistas a um melhor *design* da perspectiva minimalista da Teoria de Princípios e Parâmetros.

⁹⁰ Nós temos portanto uma relação *Agree* assegurada entre α e β , onde α tem traços flexionais interpretáveis e β traços não-interpretáveis, que são deletados sob *Agree*. (Tradução minha).

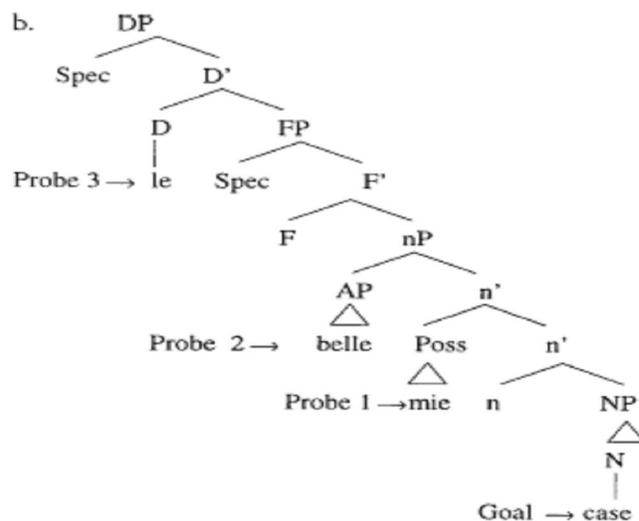
A autora analisa dados de línguas como o Italiano, o Espanhol e o Português, a fim de mostrar de que maneira a concordância dentro do DP é estabelecida, a exemplo do que se verifica nas frases que seguem:

- (3) a. As casas brancas (Português)
- b. Las casas blancas. (Espanhol)
- c. Le mie case belle (Italiano)

Inicialmente, a autora passa em revista algumas das clássicas propostas sobre a estrutura do DP, a saber a proposta de Abney (1987) e Oslen (1989). Dentre elas, opta por adotar a ideia defendida em Abney (op.cit.), argumentando ser ela consistente para os dados das diferentes línguas analisadas. A ideia defendida em Magalhães será a de que o Determinante apresenta traço de número interpretável e traço de gênero não interpretável em oposição à categoria N, que apresentaria traço de número não interpretável e traço de gênero interpretável. Essa ideia contrapõe-se à proposta de Chomsky (1999), segundo a qual o traço de número seria interpretável apenas nos nomes.

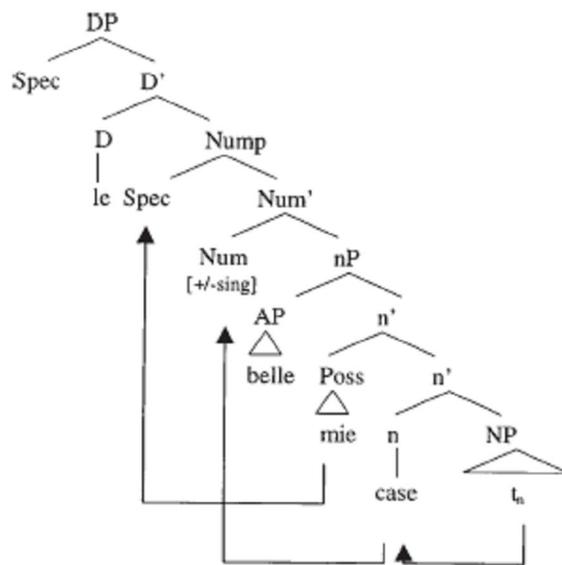
Magalhães (op. cit.) questiona de que maneira a verificação de traços ocorreria dentro do DP em relação aos determinantes e modificadores, assumindo como via possível de explicação parte da análise de Cartens (2000), para quem tanto o determinante, quanto o adjetivo e o possessivo seriam sondas que entrariam em relação de concordância com o alvo N, como em exemplos do tipo:

- (4) a. Le mie case belle.



Segundo Magalhães (op. cit.) o que Cartens propõe é que a aplicação de *Agree* se dá de forma cíclica, sendo estabelecida inicialmente entre o núcleo N e o núcleo Poss, passando em seguida a ser estabelecida entre A(P) e o núcleo N e, por último, entre o núcleo D e o núcleo N. Para evitar que o traço de Caso de N seja apagado depois da operação de checagem, conforme proposto em Chomsky (1998), Cartens adota a ideia de Chomsky (1995), propondo que os núcleos D, Num e N contidos no DP seriam possuidores de traços- ϕ interpretáveis e que por essa razão entrariam numa relação de concordância *Spec-Head* com os elementos com os quais precisa concordar. Essa ideia é representada como segue:

(c)



Com a proposta de valoração apresentada, Magalhães (2004) propõe-se a dar conta da variação intralinguística atestada no Português Brasileiro, valendo-se, para tanto, de dados de fala recolhidos a partir de trabalhos como os de Scherre (1988), conforme verificam-se nos exemplos que seguem:

- (5) a. As casa(s) bonita(s)
- b. Nós vai.
- c. As menina.

Um argumento forte para defender a proposta baseada em Abney (1987) é a de que, em se tratando do Português Brasileiro, o enfraquecimento da concordância consistiria em manter a marca morfológica de número na categoria em que esse traço é

interpretável. Logo, segundo Magalhães (*op. cit.*), o morfema de número “escolheria” residir na posição onde estaria situado o determinante. No caso da concordância sujeito-verbo, residiria exatamente no argumento externo e não na categoria verbal, confirmando assim a ideia proposta em Abney de que D seria o núcleo que selecionaria o NP como seu complemento. Na relação proposta por Magalhães, a ideia crucial seria de que D carregaria os traços de número.

Note-se, no entanto, que para sustentar sua hipótese, Magalhães (*op. cit.*) tem de deslocar a instância (*locus*) de interpretabilidade de traços, ou seja, ela termina por inverter o sistema proposto em Chomsky (1999), segundo o qual o traço de número seria interpretável no Nome, afastando-se também da proposta formulada por Pesetsky & Torrego (2004), para quem a categoria N é o *locus* de interpretabilidade do traço de número (cf. seção 3.3.3 deste capítulo).

A proposta dá conta de satisfazer, basicamente, as necessidades tanto do núcleo D quanto do núcleo N, ficando a valoração do traço de Caso do DP a cargo da relação que será estabelecida posteriormente entre o DP e a sonda T ou *v*.

No entanto, alargando a proposta de Magalhães aos dados de concordância de que trata a presente tese, concordância sujeito-verbo em construções partitivas no PB e no PE, observa-se que tal proposta não se apresenta satisfatória empiricamente, conforme pode ser visto a partir da análise da sentença que segue:

(6) *A maioria dos professores compraram os livros.*

Com a sentença apresentada, ocorre uma concordância morfológicamente visível entre o núcleo flexional e o nome contido no núcleo nominal do DP mais encaixado, o qual, por sua vez, funciona como complemento de P. Se for assumido com Magalhães que os traços de número são interpretáveis no núcleo D⁹¹ e que são não-interpretáveis no nome, ter-se-á de assumir que são os traços de D que desencadeiam a

⁹¹ Uma contraproposta à postulação feita por Magalhães (2004), segundo a qual o traço de número seria interpretável em D e não em N, encontra-se bastante bem delineada em Simioni (2007), em que essa autora apresenta dados de aquisição de concordância de número interna ao DP em diferentes línguas particulares. Ao passar em revista diferentes propostas, Simioni postula que a marcação morfofonológica de número se dá devido à existência de uma categoria funcional Num (do inglês *Number*), localizada entre D e N, conforme propõe Cartens (2000). Num teria traço de número interpretável, N teria o traço de gênero interpretável e D teria traço de pessoa interpretável e não interpretável de gênero e número. Como mecanismo sintático de concordância, a autora fundamenta-se em Frampton & Gutmann (2000), segundo os quais a concordância se dá por meio de *compartilhamento* de traços. Para uma melhor compreensão de tais ideias, ver Simioni (2007).

concordância com o verbo e não os traços do nome contido no núcleo nominal complemento do D mais encaixado na estrutura. Como consequência dessa proposta, a predição possível seria a impossibilidade de ter-se uma forma como a apresentada na frase acima.

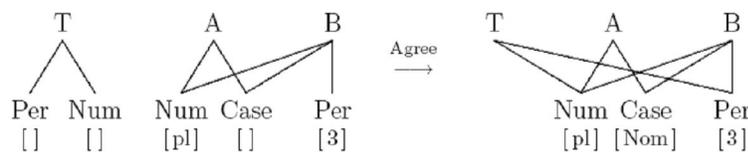
Por essa razão, não adoto a hipótese defendida em Magalhães, uma vez que não parece adequada do ponto de vista explicativo para os casos analisados nesta tese, embora possa dar conta de explicar ampla e satisfatoriamente o mecanismo de concordância interno ao DP sem necessidade de se postular o mecanismo de *concord* nos termos chomskyanos, como bem defendeu a autora.

4.3.2 Frampton & Gutmann (2000a): concordância como *compartilhamento de traços*

Ao rever as assunções teóricas propostas por Chomsky (2000) em *Derivation by Phase*, com relação à proposta para valoração de traços- ϕ não interpretáveis, em que esse autor propõe que um traço não valorado recebe, por meio da operação *Agree*, os valores da contraparte valorada de um determinado traço, Frampton & Gutmann (F&G) (2000a) propõem uma maneira diferenciada de “olhar” para esse mecanismo sintático, apostando na ideia de que a concordância se dá por meio de *compartilhamento de traços*.

Essa proposta traz implicações para a noção de *valoração*, uma vez que, ao contrário de um traço atribuir um valor a uma contraparte não valorada, a concordância deverá ser realizada, segundo os autores, como um compartilhamento de um traço único (*single*) entre dois terminais sintáticos distintos, conforme pode ser visualizado na representação que segue:

(7)



A configuração acima expressa a ideia de que os nós sintáticos terminais A e B entram em relação de concordância com o nó sintático terminal T, sendo esse último

possuidor do traço de Caso especificado como nominativo. No momento em que *Agree* se estabelece, todos os três nós sintáticos passam a compartilhar as especificações que antes eram exclusivas de um traço específico, isto é, agora todos compartilham os mesmos valores de um dado traço.

Ao postular tal redução operacional, os autores fazem ainda uma revisão da proposta elaborada anteriormente em *Cyclic Computation* (1999), objetivando um maior enxugamento nos aparatos técnicos de análise e na computação do modelo proposto.

Como ponto de partida, os autores começam então por apresentar alguns problemas de ordem técnica suscitados pela análise da concordância em construções participais do Inglês, segundo a proposta de valoração de traço postulada por Chomsky, como pode ser ilustrado a partir da sentença abaixo:

8. There were women in the room.

| | | | | | |
|----|--------|---------|----|-----------|-------------|
| 1. | | T | be | women | in the room |
| | | Per[] | | Per[3] | |
| | | Num[] | | Num[pl] | |
| | | | | Case[] | |
| 2. | there | T | be | women | in the room |
| | Per[] | Per[] | | Per[3] | |
| | | Num[] | | Num[pl] | |
| | | | | Case[] | |
| 3. | there | T | be | women | in the room |
| | Per[] | Per[3] | | Per[3] | |
| | | Num[pl] | | Num[pl] | |
| | | | | Case[nom] | |

(cf. FRAMPTON & GUTMANN, 2000a, p. 3)

Na derivação da sentença em questão, observa-se que no passo 3 o mecanismo de valoração não foi capaz de valorar o traço de pessoa do expletivo *there*, ou seja, não atendeu os requisitos impostos pela operação *Agree* de que todos os traços não interpretáveis devem ser valorados e deletados para que a derivação possa convergir, atendendo assim ao *Princípio de Interpretação Plena*. Os autores criticam a solução dada por Chomsky segundo a qual o traço não interpretável de pessoa em *there* teria de ser valorado pela valoração do traço de pessoa em T. A ideia que se tem é que a valoração do traço de pessoa do expletivo aqui é uma solução *ad hoc* sem qualquer motivação

consistente com os princípios estabelecidos para *Agree*. O que se observa, de certa maneira, é que há implicitamente um compartilhamento do traço de pessoa entre *women*, *T* e o expletivo *there*. No entanto, isso não é explicitado por Chomsky, nem tampouco o é o funcionamento de uma memória derivacional, ponto crucial, segundo F&G.

Assim sendo, como solução plausível para tentar “equacionar” os problemas apontados, Frampton & Gutmann (2000a) argumentam que a proposta de *Feature Sharing* mostra-se satisfatória, dentre outros aspectos, por também suportar a ideia de memória derivacional.

Os autores questionam de que maneira *Agree* é recordada e passam a propor que dois traços são relevantes no sistema de caso e concordância sintática: o traço- ϕ que se apresenta valorado ou não para Pessoa, Número e Gênero (ou classes nominais), e o traço- δ que, segundo os autores, ainda permanece com seus valores obscuros, sendo plausível a hipótese de que teria por finalidade marcar definitude.

Antes, porém, os autores procuram deixar clara a noção de traço assumida por eles, questionando para isso se um traço da mesma natureza teria o mesmo valor em nós sintáticos distintos. Levando em conta a representação abaixo, Frampton & Gutmann (2000a) questionam se os dois símbolos “Num” denotariam a mesma propriedade nos dois nós específicos.

(9) {Num, ...}, {Num, ...}

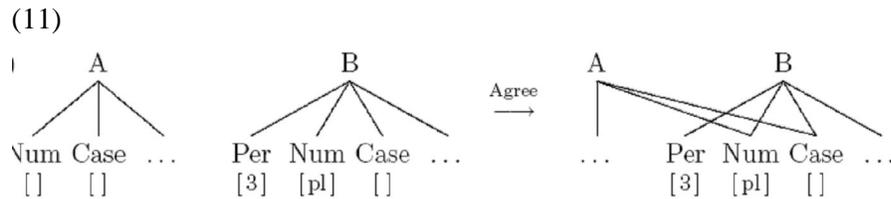
Como resposta, os autores propõem que pode haver *instâncias* diferenciadas do mesmo traço, uma se apresentando no plural, por exemplo, e outra no singular (como exemplificado abaixo), mas mesmo assim também é verdade que dois diferentes nós sintáticos terminais podem incluir um mesmo traço, conforme ilustrado na configuração que se segue, em que se verifica a aplicação da concordância:

(10)

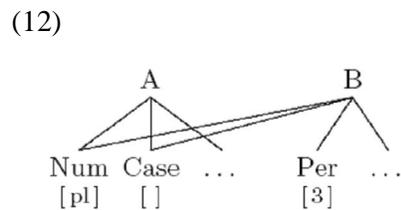
a. {Num₁, Case₂, ...}, {Per₃, Num₄, Case₅, ...}

b. {Num₆, Case₇, ...}, {Per₃, Num₆, Case₇, ...}

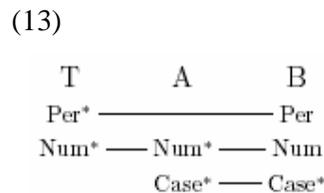
O que se observa é que o compartilhamento do traço de Número e Caso, respectivamente, têm como resultado a notação Num₆ e Case₇. No entanto, os autores ressaltam que o índice escolhido para Num poderia ser outro, e que isso não se constitui como uma questão fundamental, haja vista que *Agree*, segundo Frampton & Gutmann (op. cit.), é cega aos valores dos traços, o que pode ser verificado como segue:



Outra forma de representar esse processo é apresentada na configuração abaixo, a qual é, segundo os autores, uma variante da configuração anterior:

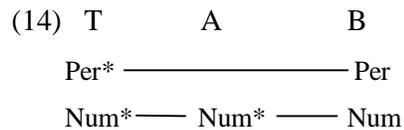


Os autores ressaltam, ainda, a possibilidade de uma representação mais simples do estabelecimento do mecanismo de concordância, uma espécie de síntese das configurações apresentadas em (7) e (12) como ilustrado abaixo:



O diagrama acima consiste na representação final de todo o mecanismo de *compartilhamento*, contemplando assim todas as informações nele envolvidas: (i) a

presença do asterisco significando traços não valorados inicialmente, isto é, antes de serem colididos num único traço compartilhado; (ii) a linha entre um nó sintático terminal e outro indica que houve *compartilhamento*. Os autores observam, contudo, que o traço de caso ainda permanece sem valor, uma vez que não há indicação direta na sintaxe, sendo este determinado pós - sintaticamente sobre a base de *compartilhamento de traço*. Os autores defendem que o requerimento de que os nominais são marcados para caso é, portanto, de natureza morfológica. O resultado disso apresenta-se na configuração seguinte:



Ainda na trilha de *Cyclic Computation*, F&G lançam a proposta de que a derivação é construída por meio de aplicações alternadas das operações *Select* e *Attract* da seguinte maneira: (i) núcleos são introduzidos na sintaxe por meio de *Select*, (ii) em seguida, os traços não valorados dos núcleos são satisfeitos pelas aplicações de *Attract*. O núcleo no qual ocorrem tais aplicações recebe o nome de *pivot*. Todos os traços não valorados deste núcleo (*pivot*) devem ser satisfeitos antes que uma nova aplicação de *Select* venha a ocorrer. É, pois, da combinação de um *pivot* com as operações de *Select* e *Attract* que se tem a formação de um *ciclo*.

A procura do *pivot* se dá inicialmente na direção *top-down* por meio da operação *Attract*. Se uma combinação de um traço com o traço não valorado do *pivot* é encontrada, a busca *top-down* termina, e o traço *pivot* não valorado e o traço que foi encontrado são colididos resultando em um traço compartilhado. Do contrário, se nenhuma combinação de traço é realizada, ou se a colisão se estabelece, mas o traço não valorado do *pivot* permanece não valorado porque o traço colidido com ele é não valorado também, procede-se, então, a uma busca externa a fim de valorar o traço não valorado do *pivot*.

Os autores chamam a atenção para o fato de não haver traços desprovidos de valor na representação final, argumentando que as conexões entre os traços e seu *status* inicial, no que diz respeito à valoração, indicam algum ponto da história derivacional.

Disso tem-se que, na representação final, os traços conectados são colididos em um traço valorado único, compartilhado pelos núcleos relevantes.

Em relação a movimento, Frampton & Gutmann (2000a) argumentam serem as propriedades dos núcleos os seus responsáveis sobre a base do compartilhamento de traço estabelecido pela concordância. Além disso, argumentam os autores, essa proposta simplifica a representação, eliminando redundâncias desnecessárias e incorporando uma história derivacional parcial na representação.

Recordando os pontos cruciais da proposta desenvolvida em *Cyclic Computation*, Frampton & Gutmann argumentam, ainda, que além de serem contrários à comparação entre derivações, dada a complexidade computacional que disso resulta, também o são em relação à construção de uma derivação para cada numeração. Daí assumirem a proposta de simplicidade derivacional.

A proposta de *compartilhamento de traços* conforme apresentada pelos autores associada à proposta de reformulação das condições sobre *Agree* conforme propõe Béjar (2003) parece dar conta de explicar satisfatoriamente a mecânica da operação envolvida nas partitivas. O “casamento” de tais propostas consiste numa forma mais “elegante” de resolver o que antes era mais custoso na teoria. Assim sendo, do lado da formulação de Frampton & Gutmann, pode-se argumentar que o traço de número presente sobre o núcleo N do NP complemento de D do DP mais encaixado compartilha esse traço com o T. Tal *compartilhamento*, por sua vez, está sujeito às restrições impostas sob as condições para *Agree: match* e *value*, conforme propõe Béjar (op. cit.)

4.3.3 Pesetsky & Torrego (2004): valoração vs. interpretabilidade

Estabelecendo uma acentuada diferença entre *valoração* e *interpretabilidade*, Pesesky & Torrego (2004), em *The Syntax of Valuation and the Interpretability of features*, formulam uma proposta de operação *Agree* que toma como ideia fundamental a noção de *feature sharing*, conforme defendida em Frampton & Gutmann (2000a), mas diferenciando-se destes ao abandonar a bicondição *valoração/interpretabilidade*, conforme postulada em Chomsky (2000, 2001), argumentando, para isso, nos seguintes termos:

- (i) An unvalued feature F (a *probe*) on a head H at syntactic location α (F_α) scans its c-command domain for another instance of F (a *goal*) at location β (F_β) with which to agree.
- (ii) Replace F_α with F_β , so that the same feature is present in both locations.

(PESETSKY & TORREGO, 2004, p. 4)⁹²

Os autores investigam a natureza do processo de concordância e a manifestação desse *output* pela sintaxe, defendendo a hipótese de que a concordância é um processo de *compartilhamento* de traços, sendo interpretabilidade e valoração conceitos autônomos, buscando dar conta de alguns fenômenos há muito deixados de lado por algumas propostas de concordância. Dentre tais fenômenos, os autores destacam o papel exercido pela morfologia de tempo verbal na especificação de outras propriedades de uma frase, bem como o papel fundamental desempenhado pela morfologia *-wh* ao especificar o tipo de oração. São o foco de sua atenção, mais precisamente, a sintaxe de construções de alçamento e a análise de sujeitos sentenciais. (cf. PESETSKY & TORREGO, 2004, p. 1).

A idéia central apresentada pelos autores em relação à distinção entre *interpretabilidade/ não interpretabilidade* prende-se com a questão de saber se o traço de um determinado item lexical contribui semanticamente para a sua interpretação (cf. p.2).

Para os autores, a concordância envolve claramente traços de itens lexicais que diferem ao longo de duas dimensões: valorados/não valorados e interpretáveis/não interpretáveis. Nos termos propostos pelos autores, alguns traços sobre os itens lexicais viriam do léxico não-valorados e receberiam seus valores de uma *instância* valorada do mesmo traço, presente em um outro item lexical. Tal proposta é representada como segue:

| | |
|--|--|
| <i>uF</i> val uninterpretable, valued | <i>iF</i> val interpretable, valued |
| <i>uF</i> [] uninterpretable, unvalued | <i>iF</i> [] interpretable, unvalued |

(i) Um traço F não valorado (uma *sonda*) sobre um núcleo H numa locação sintática α (F_α) busca em seu domínio de c-comando por outra instância de F (um *alvo*) numa locação β (F_β) com a qual concordar.

(ii) Substitua F_α por F_β , de modo que o mesmo traço esteja presente em ambas as locações. (Tradução minha).

(cf. PESETSKY & TORREGO, op. cit., p.5)

Partindo de exemplos do Latim, os autores vão descrevendo passo a passo as propriedades dos traços contidos ou não nas categorias advindas do léxico. Em relação ao traço de gênero de D e A, os autores referem que se trata de um traço não-valorado lexicalmente, passando a ser valorado como consequência do processo sintático de concordância com o traço de gênero do N; de modo semelhante, o traço de número de D também vem não-valorado do léxico, ganhando valor a partir da concordância com N, proposta essa diferenciada daquela postulada por Magalhães (2004), apresentada anteriormente.

Como evidência empírica para dar sustentação a essa proposta, os autores fazem referência aos nomes *pluralia tantum*, tais como *scissors* (tesoura) do inglês, *aerobics* e *moenia* (cidade), do latim, os quais já vêm do léxico com valores especificados para o traço de número, o que na perspectiva dos autores confirma que um traço F é um traço valorado para palavras de uma categoria X. (cf. p. 2).

O mesmo fato verifica-se em Português com nomes do tipo *óculos*⁹³, *pires*, *lápiz*, os quais já trazem do léxico o traço de número valorado, parecendo ser esse um dos motivos pelos quais a concordância é desencadeada entre o verbo e o DP mais encaixado na estrutura em frases do tipo: *A maioria dos óculos graduados são caros.*

Com relação a determinantes e adjetivos, Pesetsky & Torrego (op. cit., p. 2) lembram que não há *pluralia tantum*, o que confirma mais uma vez o fato de os traços de gênero e número serem valorados apenas nas entradas lexicais de nomes, o que não ocorre nem com determinantes nem com adjetivos, como observam os autores. Tal proposta vai de encontro à ideia defendida por Abney (1987), Olsen (1989) e Magalhães (2004), segundo a qual o traço de número seria interpretável em D.

Em relação à categoria verbal, os autores argumentam que número e pessoa são presumidamente não valorados na entrada lexical de V, não havendo *pluralia tantum* nem em verbo nem em pessoa, o que implica dizer que é através do mecanismo sintático

⁹³ O nome *óculos* em Português Brasileiro pode ser quantificado, isto é, pode funcionar como um nome contável, podendo aparecer da seguinte forma:

- (i) A Maria comprou *um óculos* de sol/dois óculos.
- (ii) O *óculos* do João é bonito.

Se o nome *óculos* pode ser quantificado no PB, como explicar que esse mesmo nome é um controlador de concordância de maneira a levar o verbo para a forma plural?

de concordância que os traços de número e pessoa são valorados sobre V. Diferentemente, o traço de T sobre V é valorado já no léxico.

Apesar de essa proposta se confirmar para muitos casos de concordância, é importante frisar que em alguns casos só mesmo o DP sujeito irá carregar os traços de número, sendo a interpretabilidade da sentença algo independente da manifestação morfofonológica dos traços de número e/ou pessoa no verbo, como é o caso da concordância sujeito-verbo em variedades não-padrão, como no exemplo: “Nós vai estudar”.

Os autores lembram que a existência de *Agree* dentro da maquinaria minimalista se deve ao fato de essa operação ser responsável pelo apagamento de traços não-interpretáveis, o qual é uma imposição (requerimento) decorrente das interfaces que se estabelecem entre a sintaxe e os sistemas vizinhos. Lembram ainda o fato de que em *Derivation by Phase* e *Minimalist Inquiries* esta bicondição é descrita por Chomsky do seguinte modo:

Um traço F é não interpretável se e somente se é não-valorado.

Pesetsky & Torrego (2004) mencionam o fato de Chomsky sugerir que essa bicondição reflete o fato de que os mecanismos da sintaxe poderiam não inspecionar um traço e determinar se a semântica estabelecerá ou não uma interpretação para ele, mas poderiam inspecionar o traço e determinar se é valorado ou não, ponto este já observado por Epstein et al. (1998) e Epstein e Seely (2000). Nesse sentido, “valoração é uma codificação lexical de interpretabilidade. Crucial também, é claro, é o próprio processo de apagamento” (p.3)

Em relação ao mecanismo de apagamento de traços não-interpretáveis, ou seja, tomando em consideração que o apagamento se dá pós-valoração, conforme defendido na proposta chomskyana, Pesetsky & Torrego (op. cit.) chamam a atenção para o fato de que a distância entre o ponto em que ocorre o apagamento e o momento em que as unidades sintáticas estabelecem comunicação com a semântica seriam bastante próximos. Como lembram os autores, a proposta de Chomsky se sustenta no fato de que cada apagamento deve ocorrer no fim de cada fase. (cf. p. 3).

Os autores chamam a atenção ainda para o fato de que, no sistema Chomskyano, a concordância assenta-se sobre a ideia de que tal mecanismo é um processo de valoração que se aplica em duas instâncias distintas de um dado traço. Uma

vez que duas instâncias de um traço F1 e F2 têm *Agree* estabelecida, a sintaxe não pode inspecioná-los e ver que a valoração de F2 é devido à *Agree* com F1 (ou inversamente). Não há nenhum *link* estabelecido entre F1 e F2.

Os autores propõem que quando *Agree* se aplica entre um traço F Probe de uma locação sintática α e um traço F Goal em uma locação β o output é um traço F singular compartilhado por duas locações.

Uma das questões centrais levantada pelos autores no que se refere à proposta de *Agree* em MI/DbP está voltada em saber porque é que a operação de apagamento de um traço não-interpretável deve estar atrelada a sua valoração, ou seja, porque um traço não interpretável não pode ser apagado livremente, sem o requerimento da valoração⁹⁴

Uma outra crítica suscitada pelos autores em relação ao quadro teórico de *Minimalist Inquiries/Derivation by Phase* diz respeito ao fato de um conjunto incompleto de traços- ϕ sobre Tns dever afetar a habilidade de Tns valorar caso sobre o DP.

Uma noção bastante interessante trabalhada pelos autores é a noção de *Encyclopedic Specifications* (doravante ES). Eles dizem que quando *Agree* se aplica a duas ocorrências de um traço, apenas um deles é associado com uma ES, a informação ES não é compartilhada pelas duas posições no output de *Agree*. (cf. p. 7)

Uma diferença fundamental apontada por Pesetsky & Torrego (op. cit) em relação às visões de *Agree* como atribuição, de um lado, conforme defende Chomsky, e a visão de *Agree* como *feature sharing*, de outro, resume-se da seguinte maneira: na primeira há duas ocorrências de um mesmo traço, enquanto na segunda tem-se somente uma ocorrência de um traço com duas instâncias.

Os autores defendem a ideia, com base na tese da *interpretabilidade radical* de Brody (1997)⁹⁵, segundo a qual não seriam os traços não-interpretáveis propriamente ditos que seriam apagados na interface com a componente semântica, pelo fato de nessa interface não serem permitidos traços não-interpretáveis. O que há, na verdade, são

⁹⁴ Em relação à proposta de verificação de traço como um todo, é interessante considerar a crítica feita por Hornstein, Nunes & Gronhmann (daqui em diante HNG) em *Understanding Minimalism*, no capítulo intitulado *Feature interpretability and feature checking*. Esses autores argumentam que “a estipulação de que uma operação está sujeita a diferentes condições dependendo se sua aplicação é visível ou coberta pode trazer consequências indesejadas para toda a arquitetura do sistema. Em particular, pode violar a Condição de Uniformidade, que requer que as operações disponíveis no componente coberto estejam também no componente aberto.” (HNG, 2005, p. 289) (Tradução minha).

⁹⁵ BRODY, M. Perfect chains. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *Elements of grammar*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1997. p. 139-167.

apenas *instâncias* não-interpretáveis de traços, sendo cada traço possuidor de, pelo menos, uma instância interpretável. (cf. p. 8)

Em decorrência de tal hipótese, Pesetsky & Torrego (2004) levantam a seguinte questão: “o apagamento se aplica a um traço inteiro (isto é, uma ocorrência que pode ter múltiplas instâncias) ou apenas a instâncias individuais de uma ocorrência única de um traço?” A essa questão, a resposta correta, segundo os autores, é a segunda opção, ou seja, o apagamento se aplica a *instâncias* individuais de um traço e não a ocorrências inteiras.

Se adotarmos a mencionada proposta para o mecanismo de concordância nas construções partitivas em PB e PE, podemos arriscar a hipótese de que algumas instâncias ficariam “ativas” e outras seriam apagadas, o que implicaria dizer que uma instância ativa do traço de número na categoria verbal, por exemplo, teria como resultado a realização morfofonológica do traço de número, independentemente do fato de ser ou não uma instância interpretável, satisfazendo assim a proposta dos autores de que valoração e interpretabilidade estariam dissociadas.

Tendo em vista todas as propostas de *Agree* até agora apresentadas, poder-se-ia argumentar, num primeiro momento, que a formulação de Pesetsky & Torrego (2004) parece ser a mais adequada do ponto de vista explanatório para dar conta da concordância sujeito-verbo em construções partitivas em PB e PE, levando em conta a distinção crucial entre *valoração* e *interpretabilidade* de traços. Nesse contexto, seria plausível explicar, ainda que parcialmente, a natureza da concordância com o DP mais encaixado, uma vez que um traço pode ser não-interpretável e valorado (uF_{val}) ou interpretável e não-valorado ($iF []$). Logo, o traço de número na categoria verbal poderia ser tido como não interpretável, embora valorado ao longo da derivação. Contrariamente, quando a concordância morfológicamente visível se realizasse entre o verbo e o DP não-partitivo, o traço de número na categoria verbal seria não-interpretável e não-valorado.

Apesar de reconhecer a contribuição que uma proposta como essa pode trazer para diferentes fenômenos de concordância, bem como pelo fato de repensar as motivações para a própria operação *Agree*, não seguirei tal linha de raciocínio em sua totalidade, uma vez que teria que desconsiderar a proposta de Béjar (2003, 2008) acerca das condições sobre *match* e *value*. Por essa razão, adoto a proposta de Frampton & Gutmann (2000a) tendo em vista ser esta a que mais se aproxima da própria noção de *match* formulada por Béjar.

Por tal razão, aposto na hipótese de que a proposta de Béjar parece se mostrar mais adequada do ponto de vista explanatório para dar conta da concordância sujeito-verbo em construções partitivas em PB e PE, uma vez que se assenta na ideia de que os sistemas de concordância não-canônica também emergem dos mesmos mecanismos envolvidos no sistema padrão. Para a autora o sistema computacional disponibiliza tais formas de concordância, fazendo valer a mesma operação *Agree*. A inovação crucial na proposta de Béjar está relacionada ao fato de existirem restrições sobre as operações de *match e value*.

Aliada a essa proposta, poder-se-ia supor também que não seria o caso de pensar nos itens [maioria] e [parte] como possuidores de uma natureza híbrida, como defende Rodrigues (2006), pois seria difícil atribuir a variabilidade da concordância em construções partitivas à natureza desses itens exclusivamente. Ao contrário, parece mais viável pensar que haveria *instâncias* de traços e que sua valoração e/ou interpretabilidade residiria em uma dessas instâncias, conforme sugerem Pesetsky & Torrego (2004). Essa ideia, além de casar com a proposta de *Feature sharing* postulada por Frampton & Gutmann (2000a), dá suporte a separação entre *valoração* e *interpretabilidade* nos termos de Pesetsky e Torrego (op. cit.).

Isso não quer dizer que se deva desconsiderar as propriedades intrínsecas a cada um desses itens, mas deve-se verificar de que maneira atuam os nomes contidos no DP mais encaixado. Disso resulta que a natureza do nome contido no DP mais encaixado, como por exemplo o seu traço de referencialidade, deve ser considerada como uma “pista” pertinente para a compreensão das estruturas partitivas bem como a sua manifestação morfológica visível de concordância. A esse respeito, é importante lançar mão da hipótese de Miguel (2004) quando essa autora argumenta ser o DP mais encaixado na estrutura responsável por carregar o traço de referencialidade de todo o DP sujeito, do que resulta também a realização da concordância sujeito-verbo.

4.3.4 Béjar (2003): uma teoria-phi para o estudo da concordância

Partindo da ideia de que o mecanismo sintático de concordância deva ser estabelecido com base nos traços que constituem as categorias que entram na relação *probe-goal*, Béjar sai em defesa de uma perspectiva estritamente sintática, a fim de provar que mesmo os casos de concordância não-canônicos devem ter uma explicação sintática. Para tanto, a autora toma como foco empírico de análise alguns casos difíceis

de concordância NP-verbo, concordância não-canônica estabelecida nos dialetos Georgian e Nishnaabemwin, o que, segundo ela, constitui *Context-sensitive agreement* – CSA.

4.3.4.1 Caracterizando *Context-Sensitive Agreement* – CSA

Os sistemas de CSA são caracterizados pela aparência de condições intrincadas sobre a identificação de um controlador dentro de um paradigma, com referência crucial às propriedades- ϕ de outros argumentos no domínio de concordância:

Derivational consequences of failure to Agree with the canonical controller result in the establishment of a non-canonical target controller pair. However current articulations of Agree cannot capture the set of environments in which agreement fails for languages like Georgian and Nishnaabemwin. In this thesis I introduce a new kind of intervention effect, as well as an anti-intervention effect, to capture the set of environments in which context-sensitive agreement arises (BÉJAR, 2003, p. 179)⁹⁶.

Os diferentes sistemas de concordância sensíveis ao contexto (CSA) dos quais fala a autora são caracterizados por *uma espécie de deslocamento*, isto é, a mesma concordância poderá se dar com diferentes alvos, o que quer dizer que ora se combina com um NP ora com outro. Assim sendo, em alguns casos a concordância se dá exclusivamente com o sujeito, em outros com o objeto, e em outros com ambos (sujeito e objeto), tudo isso a depender das restrições impostas pelos contextos nos quais tal concordância ocorre.

Na linha do que defendem Harley & Ritter (2002 e trabalho mais recente), Béjar compreende traços formais como subcategorias privativas que entram crucialmente em relações intrínsecas inevitáveis umas com as outras, isso quer dizer que tais traços não são considerados formados *a priori*. Disso resulta que os casos de concordância apontados refletem a ideia de que traços se combinam para concordar, o que descarta a ideia de que concordância se estabelece entre categorias.

Em outras palavras, o que a autora irá propor é que a concordância não-canônica ergue-se precisamente naqueles ambientes onde ocorre falha no

⁹⁶ Consequências derivacionais de falha para *Agree* com o controlador canônico resultam no estabelecimento de um par controlador-alvo não canônico. Contudo, articulações atuais de *Agree* não conseguem capturar o conjunto de ambientes no qual a concordância falha para línguas como Georgiano e Nishnaabemwin. Nesta tese eu introduzo um novo tipo de efeito de intervenção, assim como um efeito de anti-intervenção, para capturar o conjunto de ambientes em que a concordância sensível ao contexto surge. (Tradução minha).

estabelecimento de uma concordância canônica, por razões independentes (cf. BÉJAR 2000A, 2000B, 2000C, BEJAR & REZAC 2003A, 2003B, REZAC 2003; CF. BOBALJIK & WURMBRAND 1997, 2002). Disso, ergue-se a hipótese central defendida pela autora segundo a qual os efeitos CSA surgem como uma consequência de falha em *match* ou *value*. (p. 18)

Daí a autora propor que as condições sobre *match* e *value* sejam reformuladas, o que resultará na proposta de uma nova teoria sobre traços-phi formais. Nessa perspectiva, os padrões de concordância complexos são uma consequência de efeitos de (anti)intervenção. As condições que caracterizam propriamente os ambientes em que isso ocorrerá serão estabelecidas como restrições sobre operações sintáticas que entram na concordância: *match* e *value*

Para dar conta de explicar os casos de concordância (CSA), Béjar propõe que as noções de *match* e *value* sejam reinterpretadas e reformuladas no âmbito da operação *Agree*. Assim sendo, irá propor que devam ser explicitadas as restrições que ocorrem sobre as duas operações mencionadas. Tais restrições se aplicam uniformemente entre todos os sistemas de concordância, sendo integral à arquitetura básica da computação. Uma consequência disso é que os fenômenos de concordância passam a ser investigados do ponto de vista exclusivamente sintático.

A formulação de *match* provê uma base uniforme para a computação de localidade ao passo que a formulação de *value* provê uma base uniforme para a determinação de efeitos de (anti)intervenção.

Considerando que a visão de traços- ϕ como *arranjos de traços* não dá conta de toda a complexidade de traços- ϕ , uma vez que traços formais devem ser vistos como subcategorias privativas (não formados *a priori*) que entram em relações intrínsecas inevitáveis umas com as outras, Béjar (2003) lança a ideia de decomposição de traços formais, propondo uma teoria de traços- ϕ capaz de suportar assimetrias sistemáticas na maneira pela qual ocorrem diferentes combinações- ϕ do ponto de vista estritamente sintático.

Certas especificações- ϕ atendem satisfatoriamente condições sobre *match* e *value*, enquanto outras não o fazem, motivando, portanto, efeitos de (anti)intervenção e expansão cíclica. As assimetrias em questão podem ser facilmente modeladas usando subespecificação contrastiva e lógica, e geometrias/hierarquias estruturais (AVERY &

RICE 1989, DRESHER, PIGGOTT & RICE 1994, DRESHER 2000, HALL 2000 e outros).

Tomando como base a proposta de Harley & Ritter (2002 e trabalho mais recente), a autora concebe traços formais como subcategorias privativas que entram crucialmente em relações intrínsecas inevitáveis umas com as outras, isso quer dizer que tais traços não são considerados formados *a priori*.

Béjar conclui que falha para *value* é uma consequência de subespecificação relativa de traços, enquanto que falha para *match* é uma consequência de subespecificação total (cf. p. 65)

A ideia é a de que melhorando a sensibilidade destas operações para um nível detalhado de estrutura de traço, será possível formular novas generalizações sobre concordância, lançando luz a um vasto conjunto de dados que têm previamente resistido a uma integração dentro de uma teoria de concordância generalizada.

O componente final da teoria de traços endereça o problema de variação. O contraste entre línguas com e sem concordância context-sensitive (CSA) é um exemplo, e há também diferenças significantes nos tipos de padrões de concordância *context-sensitive* que diferentes línguas exibem. Para Béjar (op. cit.), isso levanta questões que são interessantes especialmente dentro do contexto do quadro teórico minimalista, para o qual a concordância é uma operação central na computação sintática, sendo a uniformidade interlinguística na computação da concordância ocasionada pela formulação de operações centrais: *match* e *value*.

Como exemplo, a autora mostra o caso de línguas com um maior inventário pronominal; segundo ela, línguas desse tipo farão uma seleção mais rica de traços- ϕ formais. Os princípios que restringem a distribuição inicial de traços- ϕ não-interpretáveis permanecem obscuros, segundo a autora.

Adotando uma perspectiva estritamente sintática, a autora faz a distinção entre *Itens Lexicais (LIs)* e *Itens de Vocabulário (VIs)*. Os primeiros são objetos que entram na computação, e os últimos são aqueles que substituem os primeiros por meio da operação da componente morfológica denominada *inserção vocabular*. (cf. p. 19) Essa distinção de que lança mão Béjar é o reflexo da importância dada ao papel desempenhado pelas operações sintáticas e morfológicas na redistribuição de traços, antes da inserção vocabular.

A autora irá defender a ideia de que traços formais devem ser decompostos segundo a maneira reminescente da subcategorização de regras de *Aspectos*, no sentido de que relações intrínsecas inevitáveis entre eles devem ser especificadas. (cf. p. 38).

Daí a argumentação de que essas relações não são apenas comuns ao restringirem formas inventárias, uma vez que a computação sintática também é sensível em parte a tais relações teóricas de traços.

Ainda a respeito do mecanismo operacional de concordância, vale ressaltar, nesse contexto, a proposta de Béjar (2003), a qual parece ser bastante “sedutora” para fornecer uma explicação para a concordância em questão, se assumida a ideia de que a concordância sensível ao contexto (CSA) se dá exatamente por meio dos mesmos mecanismos responsáveis pela concordância canônica.

O recorte feito por Béjar tenta “preencher” as lacunas deixadas por grande parte dos estudos de concordância na perspectiva de Princípios & Parâmetros, uma vez que, segundo a autora, tais estudos focalizavam apenas o papel da concordância em vários outros fenômenos sintáticos. (cf. p. 24)

Diferentemente de perspectivas que buscam explicação na interface sintaxe-morfologia, a exemplo de trabalhos fundamentados na Morfologia Distribuída, a autora (op. cit.) irá argumentar que padrões de concordância não-canônica como os verificados acima são, na verdade, manifestações dos mesmos mecanismos sintáticos centrais, defendendo a ideia de que tais padrões refletem condições muito gerais sobre concordância que até agora não têm sido articuladas.

4.3.4.2 Caracterizando *match e value*

Diferentemente da proposta chomskiana segundo a qual *match* é identidade de traços, Béjar (2003) aposta na ideia de que *match* deva ser repensado a partir da noção de *acarretamento*⁹⁷, conforme propõe abaixo:

- (3) a. Match is defined by entailment;
- b. Probe (F) and Goal (F') match if Goal (F') entails Probe (F)⁹⁸.

⁹⁷ “Dados dois elementos A e B respectivamente numa ordem hierárquica, a presença de B requer a presença do outro elemento A” (CARVALHO, 2008, p. 97).

⁹⁸ (i) Match (Combinação) é definida por acarretamento;
(ii) Sonda (F) e Alvo (F') se combinam se o Alvo (F') acarreta a Sonda (F'). (Tradução minha).

(BÉJAR, 2003, p. 53)

Isso traz como consequência o fato de que vários fenômenos de concordância poderão ser explicados como legitimamente decorrentes dos mecanismos centrais da teoria, sem que seja necessário lançar mão de uma explicação *ad hoc* para os casos até então interpretados como “*default*”.

Com relação à operação *Value* propriamente dita, Béjar (2003, p. 65) propõe a seguinte condição:

Condition on *value*: G(oal) values P(robe) iff f(G) entails f(P)⁹⁹

Béjar (2003, p. 86) mostra ainda que a relação entre *match* e *value* desencadeia as seguintes possibilidades de concordância:

- a. Falha para *match*: resulta em subespecificação total;
- b. *Match* sem *value*: resulta em subespecificação parcial;
- c. *Match* com *value*: resulta em especificação completa relativa a *probe*.

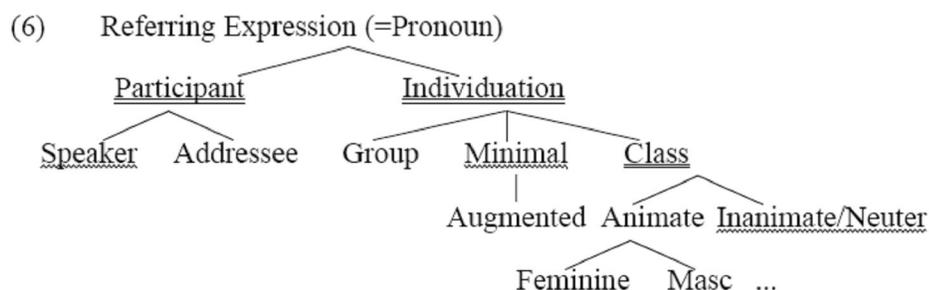
Se pensarmos na concordância entre o verbo e o DP sujeito nas construções partitivas, pode-se verificar que as duas formas autorizadas pela gramática das línguas podem ser satisfatoriamente explicadas a partir da noção de *match* reformulada por Béjar.

4.3.5 Carvalho (2008): subespecificação de traços e sincretismo pronominal em PB

Analisando a relação entre sincretismo do sistema pronominal do PB e sua relação com a concordância, Carvalho (2008) propõe que tal sincretismo é decorrente de propriedades da estrutura interna dos pronomes, os quais, segundo o autor, devem ser analisados e decompostos em elementos mínimos.

Para tanto, adota o modelo teórico da geometria de traços morfossintáticos proposto por H&H (2002)¹⁰⁰, como exemplificado na configuração abaixo:

⁹⁹ O alvo valoriza a sonda se e somente se o traço do Alvo acarreta traço da Sonda. (Tradução minha).



o autor adota a proposta reformulada por Béjar (2003) na qual essa autora defende a existência de um nó independente para o traço de pessoa, por ela denominado de π , o qual deve aparecer entre o nó R (*Referring Expression*) e o nó *participant*. Segundo a autora tal nó dá conta das propriedades do traço de pessoa.

À semelhança do que faz Béjar (op. cit.), Carvalho (2008) irá propor a existência de um nó independente para abrigar os traços de número, pois segundo o autor o modelo apresentado pela geometria de traços de H&H não contempla a gama de possibilidades para as especificações do traço de número.

Para Carvalho (2008), os fenômenos associados ao sistema pronominal em PB, como a variação entre as formas *eu* e *mim* devem-se à *subespecificação* de traços desses elementos, isto é, quanto mais subespecificado for um pronome, maiores serão as chances de a concordância ocorrer de forma parcial. A ideia de subespecificação apresentada por Carvalho (2008) é uma adaptação da noção de *deficiência* proposta por Cardinaletti & Starke (1999)¹⁰¹ quando do estudo realizado acerca dos pronomes.

Com base na ideia de *deficiência* (*subespecificação*), Carvalho (2008) estabelece a seguinte condição para deficiência de traços de um pronome:

Um pronome é *deficiente* se carece pelo menos de um traço.

Um fato bastante interessante apontado por Carvalho é que o fato de ser deficiente não impede que o pronome entre em relação de concordância como o verbo. Conforme Carvalho (2008, p. 77-78):

¹⁰⁰ HARLEY, H. and RITTER, E. (2002) Person and number in pronouns: a feature geometric analysis. *Language* 78, pp. 482-526.

¹⁰¹ CARDINALETTI, A. And STARKE, M. (1999) The typology of structural deficiency: a case study of the three classes of pronouns. In: van Riemsdijk (ed.). *Clitics in the language of Europe*. Berlin: Mouton et Gruyter.

“... um pronome deficiente pode exitosamente entrar em uma relação de concordância, i.e. a derivação envolvendo um pronome deficiente e, ao mesmo tempo, um verbo totalmente especificado, converge, mesmo não satisfazendo certas condições para concordância (*match* nos termos de CHOMSKY (1999a), por exemplo).”

Fazendo uma extensão de tal proposta para o caso da concordância nas partitivas em PB e PE, pode-se aventar a hipótese de que um DP sujeito cujos traços do núcleo nominal sejam *deficientes* também pode entrar em relação de concordância com um verbo totalmente especificado.

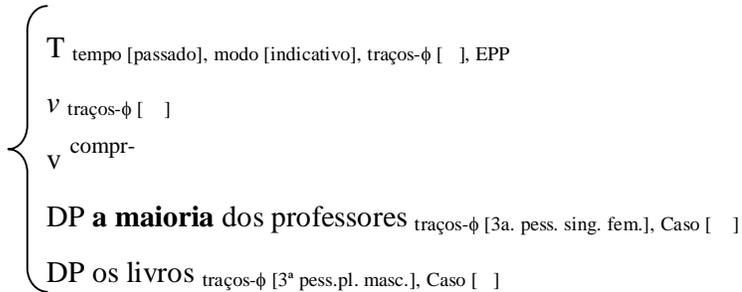
4.6 A concordância nas partitivas na perspectiva de uma teoria-phi

Considerando, pois, a proposta de Béjar (2003) para a concordância parcial apresentada na seção anterior, bem como a ideia de concordância como *compartilhamento de traços*, conforme postulada por Frampton & Gutmann (2000a), pretendo verificar, na presente seção, de que maneira a junção dessas duas propostas pode ser empiricamente adequada para explicar os casos de concordância nas construções partitivas em PB e PE.

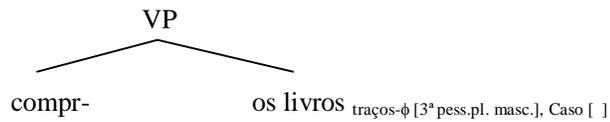
Para melhor ilustrar a operacionalização do mecanismo de concordância nas partitivas, adoto a derivação de uma sentença e apagamento de traços não-interpretáveis, com base em Avelar (2006)¹⁰², fazendo as adaptações necessárias para o fenômeno investigado na presente tese. Veja-se a numeração e a conseqüente derivação de uma sentença com o verbo na forma plural:

¹⁰² Para melhor ilustrar os passos derivacionais e as operações de sondagem, valoração (aqui substituída por *compartilhamento*, uma vez que adoto a proposta de Frampton & Gutmann, 2000a) e apagamento (aqui entendido como *inércia*) de traços não-interpretáveis, segui o modelo apresentado em Avelar (2006). Vale ressaltar, ainda, como bem mostrou o autor, que na proposta minimalista de *Bare Phrase Structure* projeções máximas e mínimas devem ser compreendidas como propriedades relacionais apenas, não inerentes a qualquer categoria. Segundo Avelar (2006, p. 57), “qualquer artifício simbólico como nós, barras, subíndices e outros elementos que venhamos a inserir na estrutura não passa, agora, de mera informação notacional com objetivos expositivos, sem qualquer referência a propriedades inerentes à estrutura.” Por esta razão, para melhor facilitar a exposição dos dados aqui discutidos, permaneço com as mesmas convenções notacionais da Teoria X-barras.

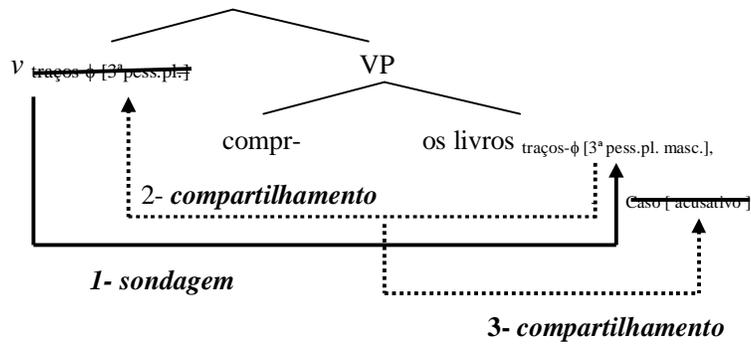
(139) *A maioria dos professores **compraram** os livros.*



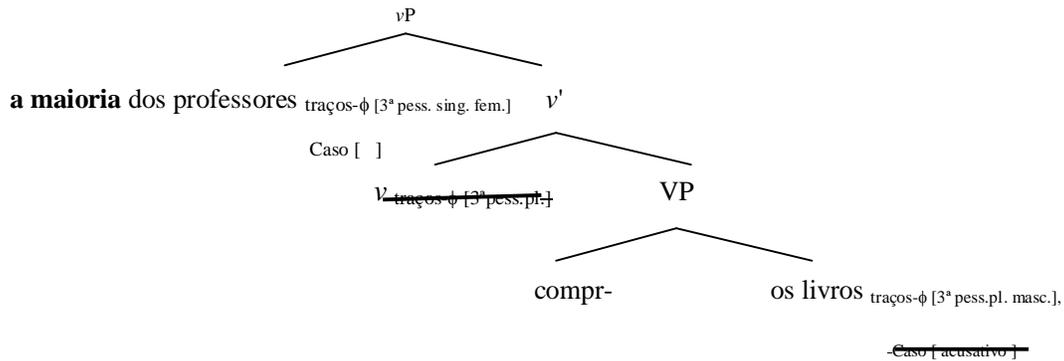
1º passo: Conexão de compr- ao DP os livros



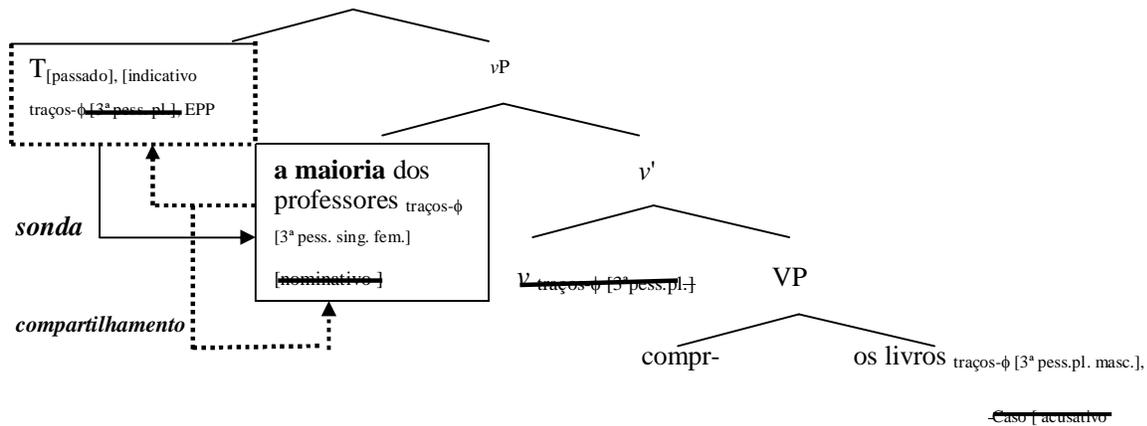
2º passo: compartilhamento de traços- ϕ de v e do traço de Caso do nome



3º passo: Concatenação do DP [a maioria dos professores] à estrutura



4º passo: Concatenação de T a vP, sondagem e valoração dos traços-φ de T e traço de caso do constituinte nominal



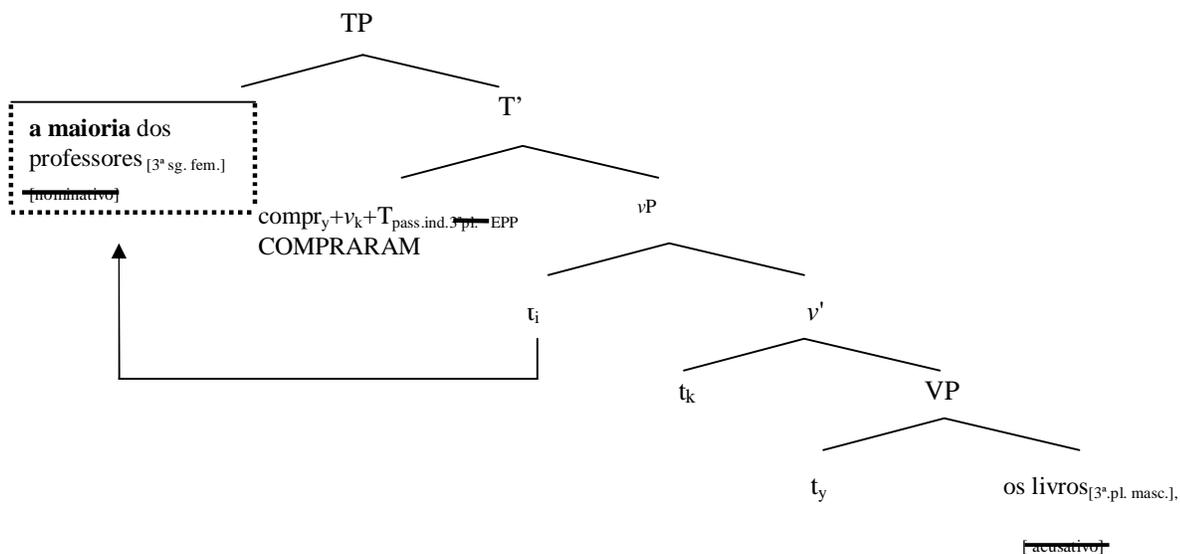
Analisando o procedimento de sondagem e valoração verificado no 4º passo, surge a seguinte questão: de que maneira pode haver valoração dos traços-φ de T se parece não haver compatibilidade total de traços na relação *sonda-alvo*, uma vez que o traço de número do DP é marcado com valor singular contrariamente ao traço de número de T cujo valor é plural. Por que razão a derivação não fracassa/implode? Como resolver esse problema, então?

Para tentar resolver o problema de “aparente” incompatibilidade, parto do princípio de que concordância é uma operação sintática que envolve *compartilhamento*

de traços, conforme propõem Frampton & Gutmann (2000a), Carvalho (2008), Pesetsky & Torrego (2004). Conforme apresentado na seção 3.3.2 deste capítulo, seguindo a trilha de F&G, um nó sintático transmite seus valores a um dado traço “desprovido” de tal propriedade. Tal ideia é plenamente compatível com a proposta defendida por Béjar (2003), segundo a qual as condições de concordância *match* (combinação) devem pressupor *acarretamento* de traço e não *identidade*, ao contrário de Chomsky (1999).

Nesse sentido, quando a concordância é parcial, o que ocorre na verdade é que, para que a concordância seja possível, deve haver minimamente uma *instância* de traço comum entre os elementos que entram nessa relação, tal *instância* é o nó raiz (cf. CARVALHO, 2008, p. 95).

5º passo: *Cópia do DP sujeito em Spec de vP para Spec de TP, valoração e apagamento do traço EPP em T*



Seguindo a postulação de Carvalho (2008) para a *subespecificação* dos pronomes com base na noção de “*deficiência*” postulada em Cardinaletti & Starke (1999), arrisco a seguinte hipótese:

- (i) Um nome é *deficiente* se carece pelo menos de um traço.

Logo, tal *deficiência* contribui para os casos em que não há concordância visível entre o nome partitivo e o verbo. O contrário se verifica em se tratando dos

nomes absolutos, que trazem em si o traço de referencialidade, isto é, são mais enriquecidos em termos de traços, contribuindo assim para desencadear a concordância com o verbo.

Nesse sentido, defendo aqui a seguinte hipótese: o nome contido no núcleo nominal do DP mais encaixado é, de fato, o nome mais enriquecido do ponto de vista da estrutura traçal, ou seja, carrega sobre si traços como definitude, referencialidade, animacidade e pluralidade, o que o torna desse modo mais especificado que o nome partitivo, que a meu ver é *deficiente* em sua estrutura traçal. O resultado disso é que, quanto mais especificado for o nome que entra em relação de concordância com o verbo, mais concordância morfológicamente visível irá desencadear. Contrariamente, quanto menos especificado, menos concordância visível acarretará.

Além disso, a ideia de que um único traço pode ser compartilhado por dois terminais sintáticos distintos, conforme postulam Frampton & Gutmann (2000a) dá sustentabilidade a uma hipótese adicional: os traços do DP sujeito são compartilhados com o verbo no sentido de que há uma transmissão dos valores do nome mais especificado no DP sujeito para o verbo. É claro que para que possam se juntar e compartilhar o mesmo traço, *o match* entre os traços não significa, como nos termos propostos por Chomsky, identidade total, mas acarretamento, como propõe Béjar (2003) e Carvalho (2008).

Como consequência disso, uma outra hipótese pode ser sugerida: quando não há total *compartilhamento* de traços, a concordância dá-se de forma parcial. Essa ideia parece casar bem com a ideia de *subespecificação* de traços. Pode-se pensar na relação de *compartilhamento* e *especificação* de traços da seguinte maneira:

- (i) um traço X pode compartilhar apenas determina *instância* [X_α] de traços ou todas as suas *instâncias* [$X_{\alpha,\beta,\gamma,\dots,X_n}$].

Se isso for verdade, talvez seja possível, ainda, supor que, mesmo quando totalmente especificado, um traço possa não compartilhar todas as suas *instâncias*; o contrário também pode ser verdadeiro: mesmo subespecificado, um traço pode compartilhar todas as suas *instâncias*, ou seja, tudo o que possui, mesmo que esse “tudo” corresponda a uma *instância* zero [X_0].

Essa ideia de pensar em traço como um *arranjo de instâncias* também parece estar coerente com as propostas de Béjar (2003, 2008) e Carvalho (2008) segundo as

quais um traço deve ser decomposto em elementos mínimos, já que não pode ser compreendido como unidade formada *a priori*, mas como elemento que deve ser construído. Assim sendo, pode-se falar em *compartilhamento parcial* e *compartilhamento total* de traços.

O que tentei mostrar nesse capítulo foi que a concordância entendida como mecanismo sintático opera de forma satisfatória mesmo quando a concordância morfológicamente visível “falha” em algum ponto. Isto quer dizer que, independentemente dos *outputs* morfofonológicos visíveis em Forma Fonética, a operação sintática é uniforme no sistema computacional. Essa ideia vai ao encontro da proposta de variabilidade suportada pelo Programa Minimalista, conforme propõem Adger & Smith (2005).

De tudo o que foi dito acerca da mecânica da operação *Agree*, sobretudo, das hipóteses que foram lançadas no decorrer deste capítulo, uma última palavra parece ainda ser necessária com relação à distinção entre *valoração* e *interpretabilidade* de traços feita por Pesetsky & Torrego (2004). Adicionalmente à ideia de concordância como *compartilhamento de traços*, pode-se supor que, para efeitos de interpretação na Forma Lógica e visibilidade morfofonológica na Forma Fonética, o traço de número sobre o verbo é não-interpretável embora possa ser valorado em alguns casos, atestando assim que a variabilidade nas estruturas partitivas não implica variabilidade no sistema computacional.

4.7 Sumário

Neste capítulo, procurei esboçar uma discussão acerca de algumas propostas de interpretação da Operação *Agree*, a fim de averiguar aquela que seria mais adequada a uma explicação da concordância sujeito-verbo nas partitivas em PB e PE. Nesse cenário, pôde ser verificado, a partir das diferentes propostas, que muitas delas podem ser concebidas como ponto de partida para esboçar uma explicação, a depender do ponto de discussão que se adote e daquilo que se pretende colocar em evidência, podendo em alguns momentos haver uma “proximidade” entre elas (como é o caso, por exemplo, da ideia de *compartilhamento* de traços, proposta por FRAMPTON e GUTMANN (2000a), adotada posteriormente por PESETSKY & TORREGO (2004)).

Optei por adotar a proposta desenvolvida por Béjar (2003) para dar conta da concordância parcial através da reformulação de *match e value*. Adicionalmente, lancei mão da ideia de concordância como *compartilhamento de traços* formulada por Frampton & Gutmann (2000a), argumentando em torno da ideia de que um traço pode compartilhar *instâncias de traço*. Essa proposta, por sua vez, pode ser inter-relacionada à proposta de *subespecificação* (ou *deficiência*) de traços defendida por Carvalho (2008).

Assim sendo, aposto na assunção de que, quanto mais especificados forem os traços- ϕ presentes no núcleo nominal contido no DP2 (mais encaixado) na estrutura partitiva mais chances haverá de a concordância se estabelecer entre esses traços e os traços do verbo. Se forem subespecificados os traços do núcleo nominal contido no DP mais encaixado, maiores serão as chances de a concordância se estabelecer entre o verbo e o nome partitivo *maioria, parte*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em conta a complexidade do tema tratado nesta tese, bem como as diversas perspectivas teóricas para sua investigação, procurei demonstrar ao longo de todos os capítulos que os mecanismos sintáticos envolvidos na operação de concordância sujeito-verbo nas construções partitivas realizadas nas gramáticas do PB e do PE são o resultado de restrições sobre as condições de *match* e *value* conforme proposta de *Agree* reformulada por Béjar (2003) para dar conta de padrões de concordância parcial encontrados nas línguas.

Assim sendo, no primeiro capítulo, realizei um “mapeamento” acerca de alguns estudos cujo tópico de interesse centra-se sobre a estrutura interna das expressões partitivas, a fim de averiguar em que medida olhar para o interior das partitivas pode contribuir para compreender a relação externa que se estabelece no âmbito da concordância encontrada nessas estruturas.

No segundo capítulo, procurei apresentar um “panorama” de alguns estudos realizados na esfera do processamento de sentenças, a fim de verificar o tratamento dado aos chamados *erros de atração* de concordância. Para isso, mostrei algumas das principais propostas delineadas no campo da Psicolinguística Experimental para a concordância entre o verbo e o sujeito formado por *DPs complexos*. Paralelamente a isso, expus os resultados de dois testes de gramaticalidade realizados com falantes portugueses e brasileiros. Tais testes contribuíram para demonstrar, ainda que superficialmente, que a concordância sujeito-verbo em construções partitivas se dá de forma sistemática, obedecendo às mesmas restrições sobre condições de concordância apontadas por Béjar (2003). Com relação à manifestação dessa concordância interlinguísticamente, ou seja, em se tratando do PB e do PE, pude verificar que no PE, de uma forma geral, há maior “resistência” por parte dos falantes quando o verbo ocorre no plural, contrariamente ao PB, cujos resultados apontam maior aceitação da forma no plural.

Também neste capítulo pude argumentar em torno da ideia de que no caso da concordância parcial em questão, não basta apenas “olhar” para as propriedades dos

nomes partitivos contidos nos DPs sujeitos. Daí porque minha análise foi de encontro à proposta formulada por Rodrigues (2006) segundo a qual os nomes partitivos *maioria* e *parte* apresentariam natureza híbrida, funcionando ora como itens lexicais ora como itens funcionais. Contrariamente a essa proposta, assumi que as propriedades dos traços envolvidos na relação *probe-goal* determinam a concordância parcial nas construções partitivas. Tal proposta, na linha do que defende Béjar (op. cit.), parece ter um maior alcance explicativo e preditivo, uma vez que pode dar conta de explicar um maior número de casos de concordância atestado nas línguas particulares, como bem mostrou a autora. É claro que é importante compreender as propriedades dos nomes partitivos envolvidos na concordância em questão, mas isso não é suficiente para dar conta de um fenômeno que é, sobretudo, sintático.

No terceiro capítulo, foram discutidas algumas propostas para a variabilidade da concordância em diferentes línguas. Antes, contudo, foi discutida a própria noção de variabilidade e sua correlação com a perspectiva minimalista. Para isso, recorri à discussão trazida por Adger & Smith (2005) em que esses autores mostram o funcionamento da variabilidade dentro do PM. Em seguida, com relação aos casos de concordância nas partitivas e em outros contextos, discorri sobre as propostas de Den Dikken (2001) e Guevara (2007), mostrando que tais estudos, apesar de apresentarem propostas explicativas bastante interessantes, não dão conta das propriedades estruturais do funcionamento de *Agree*, a qual, a meu ver, seguindo Béjar (2003, 2008), é o centro das preocupações em torno de qualquer tentativa de explicação de fenômenos de concordância.

Finalizando esta tese, no último capítulo, fiz um percurso por algumas das principais propostas em torno da Operação *Agree*, passando pela proposta inicial formulada em Chomsky (2001) até a elaboração de propostas mais refinadas como as lançadas por Béjar (2003, 2008) e Pesetsky & Torrego (2004). Adicionalmente, procedi a uma revisão de alguns estudos no âmbito da versão de Princípios & Parâmetros até as versões mais recentes na óptica minimalista. Direcionando a “lente”, foi possível comprovar que, de fato, a proposta de Béjar (2003) parece explicar satisfatoriamente os padrões de concordância nas partitivas, além do alcance empírico já confirmado para outras línguas. Aliada a isso, a proposta de concordância como *compartilhamento de traços* Frampton & Gutmann (2000a) foi de fundamental importância para as hipóteses levantadas em torno de uma explicação para os padrões de concordância nas estruturas partitivas investigadas nesta tese. Como consequência foi sugerida a relação entre a

ideia de *compartilhamento de traços* e a noção de *subespecificação* de traços (Cf. CARVALHO, 2008), resultando na proposta de que um dado traço pode compartilhar *instâncias* de traços.

Pude verificar também que o caminho para explicar os casos de concordância da presente tese poderiam ter diferentes interpretações e perspectivas, uma vez que são muitas as propostas para o tratamento da concordância (pré-sintáticas, sintáticas e pós-sintáticas) enquanto propriedade crucial das línguas naturais. Nesse sentido, poderia ser adotada uma perspectiva de interface sintaxe-morfologia, seguindo a trilha da Morfologia Distribuída, argumentando-se em torno da ideia de que haveria uma competição de traços-phi tanto na componente morfológica quanto na componente sintática, a partir da proposta de McGinnis (2008). Apesar de bastante interessante, essa perspectiva foi deixada de lado nesta tese, tendo em vista a complexidade operacional que uma tal proposta implicaria. Assim sendo, optei por seguir o percurso feito por Béjar (2003, 2008) uma vez que tal caminho parece estar mais adequado ao espírito minimalista de *Agree*, uma vez que busca na própria operação as motivações necessárias para que a concordância se estabeleça, não deixando a concordância servir apenas como reflexo de fenômenos outros da gramática.

Em linhas gerais, procurei confirmar a ideia segundo a qual “feature mismatches and the associated agreement choices are therefore of great importance for an eventual overall theory of agreement” (CORBETT, 2006, p.144)¹⁰³.

¹⁰³ “A não-concordância de traços e as escolhas de concordância associadas são assim de grande importância para uma teoria geral definitiva da concordância”. (Tradução minha).

REFERÊNCIAS

- ABNEY, S. P. *The English noun phrase in its sentential aspect*. Tese de doutorado, MIT, 1987.
- ADGER, D.; SMITH, J. *Variation and the Minimalist Program*, 2005. <<http://webpace.qmul.ac.uk/djadger/publications/adger-smith.pdf>>
- ADGER, D. *Core Syntax: a minimalist approach*. New York: Oxford University Press, 2004.
- AUGUSTO, M. R. A. As relações com as interfaces no quadro Minimalista Gerativista: uma promissora aproximação com a Psicolinguística. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M.C. *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 245-268.
- AVELAR, J. O. *Adjuntos adnominais preposicionados no Português Brasileiro*. Tese de doutoramento. Campinas: UNICAMP, 2006.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BÉJAR, S. *Phi-Syntax: a theory of agreement*. PhD Thesis. University of Toronto, Canada, 2003.
- BÉJAR, S. Conditions on Phi-Agree. In: HARBOUR, D.; ADGER, D.; BÉJAR, S. (ed) *Phi-Theory: Phi-Features Across Modules and Interfaces*. New York: Oxford University Press, 2008.
- BIANCHI, V. *Number agreement and event pluralization: a case study*, 2005.
- BOŠKOVIC, Z.; NUNES, J. The copy theory of movement: A view from PF. In: CORVER, N.; NUNES, J. *The copy theory of movement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 13-74.
- BORER, H. *Structuring sense, Volume 1: in name only*. Oxford: Oxford University Press, 2005.
- BORGES NETO, J. O empreendimento gerativo. In.: MUSSALIN, F.; BENTES, A. C. (Orgs). *Introdução à lingüística: fundamentos epistemológicos*. 2. Ed. V. 3 São Paulo: Cortez, 2005, p. 93-129.

- BRITO, A. M. *Categorias sintáticas*. In MATEUS et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. 6.ed. Lisboa: Editorial Caminho, 2003. p. 364-432.
- BRITO, A. M. B. *Construções quantitativas e partitivas: um esboço de análise sintática*. Porto, 1988.
- BRUCART, J. M. Concordancia *ad sensum* y partitividad en español. In: ALMEIDA, M; DORTA, J. (Eds.). *Contribuciones al estudio de la lingüística hispánica: homenaje a Ramón Trujillo*. v. I, 157-183. Barcelona: Montesinos, 1997.
- CARDINALETTI, A.; GIUSTI, G. (2002) 'Quantitative constructions, quantitative clitics (*en, ne, er, jich*)'. *SynCom* ('The Syntax Companion'), Netherlands Institute for Advanced Study in the Humanities and Social Sciences (to appear as Hypertext CD-Rom or Internet document at <www.uilots.let.uu.nl/syncom>)
- CARSTENS, V. Concord in minimalist theory. *Linguistic Inquiry*, Cambridge, v. 31, n. 2, 2000, p. 319-355.
- CARVALHO, D. *A estrutura interna dos pronomes pessoais em português brasileiro*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2008.
- CERQUEIRA, M.S. *Sobre a concordância sujeito-verbo em construções partitivas no Português Brasileiro e no Português Europeu*. Handout... XXIII Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística. Évora, 2007.
- CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1965.
- CHOMSKY, N. On Binding. *Linguistic Inquiry*. v. 11, n. 1, 1980. p. 1-46.
- CHOMSKY, N. *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. *Knowledge of language: its nature, origin and use*. New York: Praeger, 1986.
- CHOMSKY, N. A Minimalist Program for Linguistic Theory. In: HALE, K.; KEYSER, S. J. (Eds.). *The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993. p. 1-52.
- CHOMSKY, N. *Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. Novos Horizontes no Estudo de Linguagem. *D.E.L.T.A.* v. 13, n. Especial, 1997. pp. 49-72.
- CHOMSKY, N. Minimalist inquiries: the framework. *MIT Working Papers in Linguistics*. Cambridge, n. 15, Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1998.
- CHOMSKY, N. *O programa minimalista*. Tradução, apresentação e notas à tradução: Eduardo Paiva Raposo. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

- CHOMSKY, N. Derivation by phase. *MIT Working Papers in Linguistics*, n. 18, Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1999.
- CHOMSKY, N. Beyond Explanatory Adequacy. In: BELLETTI, A. (Ed.). *Structures and Beyond: The Cartography of Syntactic Structure*. Vol. 3. Oxford: Oxford University Press, 2004. pp. 104-131.
- CHOMSKY, N. Three Factors in Language Design. *Linguistic Inquiry*, v. 36, n. 1, 2005. p. 1-22.
- CHOMSKY, N. Approaching UG from Below. GARTNER Hans M.; SAUERLAND, Uli. (Eds.). *Interfaces + Recursion = Language? Chomsky's Minimalism and the View from Syntax-Semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. pp. 1-30.
- CHOMSKY, N. *On Phases*. In: FREIDIN, R.; OTERO, C. P.; ZUBIZARRETA, M. L. (Eds.). *Foundational Issues in Linguistic Theory: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud*. Cambridge, MA: MIT Press, 2008. pp. 133-166.
- COLAÇO, M. *Configurações de coordenação aditiva: tipologia, concordância e extracção*. (Tese de Doutoramento). Universidade de Lisboa. Lisboa, 2005.
- CORBETT, G. Greville. *Agreement*. Cambridge University Press. Cambridge Textbooks in Linguistics. 2006.
- CORRÊA, M. L. S. & AUGUSTO, M. R.A. *Computação Lingüística no processo on line: e que medida uma derivação minimalista pode ser incorporada em modelos de processamento?* ANPOLL, 2006. p. 1-35.
- CORVER, N. Proleptic agreement as a good design property. In: COSTA, J. & FIGUEIREDO SILVA, M. C (eds.). *Studies on Agreement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 47-73.
- COSTA, J. & FIGUEIREDO SILVA, M. C. Nominal and verbal agreement in Portuguese. In: COSTA, J. & FIGUEIREDO SILVA, M. C (eds.). *Studies on Agreement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 25-46.
- COSTA, J.; MOURA, D.; PEREIRA, S. *Concordância com a gente: um problema para a teoria de verificação de traços*. Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Associação de Linguística Portuguesa, Lisboa, 2001. p. 639-656.
- COSTA, J. *Gramática, conflitos e violações: introdução à Teoria da Optimidade*. Lisboa: Caminho, 2001.

- CSIRMAZ, A. Anti-agreement: features and locality. In: COSTA, J. & FIGUEIREDO SILVA, M. C (eds.). *Studies on Agreement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006. p. 75-98.
- D’ALESSANDRO, R. Syntactic and Pragmatic features: a case study. In: MOURA, D.; SILVA, C.R.T. (Orgs.). Estudos em Sintaxe Comparativa. *Revista Leitura*, nº 33, jan./jun., 2004. p. 185-202.
- DIKKEN, Marcel Den. “Plurilinguals”, pronouns and quirky agreement. *The Linguistic Review*, n. 18, p. 19-41, 2001.
- DUARTE, M. E. L. *A perda do princípio “Evite Pronome” no português brasileiro*. Tese de doutorado, Unicamp. 1995.
- DUARTE, M.I. ET AL. *Geometria de traços e distribuição de pronomes sujeito em PE e em PB*. Handout... 3º Workshop do Projecto PE-PB. Lisboa, 2002.
- FARIAS, J.G. Sobre a natureza categorial das preposições ‘a’, ‘para’ e ‘em’ em contextos estruturais com verbos do tipo ‘ir’ e ‘chegar’: item lexical ou funcional? In: MOURA, D.; FARIAS, J. G. (Orgs.). *Reflexões sobre a sintaxe do português*. Maceió: UFAL/EDUFAL, 2005. p. 123-160.
- FEATHERSTON, S. Magnitude estimation and what it can do for your syntax: some wh-constraints in German. *Língua*, 2004.
- FIGUEIREDO SILVA, M.C. *A posição sujeito no português brasileiro: frases finitas e infinitivas*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1996.
- FRAMPTON, J. & S. GUTMANN. *Agreement is feature sharing*. Northeastern University, ms. 2000a.
- FRAMPTON, J., GUTMANN, S., LEGATE, J. & YANG, C. *Remarks on ‘Derivation by Phase’: feature valuation, agreement, and intervention*. Ms. 2000.
- FRAMPTON, J. & GUTMANN, S. Cyclic computation: a computationally efficient minimalist syntax. *Syntax*, Oxford, 1999, v. 2, n. 1, p. 1-27.
- FRANCK, J.; LASSI, G., RIZZI, L. *Agreement and movement: a syntactic analysis of attraction*. 2003.
- FRANCK, J.; VIGLIOCCO, G.; NICOL, J. Subject-verb agreement errors in French and English: the role of syntactic hierarchy. *Language and cognitive process*. 2002, 17-(4), 371-404.
- GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do Português*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2001.

- GALVES, C. O enfraquecimento da concordância no português brasileiro. In: ROBERTS, I.; Kato M. A. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, p. 387-403.
- GIRBAU, N. Partitives: one or two nouns? In. *XXIX Incontro di Grammatica Generativa*. Urbino, 2003. pp.1-15.
- GODOY, L.A.G. *Os verbos recíprocos no PB: interface sintaxe-semântica lexical*. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2008.
- GUEVARA, A. A. Verbal agreement in Spanish sentences with partitives. In: *Cuadernos de Lingüística*, v. XIV, 2007. p. 15-26.
- HAEGEMAN, L. Introduction: on the interaction of theory and description in syntax. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London, New York: Longman, 1997, p. 1-32.
- HAUSER, M., CHOMSKY, N. & FITCH, W. T. 2002. *The faculty of language: what is it, who has it, and how did it evolve?* (extraído de <http://www.sciencemag.org/cgi/content/full>, em 30/11/2002).
- HORNSTEIN, N., NUNES, J. & GROHMANN, K. *Understanding minimalism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- JACKENDOFF, R. *X' Syntax: A Study of Phrase Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press. *Linguistic Inquiry*, 2, 1977.
- KATO, M.A. *A evolução da noção de parâmetro*. D.E.L.T.A. n. 18, v.2, 2002, p. 309-337.
- KATO, M. A. A restrição de monoargumentalidade da ordem VS no português do Brasil. *Fórum Lingüístico*. n. 2. Florianópolis, out.-dez. 2000, p. 97-127.
- KIM, J. *On the Structure of English Partitive NPs and Agreement*. 2001. http://mercury.hau.ac.kr/kggc/Publications/SIGG/SIGG12/SIGG12202_JBKim.pdf
- KOPPEN, M. V. One Probe, Multiple Goals: the case of First Conjunct Agreement. In: KOPPEN, M.V. et al. (Eds.). *Special Issue of Leiden Papers in Linguistics* 3.2 (2006), (25-52).
- LEITÃO, M. M. *Psicolingüística Experimental*. (no prelo). P. 1-24.
- LIMA, R. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 40. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.
- LOBO, M. *Aspectos da sintaxe das orações subordinadas adverbiais do português*. Tese de Doutorado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2003.

- LOBO, M. *Para uma Redefinição do Parâmetro do Sujeito Nulo*, Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.
- LOPES, R. Uma proposta minimalista para o processo de Aquisição da Linguagem: relações locais. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1999.
- MAGALHAES, Telma M.V. A valoração de traços de concordância dentro do DP. *DELTA*, Jan./June 2004, vol.20, no.1, p.149-170.
- McGINNIS, M. Phi-Feature Competition in Morphology and Syntax. In: HARBOUR, D.; ADGER, D.; BÉJAR, S. (ed) *Phi-Theory: Phi-Features Across Modules and Interfaces*. New York: Oxford University Press, 2008.
- MENUZZI, S. A ordem verbo-sujeito no português do Brasil : algumas abordagens e questões em aberto. In: III CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 2003, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003, p. 1-6.
- MIGUEL, M. *O sintagma nominal em Português Europeu*: posições do sujeito. Tese de Doutorado, FLUL, Lisboa, 2004.
- Milner, J. *De la syntaxe à l'interprétation*. Paris : Seuil, 1978.
- MIOTO, C., FIGUEIREDO SILVA, M.C., LOPES, R. E.V. *Novo manual de sintaxe*. 2.ed. Florianópolis: Insular, 2005.
- MOURA, D. Variação em sintaxe. In: MOURA, D.; FARIAS, J. G. (Orgs.). *Reflexões sobre a sintaxe do Português*. Maceió: EDUFAL, 2005. p. 47-71.
- MOURA, D. Concordância de pronomes pessoais em frases copulativas. In: MOURA, D.; SILVA, C.R.T. (Orgs.). Estudos em Sintaxe Comparativa. *Revista Leitura*, nº 33, jan./jun., 2004. p. 87-110.
- NUNES, Jairo M. Minimalismo: uma entrevista com Jairo Nunes. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL*. Vol. 6, n. 10, março de 2008. < disponível em: ISSN 1678-8931 [www.revel.inf.br] >
- OLSEN, S. (AGR)eement in the German Noun Phrase. In: BHAYY, C., LÖBEL, E. & SCHMIDT, C. (eds) *Syntactic phrase structure phenomena in noun phrase & sentences*. Amsterdam: John Benjamins, 1989, p. 39-49.
- PAIXÃO DE SOUSA, M. C. *Língua Barroca: Sintaxe e História do Português nos 1600*. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2004.
- PERES, J. A.; MÓIA, T. Concordâncias. In: PERES, J. A.; MÓIA, T. *Áreas críticas da Língua Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1995. P. 443-517.

- PEREIRA, S. M. B. *Gramática comparada de “a gente”*: variação no português europeu. Dissertação (Mestrado em Gramática Comparada) – Universidade de Lisboa. Lisboa, 2003.
- PESETSKY, D. & TORREGO, E. *The syntax of valuation and the interpretability of features*. MIT/Umass, ms. 2004.
- PHILLIPS, C. *Order and structure*. Tese de Doutorado. Cambridge, Mass: MIT Press, 1996.
- POLLOCK, J. Verb movement, universal grammar, and the structure of IP. *Linguistic Inquiry*, v. 20, n. :3, p. 365-424, 1989.
- PUTNAM, M. *Eliminating Agree*. (Draft to appear in *Linguistic Analysis*). 2006. <<https://www.msu.edu/~putnam3/articles/Eliminating%20AgreeMP.pdf>>
- RADFORD, A. *Syntax: a minimalist introduction*. Great Britain, Cambridge: University Press, 1997.
- RAPOSO, E.P. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. Lisboa: Caminho, 1992.
- RIZZI, L. The new comparative syntax: principles and parameters of universal grammar. In: *10th Advanced Course Language and Cognition*. Foundation Archives Jean Piaget, Geneva, p. 1-20, October 10, 1988.
- ROBERTS, I. *Verbs and diachronic syntax*. Dordrecht : Kluwer, 1993.
- RODRIGUES, E. S. *O processamento da concordância de número entre sujeito e verbo na produção de sentenças*. (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.
- RODRIGUES, E. S. O processamento da concordância verbal em construções partitivas no português brasileiro. *Linguística*. Rio de Janeiro. Junho. 2005, vol.1, n.1, p.145-168.
- RODRIGUES, E. S. Distinguindo aspectos pré-sintáticos, sintáticos e pós-sintáticos no processamento da concordância. In: MIRANDA, N. S.; NAME, M.C. *Linguística e cognição*. Juiz de Fora: Ed. UFJF, 2005. p. 269-298.
- SÁNCHEZ LÓPEZ, Cristina. Los cuantificadores: clases de cuantificadores y estructuras cuantificativas In: BOSQUE, I. y DEMONTE, V. (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*: sintaxis básica de las clases de palabras. Vol. 1. Madrid: Espasa, 1999. p. 1025-1128.
- SCHERRE, M.M.P. *Doa-se lindos filhotes de poodle*: variação linguística, mídia e preconceito. São Paulo: Parábola, 2005.

- SCHERRE, M.M.P. *Reanálise da concordância nominal em português*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, FL/UFRJ, 1998.
- SCHERRE, M.M.P. Aspectos da concordância de número no português do Brasil. *Revista Internacional de Língua Portuguesa (RILP)* – Norma e Variação do Português. Associação das Universidades de Língua Portuguesa. 12:37-49. dez. de 1994.
- SCHERRE, M.; A. NARO. Sobre a concordância de número no português falado no Brasil. In: RUFFINO, G.(Org.). *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística*. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani. Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5: 509-523, 1998.
- SELKIRK, E. O. Some remarks on noun phrase structure. In: AKMAJIAN, A.; CULICOVER, P.; WASOW, T. (Eds.). *MSSB-UC Irvine Conference on the Formal Syntax of natural Language*. p. 285, 316. 1977.
- SILVA, C. R. T. A natureza de Agr e suas implicações na ordem VS: um estudo comparativo entre o Português Brasileiro e o Português Europeu. (Tese de Doutorado). Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2004.
- SILVA, F. *Quantificação na língua e no discurso: o caso de parte em Português*. Ms.
- SIMIONI, L. *A aquisição da concordância nominal de número no português brasileiro: um parâmetro para a concordância nominal*. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2007.
- STICKNEY, H. *The Pseudopartitive and its Illusory Projections*. Ms., University of Massachusetts, Amherst, 2004.
- TENÓRIO, T. S. *A concordância de número e de gênero entre o DP pronominal a gente e o predicativo: uma comparação entre o Português Brasileiro e o Português Europeu*. Dissertação de Mestrado. Maceió: UFAL, 2008.
- TORRES-MORAIS, Maria Aparecida C.R. Brazilian portuguese and the null subject parameter. *DELTA*. [online]. 2001, vol. 17, no. 1 [cited 2007-05-01], pp. 155-168. Available from:<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000100007&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-4450.
- VIKNER, S. V^o-to-I^o movement and inflection for person in all tenses. In: HAEGEMAN, L. (Ed.). *The New Comparative Syntax*. London, New York : Longman, 1997. p. 189-213.
- XIMENES, C. S. *Contração de preposição em estruturas coordenadas*. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2002.

ANEXOS

TESTE PILOTO

Símbolos a serem usados na avaliação:

- * Agramatical
- \$ Muito boa, eu produzo
- % Boa, mas não produzo
- £ Não produzo, mas considero possível
- ? Causa estranhamento
- ?? Muito estranhamento
- ??? MUITÍSSIMO estranhamento
- # Possível em contexto específico

GRUPO A

1. a. A maioria das pessoas são felizes.
b. A maioria das pessoas é feliz.
c. A maioria das pessoas são feliz.
2. a. A maioria dos pesquisadores de geografia comprou os livros.
b. A maioria dos pesquisadores de geografia compraram os livros.
3. a. A maioria dos livros de sintaxe foram vendidos.
b. A maioria dos livros de sintaxe foi vendida.
c. A maioria dos livros de sintaxe foi vendido.
d. A maioria dos livros de sintaxe foram vendidas.
4. a. A maioria das pessoas com AIDS são pobres
b. A maioria das pessoas com AIDS é pobre.
5. a. A maioria dos óculos de grau é cara.
b. A maioria dos óculos de grau são caras.
6. a. A maioria dos óculos de grau é caro.
b. A maioria dos óculos de grau são caros.
7. a. Um parte das pessoas estão felizes com o aumento do salário
b. Uma parte das pessoas está feliz com o aumento do salário
8. a. Uma parte das pesquisas em diacronia foi concluída.
b. Uma parte das pesquisas em diacronia foram concluídas.
9. a. Uma grande parte dos alunos do Ensino Médio não fez o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)
b. Uma grande parte dos alunos do Ensino Médio não fizeram o ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio)

10. a. A maioria das pessoas com síndrome do pânico não conseguem sair de casa sozinhas
b. A maioria das pessoas com síndrome do pânico não consegue sair de casa sozinha.
11. a. A maior parte das pesquisas em Lingüística não conseguiu financiamento.
b. A maior parte das pesquisas em Lingüística não conseguiram financiamento.
12. a. Uma parte dos funcionários aderiram à greve.
b. Uma parte dos funcionários aderiu à greve.
13. a. Uma parte dos alunos chegou atrasada
b. Uma parte dos alunos chegaram atrasados.
c. Uma parte dos alunos chegou atrasado.
d. Uma parte dos alunos chegaram atrasadas.
14. a. Uma parte das cartas chegou
b. Uma parte das cartas chegaram
c. A maioria das crianças chegou.
d. A maioria das crianças chegaram.
e. Uma parte das crianças chegou.
f. Uma parte das crianças chegaram.

GRUPO B

1. a. A maioria de todos os alunos fizeram o trabalho
b. A maioria de todos os alunos fez o trabalho.
c. A maioria dos alunos todos fez o trabalho.
d. A maioria dos alunos todos fizeram o trabalho.
- 2.a. Uma parte de todos os alunos fizeram o trabalho.
b. Uma parte de todos os alunos fez o trabalho.
c. Uma parte dos alunos todos fez o trabalho.
d. Uma parte dos alunos todos fizeram o trabalho.
3. a. Uma parte de todos os alunos que estão em recuperação fizeram o trabalho.
b. Uma parte de todos os alunos que estão em recuperação fez o trabalho.
c. Uma parte de todos os alunos da recuperação fizeram o teste.
d. Uma parte de todos os alunos da recuperação fez o teste.

GRUPO B1

1. a. A maioria de todos os homens que fumam pararam de fumar.
b. A maioria de todos os homens que fumam parou de fumar.
- 2.a. Uma parte de todos os alunos fizeram o trabalho.
b. Uma parte de todos os alunos fez o trabalho.
c. Uma parte dos alunos todos fez o trabalho.
d. Uma parte dos alunos todos fizeram o trabalho.

GRUPO C

1. a. Foi *o trabalho* o que a maioria dos alunos fez/fizeram.
b. Foi *o trabalho* que a maioria dos alunos fez/fizeram.
c. O que a maioria dos alunos fez/fizeram foi *o trabalho*.
d. *O trabalho* foi o que a maioria dos alunos fez/fizeram.
e. *O trabalho* é que a maioria dos alunos fez/fizeram.
f. A maioria dos alunos fez/fizeram foi *o trabalho*.
2. a. Foi *o trabalho* o que uma parte dos alunos fez/fizeram.
b. Foi *o trabalho* que uma parte dos alunos fez/fizeram.
c. O que uma parte dos alunos fez/fizeram foi *o trabalho*.
d. *O trabalho* foi o que uma parte dos alunos fez/fizeram.
e. *O trabalho* é que uma parte dos alunos fez/fizeram.
f. Uma parte dos alunos fez/fizeram foi *o trabalho*.

GRUPO D

1. a. A maioria das pessoas conversa uma com a outra/ umas com as outras diariamente.
b. A maioria das pessoas conversam uma com a outra/ umas com as outras diariamente.
2. a. A maioria das pessoas coopera uma com a outra/ umas com as outras.
b. A maioria das pessoas cooperam uma com a outra/ umas com as outras.
3. a. Uma parte das pessoas conversa uma com a outra/ umas com as outras diariamente..
b. Uma parte das pessoas conversam uma com a outra/ umas com as outras diariamente.
4. a. Uma parte das pessoas coopera uma com a outra/ umas com as outras.
b. Uma parte das pessoas cooperam uma com a outra/ umas com as outras.

GRUPO E

1. a. A maioria das pessoas se odeia.
b. A maioria das pessoas se odeiam.
2. a. A maioria das pessoas se alimenta mal.
b. A maioria das pessoas se alimentam mal.
3. a. Uma parte das pessoas daquele departamento se odeia.
b. Uma parte das pessoas daquele departamento se odeiam.
4. a. Uma parte das pessoas se alimenta mal.
b. Uma parte das pessoas se alimentam mal.

GRUPO F

1. a. A maioria dos professores e alunos compareceu à reunião.
b. A maioria dos professores e alunos compareceram à reunião.
2. a. Uma parte dos empresários e funcionários permaneceu no encontro.
b. Uma parte dos empresários e funcionários permaneceram no encontro.

Anexo 02

TESTE I (PORTUGUÊS EUROPEU)

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Nacionalidade:

Instrução: Leia cada uma das frases abaixo e em seguida classifique cada uma delas com o valor que julgar mais adequado. Se a frase for boa, você classifica com o símbolo X, se for muito boa, com o símbolo Y, se for ruim, com o símbolo Z, se for muito ruim, com o símbolo, W.

Veja o exemplo abaixo:

- a. Os miúdos gostam de brincar na escola. **Y**
- b. Os miúdos gostam brincar na escola. **W**

1. Ganhei uma linda bolsa e uma linda carteira de presente.
2. A maioria das pesquisas em Terapia da Fala não conseguiram financiamento pela FCT.
3. O João e a Maria fez a pesquisa.

4. Para a minha mesa ficar boa, tenho que pintar.
5. Uma parte dos alunos chegaram atrasados para o exame.
6. O João e Maria estão de férias.

7. A minha Manuela e a tua Maria foram passear.
8. A maioria dos óculos graduados são caros.
9. A minha mãe e meu pai sempre viajou nas férias.

10. O meu Machado de Assis e o teu Camões são figuras memoráveis.
11. Uma parte dos empresários e funcionários permaneceram no encontro.
12. A Minha irmã e o teu irmão se vão casar.

13. Eu votei no Pedro e Ana.
14. Grande parte das pessoas alimentam-se mal.
15. Os meus livros explicam sobre geografia.

16. Dos meus assuntos cuido eu.
17. A maior parte dos turistas europeus apreciam visita guiada aos museus.
18. Encontrei meu livro e o meu caderno sob a mesa.

TESTE I (PORTUGUÊS BRASILEIRO)

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Nacionalidade:

Instrução: Leia cada uma das frases abaixo e em seguida classifique cada uma delas com o valor que julgar mais adequado. Se a frase for boa, você classifica com o símbolo X, se for muito boa, com o símbolo Y, se for ruim, com o símbolo Z, se for muito ruim, com o símbolo, W.

Veja o exemplo abaixo:

- a. As crianças gostam de brincar na escola. **Y**
- b. As crianças gostam brincar na escola. **W**

1. Ganhei uma linda bolsa e uma linda carteira de presente.
2. A maioria das pesquisas em Fonoaudiologia não conseguiram financiamento pela FAPEAL.
3. O João e a Maria fez a pesquisa.

4. Para a minha mesa ficar boa, tenho que pintar.
5. Uma parte dos alunos chegaram atrasados para o exame.
6. O João e Maria estão de férias.

7. A minha Manuela e a tua Maria foram passear.
8. A maioria dos óculos de grau são caros.
9. A minha mãe e meu pai sempre viajou nas férias.

10. O meu Machado de Assis e o teu Camões são figuras memoráveis.
11. Uma parte dos empresários e funcionários permaneceram no encontro.
12. A Minha irmã e o teu irmão se vão casar.

13. Eu votei no Pedro e Ana.
14. Grande parte das pessoas alimentam-se mal.
15. Os meus livros explicam sobre geografia.

16. Dos meus assuntos cuido eu.
17. A maior parte dos turistas europeus apreciam visita guiada aos museus.
18. Encontrei meu livro e o meu caderno sob a mesa.

Anexo 03

TESTE II (PORTUGUÊS EUROPEU)

Nome:
Idade:
Escolaridade:
Nacionalidade:

Completar a lacuna de cada frase (no masculino ou feminino, singular ou plural) como acha que diz normalmente.

1. A maioria dos óculos graduados _____ (SER CARO).
2. A maioria dos lápis de cor _____ (ESTAR COM DEFEITO).
3. Uma parte dos professores _____ (COMPRAR) os livros.
4. Uma parte dos livros _____ (SER VENDIDO).
5. A maior parte dos miúdos _____ (CHEGAR).
6. A maior parte dos pneus _____ (FURAR).
7. Grande parte das pessoas _____ (ALIMENTAR-SE) mal.
8. Grande parte dos estudantes _____ (FAZER) o trabalho.
9. Uma minoria dos resumos _____ (SER ACEITE) para o congresso
10. Uma minoria dos fumadores portugueses _____ (PROTESTAR) ontem contra a nova lei.

TESTE II (PORTUGUÊS BRASILEIRO)

Nome:

Idade:

Escolaridade:

Nacionalidade:

Completar a lacuna de cada frase (no masculino ou feminino, singular ou plural) como acha que diz normalmente.

1. A maioria dos óculos de grau _____ (SER CARO).
2. A maioria dos lápis de cor _____ (ESTAR COM DEFEITO).
3. Uma parte dos professores _____ (COMPRAR) os livros.
4. Uma parte dos livros _____ (SER VENDIDO).
5. A maior parte das crianças _____ (CHEGAR).
6. A maior parte dos pneus _____ (FURAR).
7. Grande parte das pessoas _____ (ALIMENTAR-SE) mal.
8. Grande parte dos estudantes _____ (FAZER) o trabalho.
9. Uma minoria dos resumos _____ (SER ACEITE) para o congresso
10. Uma minoria dos fumantes portugueses _____ (PROTESTAR) ontem contra a nova lei.